

UNIVERSIDADE ABERTA



**A DIMENSÃO DIALÓGICA DOS ATOS ILOCUCIONÁRIOS NA TESSITURA
ARGUMENTATIVA DOS GÊNEROS ACADÊMICOS: UMA ANÁLISE
PRAGMÁTICO-DISCURSIVA DE DISSERTAÇÕES**

Simone Souza Cunha da Silva

2101811

Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa

Orientadora: Professora Doutora Isabel Maria Loureiro de Roboredo Seara

2023

UNIVERSIDADE ABERTA



**A DIMENSÃO DIALÓGICA DOS ATOS ILOCUCIONÁRIOS NA TESSITURA
ARGUMENTATIVA DOS GÊNEROS ACADÊMICOS: UMA ANÁLISE
PRAGMÁTICO-DISCURSIVA DE DISSERTAÇÕES**

Simone Souza Cunha da Silva

2101811

Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa

Orientadora: Professora Doutora Isabel Maria Loureiro de Roboredo Seara

Lisboa, abril de 2023

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

AGRADECIMENTOS

Procuro semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça. Digo o que penso, com esperança. Penso no que faço, com fé. Faço o que devo fazer, com amor. Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também se aprende. Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir.

Cora Coralina

Para falar de gratidão, precisamos trazer as dores e os amores, os sabores e dissabores partilhados durante a caminhada e, neste momento, carinhosamente agradeço...

Gratidão aos meus pais, Jamil Cunha (*in memoriam*) e Aramari Souza, por sempre me incentivarem na busca incessante por um mundo melhor, com menos injustiça e mais solidariedade, respeito e empatia para com o próximo... dos pequenos gestos aos atos de grandeza, dos acertos aos erros, meus pais me ensinaram, com seu exemplo, a ser humana.

Gratidão aos meus filhos, Maria Eduarda, Maria Alice (*in memoriam*) e Guilherme, por me ensinarem a ser mãe, mesmo na ausência, quando percebo que não consigo protegê-los de todo o mal. Depois de tantos anos, hoje posso dar a Maria Eduarda e Guilherme um exemplo de nunca desistir dos sonhos, por mais difíceis e distantes que possam parecer. Gratidão ao meu esposo, Hermes Freitas, que me acompanha nas andanças da vida... entre alegrias e atropelos, já se vão 25 anos de caminhada.

Gratidão à minha querida orientadora, Professora Doutora Isabel Roboredo Seara, por ter me amparado no momento mais difícil dessa jornada e ter me conduzido pelos fascinantes caminhos da Linguística. Pelas águas do Atlântico, suas palavras sempre foram luz! Gratidão também às professoras do Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa - MELP, com um especial gesto de apreço e admiração às professoras Ana Braz, Isabelle Simões e Isabel Falé, sem esquecer a Coordenação de Curso e a Secretária.

Gratidão aos meus colegas do MELP, com quem aprendi sua cultura e história, sua compreensão de mundo e a como superar dificuldades que, muitas vezes, eram minhas também... o trabalho conjunto atravessou as fronteiras ultramarinas e nos fez alcançar muito mais do que imaginávamos.

Muito obrigada a todos! Um abraço afetuoso de quem decidiu não desistir pelo apoio de cada um de vocês!

Aos meus pais, Jamil Cunha (*in memoriam*) e Aramari Souza, por terem me ensinado o valor da educação.

Aos meus filhos, Maria Eduarda, Maria Alice (*in memoriam*) e Guilherme, razão de minha existência, por terem me ensinado o amor incondicional.

*Porque se chamavam homens
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem [...]*
(Milton Nascimento, *Clube da Esquina n° 2*, 1972)

*Cada coisa a seu tempo tem seu tempo
Não florescem no inverno os arvoredos
Nem pela primavera
Têm branco frio os campos.*
(Ricardo Reis, *Fernando Pessoa: poesia completa de Ricardo Reis*, 2013)

*Ler e escrever a palavra só nos fazem deixar de
ser sombra dos outros quando, em relação
dialética com a “leitura do mundo”, tem que ver
com o que chamo a “re-escrita” do mundo, quer
dizer, com sua transformação.*
(Paulo Freire, *Pedagogia da Indignação*, 2000)

Toda escrita depende da generosidade do leitor.
(Alberto Manguel, *Uma história da leitura*, 2021)

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE
STATEMENT OF INTEGRITY

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação/tese. Confirmo que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta (regulation published in the official journal Diário da República, 2.ª série, N.º 215, de 6 de novembro de 2013).

Universidade Aberta, 18 de abril de 2023.

Nome completo/Full name: SIMONE SOUZA CUNHA DA SILVA

Assinatura/Signature:



A presente dissertação está escrita em português brasileiro, tendo em vista a nacionalidade brasileira da autora.

A DIMENSÃO DIALÓGICA DOS ATOS ILOCUCIONÁRIOS NA TESSITURA ARGUMENTATIVA DOS GÊNEROS ACADÊMICOS: UMA ANÁLISE PRAGMÁTICO-DISCURSIVA DE DISSERTAÇÕES

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo a dialogicidade dos atos ilocucionários na construção argumentativa de gêneros acadêmicos, especificamente dissertações de mestrado produzidas no Brasil e em Portugal. Para isso, foram selecionadas dissertações de repositórios científicos desses países, cujas “Introduções” e “Conclusões” serviram de *corpora* para a análise pretendida. Sob uma abordagem qualitativa, com viés etnográfico e intercultural, através de pesquisa bibliográfica e documental, este estudo enquadra-se nos pressupostos teóricos da Pragmática Linguística, da Linguística Textual, da Análise do Discurso e da Teoria da Argumentação no Discurso. Assim fundamenta-se nas pesquisas defendidas por Austin (1990 [1962]) e Searle (2000, 2005 [1979], 2011 [1969]), também Rajagopalan (1990, 1996, 2010) sobre os atos de linguagem; nos contributos de Authier-Revuz (1990, 1999, 2004), Bakhtin (1993, 1997 [1979]), Bres e Nowakowska (2006), e Volóchinov (2018 [1929]), quanto a dialogismo; nas pesquisas de Swales (1990) sobre comunidade discursiva; e nos estudos de Amossy (2007, 2008, 2011, 2016, 2018 [2000], 2022), Hyland (2005, 2008, 2012), Koch e Elias (2016), Rabatel (2004a, 2004b, 2014), e Silva e Santos (2020), a respeito da argumentação no discurso acadêmico. Consoante os *corpora*, depreendemos que os atos de linguagem revelam as dimensões dialógicas conforme o valor argumentativo pretendido para defender o ponto de vista (PDV) do locutor, considerando ainda a sua responsabilidade e postura enunciativas perante o interlocutor. Ademais, afirmamos que tais produções acadêmicas são um reflexo do panorama sociocultural e histórico dos seus autores, os quais ainda acrescentam seu conhecimento de mundo àquilo que escrevem.

Palavras-chave: Atos ilocucionários; Dialogismo; Discurso acadêmico; Argumentação.

**THE DIALOGICAL DIMENSION OF ILLOCUTIONARY ACTS IN THE ARGUMENTATIVE
TESSITURE OF ACADEMIC GENRES: A PRAGMATIC-DISCURSIVE ANALYSIS OF
DISSERTATIONS**

ABSTRACT

This paper aims to study the dialogicity of illocutionary acts in the argumentative construction of academic genres, specifically master's dissertations produced in Brazil and Portugal. To this end, dissertations were selected from scientific repositories of these countries, whose "Introductions" and "Conclusions" served as corpora for the intended analysis. Under a qualitative approach, with ethnographic and intercultural bias, through bibliographic and documental research, this study is framed by the theoretical assumptions of Linguistic Pragmatics, Textual Linguistics, Discourse Analysis and Argumentation Theory of Discourse. Thus it is grounded in the research advocated by Austin (1990 [1962]) and Searle (2000, 2005 [1979], 2011 [1969]), also Rajagopalan (1990, 1996, 2010) on language acts; in the contributions of Authier-Revuz (1990, 1999, 2004), Bakhtin (1993, 1997 [1979]), Bres and Nowakowska (2006), and Volóchinov (2018 [1929]), regarding dialogism; in Swales' (1990) research on discourse community; and in Amossy's (2007, 2008, 2011, 2016, 2018 [2000], 2022), Hyland's (2005, 2008, 2012), Koch and Elias' (2016), Rabatel's (2004a, 2004b, 2014), and Silva and Santos' (2020) studies, regarding argumentation in academic discourse. According to the corpora, we deduce that the language acts reveal the dialogical dimensions according to the argumentative value intended to defend the speaker's point of view (POS), also considering his enunciative responsibility and posture before the interlocutor. Furthermore, we affirm that such academic productions are a reflection of the sociocultural and historical background of their authors, who also add their world knowledge to what they write.

Keywords: Illocutionary Acts; Dialogism; Academic Discourse; Argumentation.

**LA DIMENSION DIALOGIQUE DES ACTES ILLOCUTIONNAIRE
DANS LA TESSITURE ARGUMENTATIVE DES GENRES ACADÉMIQUES : UNE ANALYSE
PRAGMATIQUE-DISCURSIVE DES DISSERTATIONS**

RÉSUMÉ

Cet article vise à étudier la dialogicité des actes illocutoires dans la construction argumentative des genres académiques, en particulier les mémoires de maîtrise produits au Brésil et au Portugal. Pour ce faire, des mémoires ont été sélectionnés dans les archives scientifiques de ces pays, dont les "Introductions" et les "Conclusions" ont servi de corpus pour l'analyse envisagée. Dans le cadre d'une approche qualitative, avec un biais ethnographique et interculturel, à travers une recherche bibliographique et documentaire, cette étude est encadrée par les hypothèses théoriques de la Pragmatique Linguistique, de la Linguistique Textuelle, de l'Analyse du Discours et de la Théorie de l'Argumentation dans le Discours. Elle s'appuie ainsi sur les recherches préconisées par Austin (1990 [1962]) et Searle (2000, 2005 [1979], 2011 [1969]), ainsi que Rajagopalan (1990, 1996, 2010) sur les actes de langage ; sur les contributions d'Authier-Revuz (1990, 1999, 2004), Bakhtin (1993, 1997 [1979]), Bres et Nowakowska (2006), et Volóchinov (2018 [1929]), en ce qui concerne le dialogisme ; dans les recherches de Swales (1990) sur la communauté discursive ; et dans les études d'Amossy (2007, 2008, 2011, 2016, 2018 [2000], 2022), Hyland (2005, 2008, 2012), Koch et Elias (2016), Rabatel (2004a, 2004b, 2014), et Silva et Santos (2020), sur l'argumentation dans le discours universitaire. D'après les corpus, nous déduisons que les actes de langage révèlent les dimensions dialogiques en fonction de la valeur argumentative destinée à défendre le point de vue (POS) du locuteur, en considérant également sa responsabilité énonciative et sa posture face à l'interlocuteur. De plus, nous affirmons que ces productions académiques sont un reflet du contexte socioculturel et historique de leurs auteurs, qui ajoutent également leur connaissance du monde à ce qu'ils écrivent.

Mots-clés: Actes illocutoires; Dialogisme; Discours académique; Argumentation.

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| 1 INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 TEORIAS E CONCEPÇÕES FUNDANTES DA PESQUISA | 24 |
| 2.1 Gêneros do discurso e comunidade discursiva | 27 |
| 2.1.1 <i>Discurso acadêmico</i> | 30 |
| 2.1.2 <i>A responsabilidade enunciativa na construção do ethos científico</i> | 34 |
| 2.1.2.1 Discurso outro | 36 |
| 2.1.2.2 Ponto de vista (PDV) | 38 |
| 2.1.2.3 <i>Ethos científico</i> | 40 |
| 2.2 Atos de linguagem | 41 |
| 2.3 Dialogismo | 48 |
| 2.3.1 <i>Dialogismo interdiscursivo, interlocutivo e intralocutivo</i> | 51 |
| 2.4 Argumentação | 54 |
| 2.4.1 <i>Os atos ilocucionários na tessitura argumentativa entre parágrafos</i> | 60 |
| 3 METODOLOGIA | 62 |
| 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS <i>CORPORA</i> : UM OLHAR ETNOGRÁFICO | 67 |
| 4.1 Dissertações do Brasil | 72 |
| 4.1.1 <i>A dimensão dialógica dos atos ilocucionários na “Introdução”</i> | 73 |
| 4.1.2 <i>A dimensão dialógica dos atos ilocucionários na “Conclusão”</i> | 81 |
| 4.2 Dissertações de Portugal | 87 |
| 4.2.1 <i>A dimensão dialógica dos atos ilocucionários na “Introdução”</i> | 88 |
| 4.2.2 <i>A dimensão dialógica dos atos ilocucionários na “Conclusão”</i> | 96 |
| 4.3 A argumentatividade dos atos ilocucionários nos gêneros incluídos dos <i>corpora</i> | 104 |
| 4.4 Aspectos interculturais do discurso acadêmico em dissertações no Brasil e em Portugal | 113 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 119 |
| REFERÊNCIAS | 122 |

ÍNDICE DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - Atos ilocucionários, segundo Austin | 44 |
| Quadro 2 - Atos ilocucionários, segundo Searle | 45 |
| Quadro 3 - Dissertações produzidas no Brasil | 69 |
| Quadro 4 - Dissertações produzidas em Portugal | 70 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|--------|---|
| BDTD | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações |
| IMRDC | Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão e Conclusão |
| OEI | Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura |
| PB | Português brasileiro |
| PDV | Ponto de vista |
| PE | Português europeu |
| PISF | <i>Probable in some fields</i> |
| PPPLE | Portal do Professor de Português Língua Estrangeira |
| PROUNI | Programa Universidade para Todos |
| PRR | Plano de Recuperação e Resiliência |
| RA | <i>Research Article</i> |
| RCAAP | Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal |
| REUNI | Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais |
| SCI | Índice de Citação Científica Expandida |
| TAD | Teoria da Argumentação no Discurso |
| TIC | Tecnologia da Informação e da Comunicação |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 - Foco temático da pesquisa | 20 |
| Figura 2 - Situação comunicativa | 56 |
| Figura 3 - Parâmetro de gênero acadêmico 1 | 109 |
| Figura 4 - Parâmetro de gênero acadêmico 2 | 110 |
| Figura 5 - Parâmetro de gênero acadêmico 3 | 110 |
| Figura 6 - Parâmetro de gênero acadêmico 4 | 111 |

1 INTRODUÇÃO

O enunciado está voltado não só para o objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto.¹

Escrever um texto “não é tão diferente de todas essas coisas que começamos a fazer antes de saber fazê-las: falar outra língua, conduzir, ser mãe. Viver” (Vallejo, 2019, s.p.). Assim foi a escrita da dissertação que ora apresentamos e que, entre idas e vindas, encontra-se em condições pretensamente suficientes de ser lida, compreendida, contestada, enfim, ser transformada, de alguma maneira, em conhecimento.

Sendo assim, iniciamos a investigação pela tese de que todo discurso, compreendido como ação social e interacional pela linguagem, tem um acento de valor e carrega em si as relações dialógicas mantidas com outras vozes, as quais permeiam a construção de seu sentido. Aliado a isso, tomando a epígrafe como base, podemos inferir que toda produção linguística demonstra em si uma orientação relativa ao interlocutor. Assim, não existe discurso imparcial, neutro, completamente objetivo e voltado tão somente para si mesmo.

Sob esse prisma, estabelece-se uma relação recíproca e dialética entre a língua e o contexto na composição da tessitura discursiva.² Gouveia e Santos (2022), a respeito disso, afirmam que:

Os textos, enquanto realidades empíricas, consubstanciam as interações, plasmando os objetivos com que são levadas a cabo. Em concreto, dimensões textuais como a organização do conteúdo referencial, a combinação de frases, os mecanismos de textualização e de enunciação operacionalizam as dimensões sociais do contexto. (p. 23).

No domínio discursivo acadêmico, tal fenômeno não é diferente, pois os gêneros do discurso pertencentes a essa esfera apresentam-se como eventos linguísticos caracterizados pela intencionalidade do locutor³ em persuadir, de alguma forma, o seu interlocutor e são permeados por discursos outros que fundamentam sua tese, bem como pelo contexto em

¹ Bakhtin, 1997 [1979], p. 320.

² Dada a relevância do contexto na produção discursiva, esclarecemos que esta dissertação está escrita de acordo com o português brasileiro (doravante PB), tendo em vista a nacionalidade brasileira da autora.

³ Concebemos locutor como “aquele que fala em uma dada instância do discurso e que, ao falar, se autoindica através de marcas específicas da língua” (Flores *et al.*, 2009, p. 157). Dada a diversidade de teorias, afirmamos que locutor “designa ora o sujeito falante em geral, ora o sujeito que tem a iniciativa do ato de comunicação, ora o sujeito falante que se encontra, exclusivamente, em situação de comunicação oral” (Charaudeau & Maingueneau, 2020 [2002], p. 310).

que se inserem. Conforme Marcuschi (2008, p. 82), o contexto “é algo mais do que um simples entorno e não se pode separar de forma rigorosa de seu contexto discursivo. Contexto é fonte de sentido”.

Sob tal perspectiva, a escrita científica, tida como uma possibilidade epistêmica de transformação do conhecimento, revela-se como uma prática em que se aplicam movimentos retórico-discursivos que permitem alcançar seus objetivos comunicativos, apresentando prototipicamente o referenciamento a outras vozes como base para a construção de um discurso autoral. Essa produção discursiva se constitui com base no aparato dialógico-argumentativo entre pares e membros, já experientes ou não nesse domínio discursivo, pertencentes a determinadas comunidades de práticas; e promove uma reflexão sobre seu próprio saber em contextos de apropriação participativa, nos quais são desenvolvidas competências linguístico-discursivas para uma argumentação cada vez mais efetiva (Padilla, 2018).

Nesse sentido, a escrita acadêmica, sendo um processo que envolve cognição e interação social, “permite a negociação de significados, o que implica uma forte tensão e conflito entre as múltiplas forças que formam o significado: o contexto social e cultural, as demandas do discurso e as próprias metas e o conhecimento do escritor” (Padilla, 2018, p. 278), além da responsividade do interlocutor. É marcada, portanto, pela intersubjetividade entre o eu e o(s) outro(s), revelada pelas vozes evocadas e, enquanto um dizer pertinente, anteriormente inexistente, autorizada pelas comunidades nas quais se inserem (Marques, 2020).

Sendo assim, os membros da comunidade científica produzem argumentativamente textos, constituídos de atos de linguagem, providos de significados e intenções, para que sejam compreendidos e estes tenham valor de verdade, dispondo assim dos elementos (con)textuais inerentes a todo enunciado linguístico. Além disso, ao escreverem, esses sujeitos não apenas falam sobre ciência, mas também a fazem no momento mesmo da escrita, construindo um saber veiculado em forma de gêneros discursivos próprios dessa esfera da comunicação.

Antes de encetarmos a investigação propriamente dita, consideramos válido apontar algumas características do gênero do discurso ‘dissertação de mestrado’, objeto de análise deste estudo. No domínio discursivo acadêmico, a ‘dissertação de mestrado’ expressa fundamentalmente a autonomia em pesquisa científica do aluno, revelada através dos

resultados apresentados pela modalidade escrita da língua; bem como sua autoconfiança para implementar o conhecimento construído durante o curso. Assim a dissertação é “o produto de um projeto de pesquisa direcionado [...]. Os alunos são normalmente assistidos por um orientador que, através de consultas regulares, aprova as suas propostas, orienta as suas pesquisas e acompanha o seu progresso”⁴ (Hyland, 2009, p. 133). Considerando os aspectos pragmáticos dessa produção discursiva, um sujeito locutor de uma dissertação deve alcançar estes objetivos, bem apontados por Silva (2012):

- Redigir, com correção e adequação, um texto extenso em que expõe de forma objetiva, clara e ordenada o tema abordado, os fundamentos teórico-metodológicos e as conclusões do processo de investigação;
- Proceder à leitura crítica de bibliografia relevante, selecionada em função do tema tratado;
- Dominar um modelo teórico aplicável ao tema que é objeto de estudo;
- Extrair conclusões válidas da análise efetuada. (p. 251).

Em Portugal, o Decreto-Lei nº 65, de 16 de agosto de 2018, publicado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, afirma que o processo de formação de um mestre deve ser composto, além da parte curricular, de:

Uma dissertação de natureza científica ou um trabalho de projeto, originais e especialmente realizados para este fim, ou um estágio de natureza profissional objeto de relatório final, consoante os objetivos específicos visados, nos termos que sejam fixados pelas respetivas normas regulamentares, a que corresponde um mínimo de 30 créditos. (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2018, p. 4164).

No Brasil, tal normatização está contida no Parecer nº 977, de 3 de dezembro de 1965, o qual estabelece que, além de disciplinas curriculares, “do candidato ao Mestrado exige-se dissertação, sobre a qual será examinado, em que revele domínio do tema escolhido e capacidade de sistematização”.⁵

* Nota da autora: Todas as traduções feitas, nesta dissertação, são de responsabilidade da autora. A escolha pela tradução das citações, originalmente escritas nas línguas inglesa, francesa e espanhola, se apoia na proposta da Professora Margarita Correia, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em entrevista concedida a Sónia Valente Rodrigues, na qual defende a escrita de “ciência primeiramente em português e, mesmo quando para o investigador ou grupo de investigação é relevante escrever e publicar em inglês, produzir versões em português dos seus trabalhos” (Rodrigues, 2022, p. 436), como forma de promover a língua portuguesa como língua de ciência. Para saber mais sobre a temática, cf.: <https://oei.int/pt/escritorios/secretaria-geral/publicacoes/el-portugues-y-el-espanol-en-la-ciencia-apuntes-para-un-conocimiento-diverso-y-accesible>.

⁴ Trecho original: “the product of a directed research project, [...]. Students are typically assisted by a supervisor who, through regular consultations, approves their proposals, guides their research and monitors their progress”.

⁵ Parecer nº 977, de 3 de dezembro de 1965. <http://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=314#anchor>. [17 mar. 2023].

Tendo em vista esses aspectos, o caráter acional e dialógico do discurso, sua orientação para o outro e a abundância de produções escritas e orais no domínio discursivo acadêmico, bem como o amplo interesse investigativo sobre os gêneros desse campo, realizamos, no ano curricular deste mestrado, uma incipiente pesquisa sobre os atos ilocucionários em dissertações. A partir disso, refletimos sobre a relevância de analisar a dimensão dialógico-argumentativa desses atos em gêneros incluídos⁶ para a produção de dissertações. No caso desta investigação, os gêneros incluídos a que nos atemos são a “Introdução” e a “Conclusão” de dissertações de mestrado produzidas no Brasil e em Portugal.

No que se refere aos gêneros incluídos, segundo Swales e Feak (2012, p. 285), a “Introdução” tem como principal objetivo “fornecer a justificativa [...], passando de uma discussão geral do tópico para a questão, o problema ou a hipótese específica que está sendo investigada”.⁷ Já a Conclusão, tida como similar a Resultados e Discussão [a depender da área do conhecimento em que se insere a dissertação], apresenta os seguintes elementos, divididos entre obrigatórios e opcionais:

- I) Informações básicas (propósitos da pesquisa, teoria, metodologia) - opcional, mas *PISF*;⁸
- II) Resumo e retomada dos principais resultados - obrigatório;
- III) Comentário dos principais resultados (fazer afirmações, explicar os resultados, comparar o novo trabalho com os estudos anteriores, oferecer explicações alternativas) - obrigatório;
- IV) Informação sobre as limitações do estudo - opcional, mas *PISF*;
- V) Recomendações para implementação futura e/ou para pesquisas futuras - opcional.⁹ (Swales & Feak, 2012, p. 368).

⁶ Sobre essa concepção, ver Silva e Santos (2020, p. 191): “[...] capítulos ou seções como a Introdução e as Conclusões são perspectivadas como gêneros incluídos. De acordo com Rastier (2001), ‘um gênero incluído é uma classe de textos que ocorre geralmente como parte de um gênero maior’”. Silva (2021, p. 19) ainda afirma que “introdução ou as conclusões de um artigo científico podem ser perspectivadas como gêneros incluídos, mas não como gêneros de enunciado”, apontando para mais uma classificação de gênero.

⁷ Trecho original: “to provide the rationale [...], moving from a general discussion of the topic to the particular question, issue, or hypothesis being investigated. A second purpose is to attract interest in the topic - and hence readers.”

⁸ “*PISF - probable in some fields*” [provável em algumas áreas]. (Swales & Feak, 2012, p. 368).

⁹ Trecho original: I) Background information (research purposes, theory, methodology) - optional, but *PISF*; II) Summarizing and reporting key results - obligatory; III) Commenting on the keys results (making claims, explaining the results, comparing the new work with the previous studies, offering alternative explanations) - obligatory; IV) Stating the limitations of the study - optional, but *PISF*; V) Making recommendations for future implementation and/or for future research - optional. (Swales & Feak, 2012, p. 368).

Ainda sobre esse tópico, recorremos a Aristóteles (2005, p. 297), o qual afirma que, “no próêmio, convém expor o assunto para que não passe despercebido acerca do que está em causa; no epílogo, bastam os pontos principais do que foi demonstrado”.

Dada essa explicação inicial, voltamos à pesquisa ora iniciada, que se ampara em diferentes, mas complementares, fundamentos teóricos para estudar a língua em uso, considerando o contexto e os efeitos pretendidos¹⁰ em seus interlocutores como resultado desse ato discursivo, entre os quais podemos destacar o convencimento pela argumentação apresentada. Em outras palavras, é um estudo que se sustenta na análise da produção linguística real dos sujeitos, em um contexto específico [neste caso, o acadêmico], em que o ato de linguagem, por meio da dialogicidade com viés argumentativo, é a própria ação sobre o outro e o mundo.

Assim, desenvolvemos um estudo a partir da interface entre as seguintes abordagens teóricas da Linguística: a Pragmática Linguística, a Linguística Textual, a Análise do Discurso e a Teoria da Argumentação no Discurso, embasando-nos na ideia de que “o conhecimento profundo, aquele que gera um diálogo sério e empenhado, pode estar ao serviço da construção do conhecimento” (Seara, 2022, p. 12). E tal entendimento é o que objetivamos expressar neste estudo, inter-relacionando aspectos pragmático-discursivos e sociais na produção textual acadêmica, sem que sejam esgotadas as possibilidades de análise.

Como arcabouço teórico fundante, destacamos os estudos de dois filósofos que contribuíram (e ainda contribuem) sobremaneira para a compreensão da linguagem: Austin (1990 [1962]), teórico inglês, apresentou suas reflexões sobre os atos de linguagem em um ciclo de conferências na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, em 1955. Sua “Teoria dos Atos de Fala”, como ficou conhecida, tornou-se livro apenas após a sua morte e, com um amplo e controverso legado, tem sido desenvolvida por outros estudiosos, não só pelo mais notável deles, John Searle, mas também por Jünger Habermas, Dieter Wunderlich, Niklas Luhmann, François Récanati e Kanavillil Rajagopalan. Além disso, tem se integrado a várias pesquisas em outras áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Psicologia e a Linguística, constituindo-se assim um campo de estudo de amplo interesse.

¹⁰ “Os efeitos produzidos não coincidem necessariamente [...] com os efeitos pretendidos. [...] Acrescenta-se que efeitos pretendidos e efeitos produzidos fazem eco à *força ilocutória* e *perlocutória* dos atos de linguagem.” (Charaudeau & Maingueneau, 2020 [2002], p. 180, grifos dos autores).

Considerando a relação com o outro e a intenção de persuadir, adotamos outra concepção tão importante quanto a anterior para os estudos da linguagem e do discurso. Bakhtin (1997 [1979]) e o Círculo batizado com seu nome trouxeram à Linguística o conceito de dialogismo, ao lado de outros, como alteridade e responsividade. Segundo seus escritos, todo discurso se baseia em outro já dito, sendo assim “produzido no e pelo interdiscurso” (Authier-Revuz, 1999, p. 10), o chamado dialogismo constitutivo; bem como é orientado ao outro, seja este presumido ou real. Logo, todo enunciado pressupõe outros antecedentes e procedentes, não existindo palavra que já não tenha sido de alguém (Bakhtin, 1997 [1979]; Bres & Nowakowska, 2006; Volóchinov, 2018 [1929]). Sendo assim, por seu caráter dialógico, o enunciado, sob o ponto de vista bakhtiniano, é estudado em suas singularidades para que assim sejam feitas generalizações sob o olhar da ciência.

Destarte, essa relação dialógica entre os discursos dá à palavra um status de pertencimento não só ao locutor, mas também ao interlocutor, visto que, no sistema da língua ou no discurso, estão sempre presentes, monologicamente ou dialogicamente, o sujeito enunciadador¹¹ e o outro, ambos responsivos, interagindo constantemente com outras vozes, a que recorrem para a sua produção discursiva.

Percebemos assim que esses filósofos empreenderam suas pesquisas acerca da linguagem, sob diferentes pontos de vista, e suscitaram outras reflexões. Com isso, seus estudos não se esgotaram com o decorrer do tempo, mas, ao contrário, se expandiram e, por meio da inter-relação com diferentes campos do conhecimento, tornaram-se outras abordagens do dizer/fazer linguístico.

Sob tais perspectivas teóricas pragmático-discursivas, buscamos compreender a relação dialógica estabelecida entre interlocutores da comunidade discursiva acadêmica, cujas práticas de escrita englobam aspectos referentes ao conteúdo a ser discutido e defendido; aos tópicos a serem selecionados e organizados, orientados para o público-alvo, sejam pares, professores, orientadores ou ainda interlocutores que, *a priori*, não se encontrem nesses grupos; e à escolha dos recursos discursivos e da estrutura textual adequados à finalidade enunciativa.

¹¹ Entendemos enunciadador como um “o autor implícito no texto, pressuposto pela própria existência do enunciado, que lhe dá sentido” (Flores *et al.*, 2009, p. 110). Por fim, apoiamos-nos em Rabatel (2004a, p. 6) para fazer a distinção entre locutor e enunciadador: “Distinguiremos, portanto, o locutor (instância que profere um enunciado engajado ou desengajado, em suas dimensões fonética e fática ou escritural) do enunciadador (instância das atualizações realizadas pelo sujeito modal) que assume o enunciado em um sentido muito menos abstrato do que a assunção de responsabilidade decorrente da ancoragem dêitica”.

Na prossecução dos objetivos desta pesquisa, circunscrevemos nossa análise a dissertações de mestrado, especificamente aos gêneros incluídos “Introdução” e “Conclusão”, resultando em uma análise focada de acordo com o esquema abaixo:

Figura 1 - Foco temático da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Tendo isso em vista, desenvolvemos uma investigação pragmático-enunciativa, com viés etnográfico¹² e intercultural, cujo objetivo geral é analisar a dimensão dialógica dos atos de linguagem na construção da tessitura argumentativa das dissertações de mestrado, especificamente dos gêneros incluídos “Introdução” e “Conclusão”, produzidas no Brasil e em Portugal. A fim de alcançar esse objetivo, elencamos os seguintes objetivos específicos:

- A) Investigar os atos ilocucionários presentes nos referidos gêneros incluídos;
- B) Analisar o dialogismo revelado pelos atos ilocucionários dos *corpora*;
- C) Verificar a argumentatividade dos atos ilocucionários selecionados;
- D) Compreender a relevância da dialogicidade dos atos ilocucionários na tessitura argumentativa das dissertações produzidas nos países alvo do estudo;
- E) Comparar interculturalmente, em nível linguístico e discursivo, as semelhanças e diferenças entre os atos ilocucionários utilizados nos *corpora* analisados em português brasileiro e europeu; e
- F) Sistematizar as semelhanças e as diferenças encontradas na realização dos atos discursivos analisados.

¹² A etnografia, neste trabalho, busca analisar o dizer (que significa fazer) dos autores das dissertações que compõem os *corpora*, compreendendo tais discursos “sem posicionamento já tomado, [discernindo] a partir disso todas as facetas de sua complexidade, ou mesmo suas tensões e suas aporias, sem qualquer programa determinado *a priori*” (Amossy, 2016, p. 188).

Buscamos assim compreender os atos de linguagem em sua dialogicidade com o outro e o mundo, considerando os sujeitos envolvidos e os aspectos socioculturais e históricos a eles atrelados.

Dados os objetivos acima destacados, é importante ressaltar que já existem diversos estudos sobre gêneros acadêmicos focados nas diferentes seções que compõem as teses de doutoramento e as dissertações de mestrado. Dentre os objetivos de tais pesquisas, “contam-se o de didatizar a comunicação acadêmica no ensino superior, com vistas a superar os obstáculos dos estudantes e investigadores, quer na interpretação, quer na produção de textos de gêneros acadêmicos diversos” (Silva & Santos, 2020, p. 189), o que se coaduna ao pretendido nesta pesquisa. Sobre a relevância de estudos dessa natureza, Gouveia (2019, p. 34) afirma que:

A investigação do discurso acadêmico faz-se para se tentar perceber efetivamente que realidade é esta e como mapeá-la, descrevê-la e cartografá-la, mas desse fazer resulta também a necessidade de produção de materiais que permitam o desenvolvimento da literacia.

Ainda sob tal aspecto, Guimarães (2015, p. 110) convoca um estudo de Castro *et al.* (2008-2009) para reforçar esta dupla vantagem de associação da aquisição e desenvolvimento da competência de escrita específica à de adequação à prática social que lhe subjaz. Sendo assim, os autores asseveram que:

[...] aprender os gêneros discursivos empregados no âmbito acadêmico não é só adquirir uma técnica, mas também incorporar-se a uma prática social, o que implica atender simultaneamente à escritura e às maneiras particulares como as disciplinas organizam seu pensamento através de seus gêneros. (Castro *et al.*, 2008-2009, p. 4).¹³

Nesse sentido, esta pesquisa poderá revelar novos olhares sobre a construção argumentativa de textos acadêmicos produzidos nos países alvo do estudo, a partir de uma análise dos atos de linguagem, em que seja descrita e analisada uma forma de escrever dessas comunidades discursivas acadêmicas. Dessa forma, pretendemos atender o que apontam estes autores:

Intervenções úteis, eficazes e em consonância com os horizontes de expectativas das comunidades em diferentes áreas disciplinares exigem um conhecimento prévio das

¹³ Trecho original: “aprender los géneros discursivos empleados en el ámbito académico no es adquirir una técnica sino incorporarse a una práctica social, lo cual implica atender simultaneamente a la escritura y a las maneras particulares en que las disciplinas organizan su pensamiento através de esos géneros. (2008-2009, p. 4)”.

práticas reais de escrita acadêmica em português, o que não se obtém sem o mapeamento dos textos que servem os objetivos comunicativos dessas comunidades. Ora esse mapeamento sistemático está ainda por fazer. (Silva; Santos; Siteo, 2019, p. 266).

A fim de alcançar com êxito o propósito deste trabalho, apresentamos, além desta introdução, mais quatro capítulos, nos quais discutimos o arcabouço teórico e os *corpora* de análise, juntamente aos resultados encontrados.

Sendo assim, no capítulo 2, tratamos do enquadramento teórico que norteia a análise dos *corpora* selecionados, discutindo os principais conceitos das teorias linguísticas que embasam a pesquisa, em subseções, com um olhar voltado para os objetivos nesta seção expostos. Dessa forma, apresentamos primeiro a concepção de língua adotada nesta investigação, tendo como ponto de partida um breve percurso histórico das concepções linguísticas do início do século XX. Em seguida, discorremos sobre tópicos relevantes e bastante pertinentes para o que pretendemos, como gêneros do discurso, comunidade discursiva e discurso acadêmico, aliados a responsabilidade enunciativa, ponto de vista, *ethos* científico, discurso outro. Convém ressaltar que, para essa discussão, buscamos os princípios postulados por diversos estudiosos, dentre os quais destacamos Bakhtin, Rabatel e Volóchinov.

Ainda neste capítulo, damos prosseguimento ao arcabouço teórico evocando a “Teoria dos Atos de Fala”, proposta por Austin e difundida por Searle. A taxonomia dos atos ilocucionários apresentada por ambos orienta a compreensão do que será analisado nos *corpora* selecionados. Importa destacar ainda a posição crítica tomada por alguns pesquisadores, como Rajagopalan, em relação à abordagem teórica searleana, o que não significa a exclusão de sua importância nesta dissertação.

Como passo adiante, versamos sobre a concepção dialógica do discurso, tão bem discutida por Bakhtin e Volóchinov, e expandida, dentre outros, por Bres e Authier-Revuz. Sob essa perspectiva, abordamos o dialogismo interdiscursivo, o dialogismo interlocutivo e o dialogismo intralocutivo, dimensões fundamentais para a realização do objetivo geral proposto.

E, para finalizar o capítulo, discutimos aspectos centrais da Teoria da Argumentação no Discurso, com base fundamentalmente em Amossy, para concluir o terceiro vértice desta investigação. Neste ponto, tratamos dos recursos linguístico-discursivos que compõem os atos de linguagem e colaboram, através de sua dialogicidade,

para a argumentatividade do discurso. Assim, o *ethos*, o *logos* e o *pathos* se entrelaçam e, por meio dos atos ilocucionário, locucionário e perlocucionário, se revelam para alcançar o objetivo comunicativo do discurso, neste caso, o acadêmico.

Dando seguimento, no capítulo 3, apresentamos a metodologia adotada para a realização deste estudo. Como base teórico-metodológica, abordamos a etnografia voltada à análise do discurso, por meio de recursos bibliográficos e documentais, tendo como referência os trabalhos de Minayo e Gil.

Já no capítulo 4, fazemos a análise descritiva e comparativa dos *corpora* extraídos dos repositórios científicos do Brasil e de Portugal, conjugando, sempre que pertinente, os conceitos discutidos no capítulo da fundamentação teórica. Dessa maneira, os atos de linguagem são analisados em cada dimensão dialógica, sob a perspectiva da construção argumentativa da dissertação. Ainda nesta seção, buscamos apontar se, sob uma perspectiva intercultural, os aspectos sociais, históricos e culturais dos autores das dissertações influenciaram a construção de seus respectivos discursos.

Por fim, fazemos as considerações finais referentes aos objetivos propostos e aos resultados obtidos da análise realizada, apontando lacunas e assim incitando pesquisadores a novas perspectivas de análises social e discursivamente relevantes para a Linguística.

2 TEORIAS E CONCEPÇÕES FUNDANTES DA PESQUISA

*Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados.*¹⁴

A linguagem, na primeira metade do século XX, era vista, de um modo geral, como um sistema de signos, no qual se distinguiam dicotomias — como língua e fala (*langue e parole*), sincronia e diacronia, significante e significado, paradigma e sintagma — e conceitos como os de signo linguístico, arbitrariedade da língua, pares mínimos e funções da linguagem.¹⁵ Tais teorias tinham como objetivo analisar a língua sob um ponto de vista específico, em que a pesquisa científica deveria focar as regras constituintes do sistema da língua, ainda que esta fosse considerada um fenômeno social. Segundo Pêcheux (1969 *apud* Mussalim & Bentes, 2011):

[...] o deslocamento conceitual introduzido por F. de Saussure consiste precisamente em quebrar essa homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da língua: a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um sistema, ela deixa de ser compreendida como tendo a função de expressar um sentido; torna-se um objeto de que a ciência pode descrever o funcionamento. (p. 81).

Sob esses paradigmas, destacaram-se nomes como Ferdinand de Saussure, Roman Jakobson e Leonard Bloomfield, com algumas diferenças conceituais e metodológicas. Contudo, dado o esgotamento do estruturalismo no cenário dos estudos linguísticos da Europa e dos Estados Unidos, iniciou-se uma nova proposição de correntes teóricas da ciência linguística.

Assim, a língua passou a ser analisada como fruto de uma interação verbal, influenciada por elementos sociais, históricos e culturais, dos quais não se pode desvencilhar em favor de um sistema que desconsidera os sentidos. Numa ampla e diversa rede de conceitos, torna-se predominante a visão de que o uso da língua é determinado pelas condições reais de produção, circulação e recepção, baseadas nas capacidades dos interlocutores envolvidos na prática linguística, inter-relacionando assim os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos da língua (Mussalim & Bentes, 2011).

¹⁴ Bakhtin, 1997 [1979], p. 291.

¹⁵ A respeito desses conceitos, ver: *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure; e *Linguística e Comunicação*, de Roman Jakobson.

Para a compreensão de qualquer objeto de estudo em Linguística, é basilar conhecer a concepção de língua adotada em dada investigação. Sendo assim, neste trabalho, entendemos que a língua não se restringe a um sistema de signos, mas envolve principalmente os interlocutores e o contexto em que estes se inserem, constituindo-se assim uma ação social sobre o mundo em constante [trans]formação, impregnada de conotações históricas, culturais, ideológicas e políticas, que se materializa no fazer discursivo e interativo. A esse respeito, Volóchinov (2018 [1929]) afirma que “a língua vive e se forma no plano histórico justamente aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (p. 220), opondo-se assim à teoria estruturalista da língua defendida por Saussure e seus seguidores no início do século XX.

Além disso, destacamos que a enunciação, objeto de estudo de diferentes abordagens teóricas¹⁶ que, por vezes, se inter-relacionam, é uma concepção bastante importante para a análise linguística realizada neste trabalho. Embora muitos teóricos a tenham abordado, adotaremos os estudos bakhtinianos do discurso, nos quais a enunciação é resultante da interação verbal entre os sujeitos, considerando que “todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta” (Volóchinov, 2018 [1929], p. 184), o que equivale respectivamente à responsividade e à alteridade no discurso.

Tal perspectiva, também amparada por Bakhtin (1997 [1979]), reveste-se de importância por tratar o enunciado como uma instância que, diferentemente dos signos linguísticos, os quais isoladamente são impessoais, sem autoria nem destinatário, está voltado para um interlocutor, seja ele direto, como pares ou especialistas; um “outro não concretizado”, determinado pela situação de uso da língua; ou ainda presumido, mediante as representações da comunidade discursiva na qual está inserido. Disso dependem, afirma o filósofo, a composição e o estilo do gênero discursivo produzido em dada circunstância. Dito isso, recorreremos a Volóchinov (2018 [1929]) ao afirmar que:

¹⁶ Concepções de enunciação: “campo heterogêneo do conhecimento em que se articulam língua, fala e sujeito” (Authier-Revuz); “ato do falante de utilizar meios de expressão comuns a todos os indivíduos de uma comunidade linguística para expressar suas ideias e sua subjetividade” (Bally); “colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (Benveniste); “modo de constituição dos enunciados pelo qual se dá a construção de sentido” (Culioli); “acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado” (Ducrot); “instância linguística que permite a passagem da organização virtual do discurso à sua realização” (Greimas); “atividade pela qual se manifesta a presença codificada do falante naquilo que é falado” (Jakobson); “acontecimento dotado de significação que ocorre em um local determinado e em um certo momento” (Récanati). (Flores *et al.*, 2009, p. 99-105).

A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido, etc.). (p. 204-205).

Ainda sobre a língua, esta se realiza pela interação comunicativa existente entre os sujeitos interlocutores, com base em suas respectivas identidades sociais, históricas e culturais, em um processo intersubjetivo de compreensão e responsividade de um com o outro. Caracteriza-se assim como uma “arena de vozes sociais, em que há o embate de dizeres, tanto na forma de atualização de discursos passados, quanto na forma de antecipação de uma resposta para discursos futuros, constituindo, assim, o que se chama interdiscurso [...]” (Guimarães, 2015, p. 37).

A partir dessa perspectiva epistemológica, concebemos o discurso como uma forma de ação por meio da língua, compartilhada entre os interlocutores e realizada interdiscursivamente através dos gêneros do discurso, em determinados contextos e condições de uso, os quais influenciam sobremaneira a sua conformação. Além disso, assumimos que o discurso é orientado ao propósito do enunciador e ao efeito pretendido no interlocutor; sendo contextualizado, é um ato responsável e responsivo, relativamente regido por normas e organizado conforme os gêneros discursivos partilhados pelos membros de determinada comunidade de práticas de escrita (Charaudeau & Maingueneau, 2020 [2002]).

Para Volóchinov (2018 [1929]), “o enunciado exterior atualizado é uma ilha que se ergue do oceano infinito do discurso interior; o tamanho e as formas dessa ilha são determinados pela situação do enunciado e pelo seu auditório” (p. 221). Logo enunciar discursivamente implica considerar todos os aspectos concernentes a sua realização, sob a perspectiva tanto sócio-histórica como cultural (Bakhtin, 1993 [1919-1921]).

Portanto, ao pretender analisar dialogicamente um enunciado, devemos considerar não só os recursos linguístico-discursivos utilizados, mas também as condições contextuais em que se realizou, evocando a compreensão de que os gêneros do discurso abarcam as mais diversas esferas da atividade humana em um projeto enunciativo elaborado pelo enunciador. Este, ao estruturar intencionalmente o texto, a partir das relações dialógico-enunciativas estabelecidas e os papéis sociais assumidos pelos interlocutores, produz, portanto, um recorte irrepetível da comunicação humana.

Dada essa breve [mas importante] apresentação conceitual, abordamos as teorias e concepções pertinentes e essencialmente relevantes para a realização desta pesquisa, buscando inter-relacionar os aspectos convergentes para a construção de um conhecimento em constante [trans]formação. Sendo assim, discutimos, neste capítulo: I) a teoria dos atos de linguagem, conforme Austin (1990 [1962]), Searle (2000, 2005 [1979], 2011[1969]) e os estudos de Rajagopalan (1990, 1996, 2010) sobre a “nova pragmática”; II) o dialogismo, com base em Authier-Revuz (1990, 1999, 2004), Bakhtin (1993, 1997 [1979]), Bres e Nowakowska (2006) e Volóchinov (2018 [1929]); III) a concepção de comunidade discursiva, a partir de Swales (1990); e IV) a de discurso acadêmico, nomeadamente seus aspectos dialógico, responsivo e argumentativo, de acordo com Amossy (2007, 2008, 2011, 2016, 2018 [2000], 2022), Hyland (2005, 2008, 2012), Koch e Elias (2016), Rabatel (2004a, 2004b, 2014) e Silva e Santos (2020), entre outros; recorrendo, sempre que necessário, a obras de consulta como o *Dicionário de Análise do Discurso*, de Charaudeau e Maingueneau (2020 [2002]), e o *Dicionário de Linguística da Enunciação*, de Flores *et al.* (2009), sem desconsiderar a possibilidade de novas descobertas e caminhos de pesquisa próprios da análise em Linguística.

Começamos, então, pelo estudo dos gêneros do discurso, abrangendo as conceituações a eles inerentes, como comunidade discursiva, discurso acadêmico, responsabilidade enunciativa e *ethos* científico; e, na sequência, tratamos de atos de linguagem, dialogismo e argumentação.

2.1 Gêneros do discurso e comunidade discursiva

Cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana. Cada grupo de formas homogêneas, ou seja, cada gênero discursivo cotidiano, possui seu próprio conjunto de temas.¹⁷

O discurso, materializado em gêneros, é um enunciado caracterizado por seus aspectos temático, estilístico e composicional, com propriedades singulares, relativamente estáveis nos âmbitos interno e externo ao texto, como o meio em que circula, os papéis assumidos pelos interlocutores, a comunidade a que pertencem e os objetivos

¹⁷ Volóchinov, 2018 [1929], p. 109.

comunicativos almejados (Bakhtin, 1997 [1979]; Guimarães, 2015; Silva; Santos; Siteo, 2019).

Segundo Bakhtin (1997 [1979]), os gêneros do discurso refletem, cada um particularmente, tais condições e objetivos interdiscursivos dentro dos âmbitos da comunicação humana pelo conteúdo temático, pelas escolhas estilísticas feitas (como os recursos lexicais e sintáticos) e pelas construções composicionais, realizando imbricações que convergem para interações verbais únicas, a despeito das normas sociais estabelecidas em dada esfera da discursividade. Ainda que o discurso seja uma ação social no e sobre o mundo, a irrepetibilidade de um gênero faz com que este seja singular e, ao mesmo tempo, relacionado às atividades em que ocorre, considerando os aspectos sociais, históricos e culturais dos interlocutores nele envolvidos. Para Swales (1990):

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e, portanto, constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério privilegiado que faz com que o escopo do gênero se mantenha relacionado estreitamente com uma determinada ação retórica compatível com o gênero. (p. 58).

Sendo, portanto, frutos das relações dialógicas entre os interlocutores, os gêneros do discurso servem a um propósito específico a cada vez que se realizam, por meio de um projeto enunciativo que considera os fatores contextuais pertencentes às comunidades de práticas discursivas em que se inserem em dado momento. Nesse sentido, Santos e Silva (2016) afirmam que “gêneros são dispositivos que permitem aos indivíduos realizar ações situadas por meio da linguagem (isto é, produzir textos) e participar de diferentes atividades sociais” (p. 175),¹⁸ em que há partilha de conhecimento. Além disso, podemos acrescentar a ideia de que cada gênero do discurso se constrói a partir de espaços sociais e institucionais em diferentes áreas do saber, com singularidades próprias, nas quais o locutor se inscreve e produz seu próprio enunciado, dispondo da materialidade linguageira e da interdiscursividade para alcançar seu objetivo comunicativo. Assim os gêneros não são estruturas estanques, mas práticas socioculturais e cognitivas realizadas pela língua, caracterizadas por sua dinamicidade e fluidez (Marcuschi, 2008).

¹⁸ Trecho original: “genres are devices that allow individuals to perform situated actions through language (i.e., to produce texts) and to participate in different social activities”.

Numa perspectiva epistêmica, em que a escrita pode produzir conhecimento, os gêneros acadêmicos visam, por meio de recursos linguístico-discursivos e estratégias argumentativas, promover a reflexão e a aprendizagem sobre determinado tema. Tais textos possuem, desse modo, um significado e se materializam, dentre outros recursos, de um ou mais atos de linguagem (Silva, 2021), os quais fazem parte do objeto de análise desta pesquisa.

Dentro desse contexto enunciativo, destacamos o papel da comunidade discursiva para a produção, a circulação e a recepção dos gêneros discursivos. Tais comunidades evidenciam idiosincrasias que norteiam a produção enunciativa de seus membros, levando-os a adotar determinadas práticas discursivas singulares, nas quais eles se reconhecem pelos saberes compartilhados. Segundo Swales (1990):

- a) Uma comunidade discursiva tem um conjunto amplamente aceito de objetivos públicos comuns.
- b) Uma comunidade discursiva possui mecanismos de intercomunicação entre os membros.
- c) Uma comunidade discursiva fornece informações e feedback.
- d) Uma comunidade discursiva utiliza e, portanto, possui um ou mais gêneros na promoção comunicativa de seus objetivos.
- e) Além de gêneros, uma comunidade discursiva apresenta alguns léxicos específicos.
- f) Uma comunidade discursiva tem um nível limitado de membros com um grau adequado de conteúdo relevante e expertise discursiva. (p. 472-473).¹⁹

Dessa forma, concordamos que cada comunidade discursiva tem seu repertório de gêneros, tanto escritos como orais, produzidos dentro de um contexto sociodiscursivo que os predispõe a determinadas construções textuais. “Em cada tipo de discurso, está disponível um conjunto mais ou menos numeroso de gêneros que servem a missão e os objetivos específicos dos membros dessa formação sociodiscursiva” (Silva, 2021, p. 21), ainda que prevaleçam os objetivos comunicativos e as relações dialógicas estabelecidas entre os interlocutores para a sua construção. Além disso, “como os pesquisadores novatos almejam ser aceitos ou confirmados como membros plenos de uma comunidade, eles

¹⁹ Trecho original: “1. A discourse community has a broadly agreed set of common public goals. 2. A discourse community has mechanisms of intercommunication among the members. 3. A discourse community uses to provide information and feedback. 4. A discourse community utilizes and hence possesses one or more genres in the communicative furtherance of its aims. 5. In addition to owning genres, a discourse community has acquired some specific lexis. 6. A discourse community has a threshold level of members with a suitable degree of relevant content and discursual expertise.”

replicam em seus textos propriedades já adotadas por outros membros da mesma comunidade”²⁰ (Santos & Silva, 2016, p. 174).

Assim os gêneros do discurso de determinada comunidade discursiva apresentam uma identidade comunicacional e semiológica, além de adotarem planos de texto arquetípicos, como o tradicional (IMRDC)²¹ ou o *topic-based*,²² os quais, discursivamente, permitem que seus membros se reconheçam. Dessa forma, a comunidade discursiva é “portadora de julgamentos de ordem estética, ética e pragmática sobre a maneira de falar” (Charaudeau & Maingueneau, 2020 [2002], p. 109).

Tendo isso em consideração e com base na concepção de discurso acadêmico, tema a ser tratado na subseção seguinte, selecionamos *corpora* do gênero discursivo ‘dissertação de mestrado’ que contivessem as seções “Introdução” e “Conclusão” (ainda que esta não se apresentasse nomeadamente desta forma), a fim de alcançar o máximo possível de confiabilidade na análise a ser realizada.

2.1.1 Discurso acadêmico

Seguindo o raciocínio apresentado na subseção anterior, asseveramos que há, entre os inumeráveis gêneros do discurso, aqueles denominados primários e os chamados “[...] gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o *discurso científico*, o discurso ideológico, etc. — [que] aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica” (Bakhtin, 1997 [1979], p. 281, grifo nosso). Além disso, em sua maioria, tais gêneros provocam uma “compreensão responsiva de ação retardada” (Bakhtin, 1997 [1979]).

Sob essa perspectiva, desde um longo tempo, o discurso acadêmico tem sido sinônimo de objetividade, imparcialidade e neutralidade, pretendendo impor uma visão distanciada do objeto de análise a fim de conferir-lhe caráter científico. Contudo essa postura vem sendo substituída por um maior engajamento da postura do sujeito enunciator,

²⁰ Trecho original: “since novice researchers aim to be accepted or confirmed as full members of a community, they replicate in their texts properties already adopted by other members of the same community”.

²¹ Segundo Santos e Silva (2016), é composto por: Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão e Conclusão.

²² Os títulos das seções não são fixos e podem incluir Introdução, Revisão de literatura, Enquadramento teórico, Metodologia e Conclusão (Santos & Silva, 2016).

que, a partir de suas escolhas lexicais, sintáticas e semânticas, atreladas ao contexto da enunciação, produz seu discurso em favor da persuasão do interlocutor. Em adição a isso, afirmamos que os “acadêmicos não apenas produzem textos que representam uma realidade externa, mas também [...] usam a linguagem para reconhecer, construir e negociar relações sociais”²³ (Hyland, 2005, p. 173).

Assim restringimos o escopo desta pesquisa ao discurso acadêmico, amparando-nos na ideia de que todo gênero pertence a um tipo de discurso, relacionado a outros gêneros por objetivos comunicativos comuns e formações discursivas determinadas, em que se estabelecem relações sociais, históricas e identitárias (Charaudeau; Maingueneau, 2020 [2002]; Maingueneau, 2015). Neste caso, a comunidade científica se propõe a produzir textos que veiculem o fazer científico em si mesmos, fazendo uso de marcas dêiticas, discursos outros, modos de enunciação e escolhas lexicais adequadas a esse propósito.

Nesse tipo de discurso, sob olhares filosófico-linguísticos, enquanto membros de uma comunidade discursiva acadêmica, estamos sempre em atividade dialógica com outras teorias e vozes para a construção do fazer científico, alinhando [ou não] nossa postura enunciativa a elas, seja confirmando ou refutando, seja antecipando questionamentos ou fornecendo respostas, em um movimento essencialmente responsivo, na busca pelo convencimento do outro em uma comunidade de práticas discursivas (Castelló *et al.*, 2011, Hyland & Guinda, 2012; Volóchinov, 2018 [1929]).

Esses diálogos norteiam a tese defendida e os argumentos utilizados, revelando uma imbricação das ideias deste ou daquele(s) discurso(s) com uma orientação tanto para os discursos antecedentes e procedentes como para o interlocutor, (re)fazendo-se continuamente em busca de respostas às hipóteses criadas. Ou seja, “qualquer problema científico [...] enseja uma confrontação dialógica (de enunciados, de opiniões, de pontos de vista) entre os enunciados de cientistas que podem nada saber uns dos outros [...]. O problema comum provoc[a] uma relação dialógica” (Bakhtin, 1997 [1979], p. 354).

Nesse sentido, considerando o caráter de fazer e aprender ciência pertinente a todo discurso acadêmico, as dissertações não se realizam num vazio teórico, já que se constituem a partir de múltiplas vozes, tendo como objetivo comunicativo a apresentação dos resultados de determinado estudo, com o fim de alcançar o grau acadêmico

²³ Trecho original: “academics [are] not simply producing texts that plausibly represent an external reality, but also [...] using language to acknowledge, construct and negotiate social relation”.

correspondente. Sob essa perspectiva, as seções “Introdução” e “Conclusão” desse gênero discursivo apresentam, entre outros aspectos, o objeto de estudo; a metodologia de análise adotada; as ideias iniciais sobre a problematização proposta; seus argumentos demonstrativos; em linhas gerais, a fundamentação teórica de sua construção — com a heterogeneidade constitutiva e, por vezes, mostrada (Authier-Revuz, 1990), ao lado das intertextualidades e intertextualizações inerentes ao processo discursivo interacional do gênero acadêmico (Miranda, 2007) — ; e, ao fim, as ponderações resultantes da discussão apresentada no desenvolvimento da dissertação.

Antes de prosseguirmos, é importante ressaltar que a heterogeneidade constitutiva do discurso e a heterogeneidade mostrada no discurso “representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição” (Authier-Revuz, 1990, p. 32). Portanto, são conceitos fundamentais para que possamos compreender a dimensão dialógica dos *corpora* selecionados, dos quais nos ocupamos mais adiante.

A fim de investigar a relação dialógica produzida em tal âmbito, sob uma perspectiva sócio-histórica e cultural, nesta pesquisa, os *corpora* exemplificam a escrita acadêmica, nomeadamente dissertações de mestrado produzidas no Brasil e em Portugal, focando no caráter dialógico dos atos de linguagem usados na construção argumentativa, especificamente, dos gêneros incluídos já explicitados. Assim, esta pesquisa pretende analisar o discurso acadêmico, orientado argumentativamente e constituído de aspectos situacionais (contexto de produção), comunicacionais (prováveis interlocutores), científicos (fundamentação teórica) e textuais (estratégias linguístico-discursivas); bem como verificar a quem se destinam tais textos, ou seja, com quem dialogam, a fim de compreender possíveis similitudes e diferenças na construção da tessitura argumentativa com vistas ao convencimento do outro. Além disso, a exploração dos *corpora* visa compreender como os enunciadores construíram os discursos em seus respectivos e singulares contextos de uso.

Tais singularidades enunciativas, em um gênero acadêmico como a ‘dissertação de mestrado’, podem resultar em afirmação e comprovação da tese e, talvez, persuasão do público, convergindo para a demonstração de uma verdade a ser convalidada (ou, ao contrário, refutada) pela comunidade científica, segundo os poderes e saberes nela estabelecidos. Nesse sentido, Silva e Santos (2020) afirmam que:

Os textos de um mesmo gênero são produzidos em situações comunicativas que, sendo em si sempre singulares, se caracterizam por propriedades externas e internas semelhantes, evidenciando um “ar de família” que permite inseri-los numa única classe, ou seja, num dado gênero. (p. 190).

Ainda com base nestes autores, as propriedades externas se referem, por exemplo, ao contexto socioprofissional, à posição assumida pelo locutor e aos objetivos a serem alcançados. Sob esse foco, os *corpora* desta dissertação foram produzidos por investigadores com o fim de divulgar o conhecimento por eles construído, tendo como resultado a obtenção de credenciais de pertencimento à comunidade acadêmica dos países em tela. Já as propriedades internas relacionam-se ao plano de texto²⁴ e ao estilo adotado na construção textual, mas, por nossa vez, referem-se aos atos de linguagem usados na tessitura argumentativa dos *corpora*, sob o foco de sua dialogicidade.

Sendo assim, os gêneros pertencentes ao domínio discursivo acadêmico, como a ‘dissertação de mestrado’, partilham de especificidades inerentes às diversas áreas do conhecimento, que promovem a escrita como uma prática social situada, argumentativa e voltada para a construção do saber científico. Assim têm como funções a produção e a difusão desse conhecimento, a didatização do saber ou ainda a sua avaliação perante a comunidade discursiva acadêmica (Guimarães, 2015; Marques, 2020). Ainda sobre isso, Santos e Silva (2016) afirmam que, “pelo menos dentro do discurso acadêmico, parece que textos de diferentes gêneros como um RA,²⁵ um PhD e possivelmente uma *tese de mestrado* podem seguir esse arquétipo de acordo com as práticas sociodiscursivas de uma determinada área disciplinar” (p. 184-185, grifo nosso).²⁶

Por meio de ideias, hipóteses, questionamentos e estratégias, esses gêneros acadêmicos suscitam reflexões sobre os saberes estabelecidos e apontam novos caminhos para o fazer científico, adotando basicamente a discursividade partilhada pela comunidade a que pertence. Todavia, cada texto possui indícios de autoria, revelados pelo estilo — um

²⁴ Segundo Santos e Silva (2016, p. 177), “um plano de texto é, em linhas gerais, um dispositivo composicional estrutural para ordenar conteúdos semânticos”. Cf. Tabela 1 neste artigo (p. 179), em que são dispostos os planos de texto definidos pelos autores em comparação a Swales (2004). “O fato de que qualquer texto não seja um amontoado, mas sim uma sequência ordenada e hierarquizada de enunciados, traduz-se por planos de textos que desempenham um papel capital na *composição* macrotextual do sentido e que corresponde àquilo que os Antigos classificavam como ‘disposição’.” (Charaudeau & Maingueneau, 2020 [2002], p. 377, grifo dos autores).

²⁵ RA = *research article* (artigo científico).

²⁶ Trecho original: “at least within academic discourse, it seems that texts of different genres such as a RA, a PhD and possibly a Master thesis may follow this archetype according to the socio-discursive practices of a particular disciplinary area”.

dos componentes do gênero do discurso, expressando sua postura enunciativa por meio de marcas linguísticas, o que constitui assim o seu *ethos*. É disto que tratamos no próximo subtópico.

2.1.2 A responsabilidade enunciativa na construção do *ethos* científico

*Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si.*²⁷

Sob os aportes teóricos da enunciação, o discurso acadêmico, tido como prática social e também científica, possui orientação argumentativa, geralmente na modalidade demonstrativa, apresentando uma estrutura textual pretensamente objetiva. Contudo as construções enunciativas realizadas no discurso acadêmico, reveladas pelos recursos disponíveis em uma dada língua, embora possam denotar certa objetividade e suposta neutralidade, na verdade, transparecem a subjetividade, a intencionalidade e a argumentatividade do locutor em relação ao outro e a seus discursos, denotando assim sua responsabilidade enunciativa. Para Hyland (2005), tais construções “são as maneiras pelas quais os escritores demonstram sua autoridade pessoal em seus argumentos ou recuam e disfarçam seu envolvimento” (p. 176).²⁸

Sendo assim, as escolhas feitas pelo enunciador visam à construção de uma voz autoral, em que se denota o seu posicionamento diante do discurso outro, com maior ou menor apagamento de sua presença no texto, buscando sempre um rigor que valide a tese defendida. Nesse sentido, Castelló *et al.* (2011) consideram “a escrita como um processo de enculturação no uso dos gêneros e das ferramentas discursivas de cada disciplina, ao mesmo tempo em que constitui um instrumento para a construção de sua própria identidade como membros dessa disciplina” (p. 107).²⁹

Sob esse prisma, Duarte e Pinto (2015) defendem que a responsabilidade enunciativa “[...] designa, de forma genérica, o posicionamento do locutor frente às escolhas que faz, quanto à adequação à situação e aos objetivos discursivos” (p. 97),

²⁷ Amossy, 2016, p. 9.

²⁸ Trecho original: “it is the ways that writers intrude to stamp their personal authority onto their arguments or step back and disguise their involvement”.

²⁹ Trecho original: “la escritura como un proceso de enculturación en el uso de los géneros y de las herramientas discursivas propias de cada disciplina, a la vez que constituye un instrumento para la construcción de la propia identidad como miembros de dicha disciplina”.

expressando, dessa forma, o ponto de vista (PDV) do locutor por meio de tais escolhas e de discursos outros que evoca, inclusive pela forma como os dispõe e hierarquiza dentro da tessitura textual. Dessa forma, o enunciador elabora seu discurso dispondo de mecanismos linguísticos para evocar a voz alheia, sem que se perca a responsabilidade sobre aquilo que enuncia. Assim constitui uma imagem de si, ou seja, seu *ethos* perante o público a que se destina o discurso.

Ao lado dessa concepção, temos a de apagamento enunciativo, que não é “não enunciação”, é apenas a redução das marcas linguísticas que expressam a subjetividade do enunciador, a fim de atribuir maior impessoalidade ao seu enunciado e assim “construir um enunciador ‘universal’ como aquele que se encarregaria de um discurso científico ou teórico”³⁰ (Rabatel, 2004a, p. 2). Sendo assim, o apagamento enunciativo é, segundo Vion (2001 *apud* Rabatel, 2004a, p. 4):

Uma estratégia, não necessariamente consciente, que permite ao falante dar a impressão de que está se retirando da enunciação, de que está ‘objetivando’ sua fala ao ‘apagar’ não apenas as marcas mais óbvias de sua presença (os *shifters*),³¹ mas também a marcação de qualquer fonte enunciativa identificável (p. 4).

Dessa maneira, as estratégias discursivas de apagamento enunciativo permitem que o enunciador apresente, quase sem ressalvas, um ponto de vista aparentemente objetivo, cuja veracidade seja inquestionável pela comunidade discursiva a que pertence (Rabatel, 2004a).

No discurso acadêmico, o enunciador pode recorrer ao interdiscurso para responsabilmente, com mais ou menos marcas de apagamento do sujeito, produzir um discurso que transmita certa credibilidade ao interlocutor, como uma mediação daquilo que se pretende afirmar. Dessa forma, o uso de marcas específicas (como pronome *eu*, formas verbais na 1ª pessoa, construções deônticas, modalizações avaliativas, etc.) pode colaborar para a construção de um *ethos* científico com maior presença do sujeito enunciador (Duarte & Pinto, 2015).

Assim, trataremos, na sequência, do conceito de discurso outro, ou discurso alheio como denominam Marques (2020) e Volóchinov (2018 [1929]); e de PDV na construção do *ethos* científico.

³⁰ Trecho original: “construire un énonciateur ‘universel’ comme celui qui prendrait en charge un discours scientifique ou théorique”.

³¹ “Categoria linguística caracterizada por articular o que é falado ao evento de fala” (Flores *et al.*, 2009, p. 209), como a categoria de tempo verbal.

2.1.2.1 Discurso outro

Na constituição da responsabilidade enunciativa, a construção da imagem de si é concebida pelo discurso autoral, no qual o diálogo, responsivo e subjetivo, com o discurso do outro é uma das formas de expressão. Ou seja, o discurso é sempre constituído no interdiscurso, cujas vozes são geridas pelo enunciador. Tais relações dialógicas com o discurso alheio revelam não só o posicionamento do enunciador perante o que se diz, mas também a razão pela qual seleciona e dispõe essas vozes em seu próprio discurso (Rabatel, 2014; Volóchinov (2018 [1929])). A esse respeito, na composição do discurso pelo diálogo com outras vozes, Grillo (*in* Volóchinov, 2018 [1929]) afirma que “o diálogo é usado principalmente, para explicar o problema do discurso alheio, tomado como ‘reação da palavra à palavra’, sendo a sua inclusão no contexto autoral (o discurso direto) uma das formas de transmissão do discurso alheio” (p. 41).

No discurso acadêmico especificamente, o referenciamento³² e a citação são características constituintes que possibilitam ao enunciador posicionar-se diante das vozes por ele convocadas e, ao mesmo tempo, construir a sua própria voz (Castelló *et al.*, 2011; Marques, 2020).

Nesse cenário discursivo, o enunciador fala por si mesmo e recorre a outros enunciadores, convocando o discurso alheio para concordar [ou não] com seu PDV, imprimindo uma força ilocutória capaz de persuadir seus interlocutores, seja por referência simples, multirreferência ou autorreferência, através do discurso relatado. “As referências múltiplas a autores (ou a obras do mesmo autor) aduzem um efeito de credibilidade relativamente a conceitos, trabalhos ou autores que importa atualizar na superfície discursiva” (Marques, 2020, p. 23), podendo demonstrar o nível de conhecimento do locutor perante a comunidade científica. No processo de referenciamento, a citação — seja por discurso direto, indireto,³³ relatado, narrativizado ou ainda por ilhotas textuais³⁴ — é

³² Sobre referenciamento, Marques (2020, p. 12) afirma: “Destaca-se neste processo de referenciamento, isto é, de referência bibliográfica e citação a própria voz do locutor, que constrói o seu lugar, a sua imagem, ao posicionar-se relativamente a essas vozes convocadas. O referenciamento é obrigatório, tem mesmo o estatuto de parâmetro de género, como reconhecem Fløttum (2006: 37) e Grossmann (2010: 8)”.

³³ Citação direta: “[...] fazemos esse tipo de citação para argumentar a favor ou contra algo, para dar mais credibilidade ao que dizemos, para atribuir ao outro a responsabilidade pelo que foi dito e, conseqüentemente, nos eximirmos de eventual responsabilidade, para impressionar o outro e muitas outras razões.” Citação indireta: “Como realizamos um trabalho de ‘tradução’ em um percurso que vai das palavras do autor às palavras de quem cita, sem que isso implique alteração da ideia central do texto base,

uma estratégia argumentativa em que se hierarquizam dois enunciados sob a perspectiva do locutor, o qual estrutura seu texto visando ao convencimento do outro, fazendo o que Marques (2020) chama de “manipulação do discurso alheio”.

Esse discurso é abordado por Volóchinov (2018 [1929]) como “enunciado dentro do enunciado”, o qual colabora para a construção da tessitura argumentativa do discurso citante, ao mesmo tempo em que mantém minimamente sua integridade léxico-sintática. Sua compreensão depende fundamentalmente do conhecimento prévio — linguístico e de mundo — dos sujeitos envolvidos na interação comunicativa. Para Authier-Revuz (2004):

As formas sintáticas do discurso direto e do discurso indireto designam, de maneira unívoca, no plano da frase, um outro ato de enunciação. No discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata. No discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o “tempo - ou o espaço - claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples ‘porta-voz’”. (p. 12).

Tais fenômenos linguístico-enunciativos ocorrem nas dissertações de mestrado, típico gênero do domínio discursivo acadêmico, principalmente no gênero incluído “Introdução” e em menor frequência na “Conclusão”, tendo em vista a necessidade do locutor em apoiar-se em teorias e hipóteses já analisadas para que seja construída sua própria discursividade epistemológica.

Dessa maneira, a responsabilidade enunciativa do locutor, veiculada também pelas intertextualidades realizadas, está atrelada ao seu modo de selecionar, organizar e dispor essas vozes no discurso, o que encontra respaldo em Castelló *et al.* (2011) ao afirmarem que “a intertextualidade é considerada um processo individual e social e constitui-se como uma dimensão essencial não só para entender, mas também para estudar, empiricamente, a identidade ou a voz do autor” (p. 109).³⁵

a responsabilidade de quem faz uma citação indireta aumenta, mesmo recorrendo a alguns expedientes linguísticos, como *segundo o autor, para o autor, de acordo com o autor, etc.*” (Koch & Elias, 2016, p. 49, grifo das autoras).

³⁴ Uma ilhota textual se constitui como um discurso relatado híbrido, em que se encontram o discurso direto e o indireto, integrando-se sintática e enunciativamente ao discurso citante (Authier-Revuz, 2004).

³⁵ Trecho original: “la intertextualidad se considera tanto un proceso individual como social y se constituye como una dimensión imprescindible no solo para comprender sino para estudiar empíricamente la identidad o voz del autor”.

2.1.2.2 Ponto de vista (PDV)

Ao selecionar e dispor o discurso do outro em seu enunciado, o sujeito constrói seu próprio ponto de vista a respeito do tema em discussão. Sobre essa concepção, Tavares e Rodrigues (2020) afirmam, com base em Rabatel, que:

O ponto de vista (PDV) é definido pelos meios linguísticos, sendo que é o sujeito o responsável por considerar um objeto em todos os sentidos. Assim, o sujeito pode referir-se a um objeto concreto, mas também a um personagem, uma situação, uma noção ou um acontecimento, visto tratar-se de objetos de discurso.

Considerando assim a heterogeneidade constitutiva presente em todo discurso, o PDV resulta da imbricação de vozes outras que colaboram para a construção do discurso autoral. Assim as referidas autoras apontam para a classificação rabateliana de pontos de vista, quais sejam: ponto de vista representado; ponto de vista narrado; e ponto de vista assertado. Este último é amparado em atos de linguagem que dialogam com outros, sendo essencialmente o objeto de análise aqui abordado.

Assume-se, em consequência à valoração dada ao discurso outro, uma postura enunciativa de coenunciação, sobrenunciação ou subenunciação, as quais, definidas como instâncias em que o enunciador se revela em relação ao discurso de outrem, buscam maior poder argumentativo e persuasivo do interlocutor ante a tese apresentada no discurso acadêmico produzido. Desse modo, essas posturas podem ser assim conceituadas (Rabatel, 2004a, p. 9-10):

A) A coenunciação “corresponde à coprodução de um ponto de vista comum e partilhado”, ou seja, os enunciadores ($E1$ e $e2$)³⁶ concordam em relação ao PDV apresentado;

B) A sobrenunciação define-se como “a expressão interacional de um ponto de vista saliente, cujo caráter dominante é reconhecido por outros enunciadores”, o que significa que o PDV de $E1$ se sobrepõe ao de $e2$; e

C) A subenunciação diz respeito “à expressão interacional de um ponto de vista dominado em benefício de um sobrenunciador”, isto é, o PDV de $e2$ se sobressai em relação ao de $E1$, que não apresenta PDV próprio.

³⁶ Entendemos $E1$, neste contexto, como o autor da dissertação de mestrado, enquanto $e2$ é o autor do discurso outro.

Tais posicionamentos, que se refletem no discurso por meio da linguagem, seja com o uso de verbos *dicendi*, modalizações (epistêmica, deôntica ou avaliativa), reformulações; ou ainda pelas intertextualidades, em seus diferentes níveis e formas, como o discurso relatado, podem favorecer a persuasão do interlocutor, alcançando assim o objetivo comunicativo do enunciador. O uso de *hedges* e *boosters*³⁷ pelo locutor, como aponta Hyland (2005), também pode responder a um possível PDV do leitor/interlocutor, além de demonstrar a adequada apropriação das estratégias argumentativas adotadas por sua comunidade.

Sendo assim, “o PDV faz emergir a subjetividade, [...] revela a representação discursiva que o locutor-enunciador primeiro [...] tem acerca de um objeto de discurso, ou seja, evidencia a visada argumentativa” (Rodrigues & Cabral, 2020, p. 295). Tal subjetividade transparece no discurso pelas marcas linguísticas impressas no âmbito textual, mobilizadas pelos interlocutores dentro de determinado contexto para a construção do gênero. Assim, sob indícios linguísticos como marcadores enunciativos, composicionais e atos de linguagem específicos, um gênero discursivo pode se distinguir dentre tantos outros, inclusive quando funciona como hipogênero nas intertextualizações realizadas em discursos, como os acadêmicos. A esse respeito, Miranda (2007) afirma que:

[...] os mecanismos enunciativos podem funcionar como marcadores dos hipogêneros no processo de intertextualização quando se verificam determinadas condições: por um lado, devem ser mecanismos que mostram especificidades distintas [...]; e por outro lado, devem ser diferentes dos mecanismos associados aos hipergêneros [...]. (p. 199).

Devemos ressaltar também que, “além de criar uma impressão de autoridade, integridade e credibilidade por meio de escolhas nas opções de postura, os escritores são capazes de destacar ou minimizar a presença de seus leitores no texto”³⁸ (Hyland, 2005, p. 188), seja pelo uso de pronomes na 2ª pessoa, de verbos no imperativo ou ainda de perguntas, entre outros recursos linguísticos disponíveis.

³⁷ *Hedges* e *boosters* são recursos linguísticos que denotam possibilidades e certezas, respectivamente. Como exemplo de *hedges*, podemos citar os seguintes recursos linguísticos: talvez, possivelmente, provavelmente, frequentemente, etc.; e de *boosters*: certamente, de fato, sempre, sem dúvida, de fato, realmente, etc.

³⁸ Trecho original: “in addition to creating an impression of authority, integrity and credibility through choices from the stance options, writers are able to either highlight or downplay the presence of their readers in the text”.

Sendo assim, afirmamos que o enunciador faz suas escolhas linguísticas, dependendo do objetivo comunicativo; e, em interação com o outro, a responsabilidade enunciativa é coconstruída, revelando assim, pragmática e discursivamente, o seu *ethos*.

2.1.2.3 Ethos científico

As estruturas linguístico-discursivas e dialógicas adotadas pelo enunciador, tais como nominalizações, determinantes genéricos ou neutros, impessoalidades, apassivações ou ainda estruturas dóxicas ou estereotipadas, quaisquer que sejam, constituirão seu *ethos*, neste caso, o científico (Duarte & Pinto, 2015; Rabatel, 2004a, 2004b, 2014). A esse respeito, Bondi (2010) aponta que “o *ethos*³⁹ da disciplina — o que a comunidade considera metodologia adequada e objetivos relevantes — pode ter impacto na escolha da linguagem e determinar, em particular, a representação da atividade de pesquisa” (p. 99).⁴⁰ Acrescentamos a isso as palavras de Roland Barthes (1970), retomadas em Amossy (2011), em que *ethos* é definido como “os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: é o seu jeito [...]. O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, diz: sou isto, não sou aquilo” (p. 10).

Dessa forma, o enunciador objetiva alcançar, com o máximo de credibilidade e confiança possível, o seu público por meio de construções linguístico-discursivas que levem este a aderir a sua tese. Nas palavras de Aristóteles (2005, p. 96-97), “persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé”, isto se refere ao *ethos*; “persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso”, o que se relaciona ao *pathos*; e “persuadimos, por fim, pelo discurso, quando mostramos a verdade ou o que parece verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular”, ou seja, é o *logos*. É a influência, portanto, de determinados aspectos intra e extradiscursivos que permitirá a construção de uma imagem do enunciador, não do real, mas sim daquele que se inscreve na enunciação (Maingueneau, 2008).

³⁹ “O enunciador deve legitimar seu dizer: em seu discurso, ele se atribui uma posição institucional e marca sua relação a um saber.” (Charaudeau & Maingueneau, 2020 [2002], p. 220).

⁴⁰ Trecho original: “of the discipline - what the community considers appropriate methodology and relevant objectives - may have an impact on language choice and determine in particular the representation of research activity.”

Em estudo mais recente, Amossy e Pierrot (2022) afirmam ainda que tomar a palavra resulta “uma forma de dizer, [...] quaisquer que sejam o gênero discursivo ou a situação de comunicação considerados; e esta imagem de si se molda necessariamente, em parte ou na totalidade, em modelos sociais preexistentes” (p. 130), estabelecendo uma espécie de estereótipo daquilo que é esperado de determinada enunciação.

Nesta pesquisa, o *ethos* científico se constitui importante peça para compreender como se dá a construção dialógico-discursiva dos gêneros incluídos, já que enunciação e imagem do *eu* são indissociáveis. Sobre isso, Amossy (2011) afirma que, “efetivamente, o ato de produzir um enunciado remete necessariamente ao locutor que mobiliza a língua, que a faz funcionar ao utilizá-la” (p. 11). Este, por sua vez, ao recorrer à língua para interagir interdiscursivamente com o outro, leva em consideração quem é esse outro, qual o propósito comunicativo e em que contexto se encontram no momento da enunciação.

Sendo assim, pretendemos analisar se e como o autor de cada dissertação evidencia sua postura enunciativa e/ou realiza o apagamento enunciativo (Hyland, 2005); como usa as estratégias argumentativas de referenciamento, citação e intertextualizações com fins dialógicos; enfim, como tal enunciador revela sua responsabilidade enunciativa — seja pelos recursos discursivo-pragmáticos utilizados, como os atos de linguagem, seja pelos aspectos contextuais inerentes à prática de linguagem em foco — e assim constrói sua imagem como enunciador legítimo perante a comunidade discursiva, ou seja, seu *ethos* científico.

2.2 Atos de linguagem

*Sempre que falamos ou escrevemos para outra pessoa, realizamos atos ilocucionários.*⁴¹

A epígrafe escolhida para iniciar esta subseção tem raízes, entre outros, nos pensamentos do filósofo Ludwig Wittgenstein (2017 [1953]), os quais foram difundidos no meio filosófico pelo seu livro *Philosophische Untersuchungen (Investigações Filosóficas)*, no qual a linguagem começou a ser compreendida como ação. Este filósofo discutiu, de forma ampla, mas não exaustiva, a língua em uso, propondo uma abordagem sobre a língua ordinária, não sobre uma ideal.

⁴¹ Searle, 2000, s.p.

Para Wittgenstein, a linguagem e as atividades a ela relacionadas constituem “jogos de linguagem”, nos quais se diversificam as formas de usar a língua, a depender do contexto de uso, sendo assim uma forma de agir sobre a sociedade. As regras desse “jogo” são construídas no momento mesmo da interação, fruto das relações sociais, históricas e culturais dos sujeitos nele envolvidos. Sobre isso, o filósofo reflete: “É interessante comparar a multiplicidade de ferramentas da linguagem e seus modos de emprego, a multiplicidade de tipos de palavra e de sentença, com o que os lógicos dizem sobre a estrutura da linguagem” (Wittgenstein, 2017 [1953], p. 26).

Desses estudos filosóficos, interessa-nos sobretudo a sua disposição em propor uma análise comparativa entre os ditos “jogos de linguagem”, apontando similitudes e diferenças, descartando a possibilidade de categorizar exaustiva e universalmente as línguas; bem como a sua influência na formulação das palestras apresentadas por John Langshaw Austin na Universidade de Harvard, em 1955. Em *Philosophical Papers* (1961 *apud* Austin, 1990 [1962], p. 10), Austin afirma:

Quando examinamos o que se deve dizer e quando se deve fazê-lo, que palavras devemos usar em determinadas situações, não estamos examinando simplesmente palavras (ou seus “significados” ou seja lá o que isto for), mas sobretudo a realidade sobre a qual falamos ao usar estas palavras.

Assim as considerações realizadas por Austin convergem para uma concepção da linguagem como forma de ação, na qual a língua ordinária é analisada a partir de seu uso, em que se produzem certos efeitos e consequências em determinada situação. As conferências realizadas pelo filósofo entre 1955 e 1959 resultaram nas obras postumamente publicadas, *How to do things with words* (1962)⁴² e *Sense and Sensibilia* (1962),⁴³ deixando um legado amplo e controverso, que se desenvolveu e percorreu outras áreas do conhecimento, por exemplo, aliando-se a pressupostos teóricos da Linguística, que é a base científica desta pesquisa.

Além disso, dada a complexidade e certa incompletude de suas ideias, até hoje a “Teoria dos Atos de Fala” de Austin é discutida, e muitas são as ramificações dela provenientes, sendo algumas até divergentes entre si. Dentre estas, podemos apontar a contenda entre Searle e Jacques Derrida: o cientificismo imputado às ideias austinianas

⁴² Este livro é composto pelas conferências apresentadas por Austin na Universidade de Harvard, em 1955, como parte da série de “Conferências William James”.

⁴³ E este compõe-se das ideias apresentadas nas conferências realizadas na Universidade da Califórnia, em Berkeley.

pela teorização searleana, formal e universalista, é combatida pelo filósofo francês. Para Derrida (1991 *apud* Santos, 2009), “pretender tratar do contexto como algo de que se pode fazer abstração para refinar a análise é envolver-se numa descrição que falta ao próprio conteúdo e ao objeto que pretende isolar: o contexto determina-os intrinsecamente” (p. 2208). A respeito disso, Gouveia e Santos (2022) afirmam que:

No plano do contexto sociossubjetivo propriamente dito, em que é visível a influência da pragmática austiniana, incluem-se fatores de interação comunicativa: estatutos, normas, valores e regras “institucionais”, por assim dizer, bem como os objetivos da interação verbal e as imagens recíprocas dos intervenientes no processo. (p. 24).

Tal abordagem é bastante pertinente ao desenvolvimento desta pesquisa, tendo em vista a necessidade de aliarmos, em nossa análise, tanto os aspectos linguísticos quanto os pragmático-enunciativos, considerando a práxis linguística com as nuances inerentes à sua realização, em que se busca extrair regularidades e singularidades dos textos a fim de estabelecer certos parâmetros que apontem uma ou outra pertença de gênero.

Em *How to do things with words* (*Quando dizer é fazer*, 1990 [1962]), Austin discorreu sobre essa nova abordagem epistemológica da linguagem, tecendo reflexões sobre uma possível reformulação da concepção de língua, a qual se constituiria, portanto, ação [e não apenas uma constatação] sobre o mundo. Com caráter quase revolucionário, a teoria austiniana da linguagem não pretendia abater todas as dúvidas que permeavam o fazer linguístico e filosófico, tal como “decidir qual é a pergunta, qual é a ordem, qual é a declaração” (Austin, 1990 [1962], p. 22), mas sim suscitar novos olhares sob o viés acional e dialógico da língua. Da primeira à última conferência, Austin abordou e reformulou seus próprios conceitos, chegando às categorias de análise centrais de sua teoria: performatividade, atos de fala⁴⁴ e ato ilocucionário.⁴⁵

Para o filósofo inglês, a performatividade da língua se refere à ideia de que todo proferimento, seja ele constativo ou não, é uma ação de caráter social (ainda que seja realizada por indivíduos) no e sobre o mundo, permeado por uma intenção, denominada de força ilocucionária. Assim ao declararmos algo ou emitirmos uma ordem, por exemplo,

⁴⁴ Ainda que reconheçamos a denominação originalmente dada por Austin, neste trabalho, preferimos aderir à denominação “ato de linguagem”, como “uma sequência linguística dotada de um certo valor ilocutório que pretende operar sobre o destinatário um certo tipo de transformação” (Kerbrat-Orecchioni, 2001, p. 146).

⁴⁵ Alguns autores denominam tal conceito como ilocutório ou ainda ilocutivo. Nesta pesquisa, adotamos a apenas a forma “ilocucionário”, por ter sido a usada por Austin em seu livro.

estamos realizando uma ação por meio da linguagem, com uma intenção, atrelada ao contexto em que ocorre.

Em uma divisão tripartida apenas para fins de compreensão, os atos de linguagem têm um aspecto locucionário (o enunciado em si, constituindo a dimensão linguística do ato de linguagem); um ilocucionário (força exercida sobre o enunciado, ou seja, a ação executada ao dizer algo) — nosso objeto de estudo; e um perlocucionário (efeito produzido no interlocutor, isto é, o que acontece quando algo é dito).

A partir de tais concepções, entre outras, como as condições de felicidade e infelicidade dos atos, Austin (1990 [1962]) categorizou os chamados atos ilocucionários, dependentes da força ilocucionária neles expressa, e assumidamente questionou a precariedade de sua própria categorização, afirmando: “Distingo cinco classes gerais de verbos, mas não estou totalmente satisfeito com elas” (p. 123), pois, como assevera Bakhtin (1997 [1979], p. 291), “a variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade dos escopos intencionais daquele que fala ou escreve”, ou seja, qualquer tentativa de classificar a força ilocucionária da língua será incompleta, já que produzimos contínua e ininterruptamente gêneros discursivos em nossas atividades, sejam elas cotidianas ou não. A despeito dessa incompletude, a classificação proposta por Austin está esquematizada no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Atos ilocucionários, segundo Austin

| Ato de linguagem | Conceito |
|------------------|---|
| Vereditivo | Caracteriza-se por dar um veredito, sendo necessário que a pessoa que o profere seja competente para fazê-lo. |
| Exercitivo | É a ação de poder exercida por um falante legitimado em determinadas circunstâncias. |
| Comissivo | Realiza-se como uma ação de assumir um compromisso perante o interlocutor. |
| Comportamental | Expressa as atitudes e os sentimentos do falante. |
| Expositivo | Constitui-se da expressão de ideias, opiniões e argumentos. |

Fonte: Elaborado pela autora. Adaptado de Austin (1990 [1962]).

Como o pensamento austiniano parecia ainda em desenvolvimento, seu discípulo mais conhecido, Searle (2000, 2011 [1969]), procurou dar-lhe uma consolidação teórica e

reclassificou os atos de linguagem, atribuindo-lhes certo caráter de universalidade. O Quadro 2, a seguir, apresenta essa taxonomia, que se difundiu amplamente entre os estudos acerca da teoria e, por esta razão, será a adotada nesta pesquisa.

Quadro 2 - Atos ilocucionários, segundo Searle

| Ato de linguagem | Conceito |
|------------------|--|
| Assertivo | Compromete o locutor com a verdade da proposição. |
| Compromissivo | Estabelece um compromisso do locutor com seu interlocutor. |
| Diretivo | Faz com que o interlocutor se comporte de certa maneira. |
| Expressivo | Explana o estado psicológico do locutor ante uma situação. |
| Declarativo | Resulta em uma modificação no mundo, devida pela autoridade exercida pelo locutor. |

Fonte: Elaborado pela autora. Adaptado de Searle (2000, 2011 [1969]).

Relacionando esta classificação à austiniana, podemos afirmar que ambas consideram o significado do enunciado produzido pelo locutor em um ato locucionário, dotado de força ilocucionária, expressa por meio de escolhas lexicais, sintáticas e semânticas, bem como de recursos discursivos, a fim de realizar um ato perlocucionário, o qual se define pela intencionalidade do enunciador, mas nem sempre se realiza como tal.

Embora haja determinados recursos linguísticos apontados como específicos de um e de outro ato de linguagem, nesta pesquisa, não os apontamos para que possamos concebê-los a partir dos dados extraídos dos *corpora* selecionados, pois, ao produzir uma dissertação, o enunciador escolhe determinadas sequências e estratégias discursivas para atingir certos efeitos de sentido, conforme as condições contextuais de uso da língua. Entre essas construções, extraímos os atos ilocucionários, essencialmente intencionais e convencionais, a fim de analisar seu caráter dialógico na construção da argumentatividade dos gêneros incluídos selecionados.

A partir destes *corpora*, devido ao alcance no âmbito das ciências da linguagem, adotamos, de um lado, a taxonomia searleana dos atos ilocucionários, baseada na finalidade ilocutória⁴⁶ e nas condições de realização de cada ato, a fim de relacioná-los ao dialogismo neles subjacente; e, por outro lado, tratamos dos aspectos extralinguísticos, ou melhor, da situação comunicativa em que se desenvolveram tais construtos textuais, o que

⁴⁶ Em Portugal, denomina-se objetivo locutório.

certamente influenciou tanto a sua produção quanto a sua compreensão de sentido (Volóchinov, 2019).

Devemos destacar, todavia, que a taxonomia defendida por Searle, embora seja amplamente adotada, tem recebido críticas por supostamente distanciar-se da teoria austiniana, delimitando categorias de análise e formatando conceitos que não coadunam com a perspectiva filosófica de Austin. Um de seus críticos, Rajagopalan (2010) defende uma “nova” pragmática, que busca inter-relacionar fundamentalmente os aspectos linguísticos, sociais, históricos e culturais de toda enunciação, sem que haja qualquer desvinculação entre sujeitos, enunciados e contextos, considerando ser esta a visão adotada por Austin ao proferir aquelas conferências em Harvard. Referindo-se à abordagem apresentada por Searle, Rajagopalan (1996, p. 109) afirma:

A partir da leitura de Searle, foi possível “acoplar” toda a investigação austiniana do terreno dos atos de fala ao modelo de gramática em franca ascensão naquela época, a saber, a Gramática Gerativo-Transformacional (estamos nos referindo à década de 70). (p. 109).

Tal perspectiva não condiz com a teoria austiniana de estudar a linguagem em uso. Sendo assim, em oposição à visão searleana e sob o olhar da “nova pragmática”, Alencar, Brito e Sousa (2020) declaram que “esse agir, esse fazer [pela linguagem] deve ser sempre reflexivo e dialético. [...] Os usos podem ser pontos de partida e de chegada, em perspectivas que olham os usos linguísticos como práxis, construindo a dialética ação-reflexão-ação na relação teoria-prática” (p. 206).

Tal afirmação aponta para uma pragmática focada na interação concreta, realizada por interlocutores reais e dimensionada pela linguagem verbal, estabelecendo uma relação dialógica entre interlocutores e contexto. Assim ainda afirmam esses autores (2020):

[...] sujeito, contexto, cultura, identidade, gênero, ideologia, corpo, etc. passam a integrar os estudos da produção de sentidos, enquanto uso, de maneira que a dicotomia linguístico e extralinguístico é superada e todos esses elementos passam a ser compreendidos como constitutivos da linguagem. (p. 203).

Dito isso, para essa “nova” perspectiva pragmática, o fazer linguístico é sempre dialógico, resultante de uma práxis que se faz e refaz continuamente, impregnada de uma alteridade que se constrói na responsividade contínua entre os sujeitos e seus discursos, se não imediata, em algum momento posterior à enunciação. Sendo assim, “a língua é representação da identidade do indivíduo que dela se apropria, continuamente produzida

pelas suas vivências, histórias e percepções de mundo, constituindo-se assim como objeto semiótico mutável” (Silva & Marques, 2022, p. 364). E sendo dessa forma, os atos de linguagem não são apenas ação, mas também podem levar a uma reação, ou seja, “o dizer não é somente fazer, mas também levar a fazer” (Charaudeau & Maingueneau, 2020 [2002], p. 73).

Além disso, em uma abordagem enunciativa, podemos compreender os atos de linguagem em um nível discursivo mais amplo, por meio da “integração sucessiva de microatos”, constituindo assim um macroato de linguagem, o que colabora para uma compreensão mais global do texto em si. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2020 [2002]), “a noção de ato de linguagem, proveniente da filosofia da linguagem, é utilizada, em análise do discurso, não tanto para descrever atos isolados, mas especialmente as sequências de atos que formam um texto” (p. 316).

Assim, buscando os fundamentos da teoria austiniana aliados à categorização proposta por Searle (2000), apoiando-nos na perspectiva sócio-histórica e cultural da “nova” pragmática, pretendemos analisar os atos ilocucionários encontrados nos gêneros incluídos, os quais podem colaborar, por meio de sua dialogicidade, para o convencimento sobre o que é defendido argumentativamente em cada uma das dissertações. Para isso, sendo fundamentalmente intencionais, os autores⁴⁷ podem usar estratégias argumentativo-enunciativas para o apagamento ou a inscrição de si no discurso acadêmico.

Convém destacar que não é possível, por questões de limitação de tempo e de espaço, analisar todos os exemplos dos *corpora* constituídos, mas nos esforçamos por conjugar dados suficientemente esclarecedores para poder proceder a uma síntese do papel dos atos ilocucionários sob essa perspectiva teórica.

⁴⁷ “O nome de autor age como uma marca distintiva, os textos que lhe pertencem formam a categoria das obras e se opõem a outros, anônimos ou meros produtos de um sujeito qualquer” (Charaudeau & Maingueneau, 2020 [2002], p. 85). Assim, esse termo é usado, neste trabalho, em referência aos autores das dissertações de mestrado que fazem parte dos *corpora* desta investigação.

2.3 Dialogismo

*Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que o sucederão; ele nunca é o primeiro, nunca é o último.*⁴⁸

A produção discursiva, sob o ponto de vista bakhtiniano, sempre pressupõe uma relação dialógica, tendo em vista que os sujeitos se constituem numa interação com e sobre o mundo, situada historicamente, na qual se relacionam vozes sociais heterogêneas que compõem a sua realidade. Ressaltamos que tais relações com o outro, em concordância ou discordância, não se restringem às interações face a face — num sentido mais estrito do diálogo —, mas abrangem as complexas e constantes interações existentes entre os sujeitos, por meio da linguagem verbal [escrita ou oral], caracterizadas também pelo inacabamento, pela incompletude.

Assim no dialogismo discursivo, fazem-se presentes as noções de alteridade e de responsividade. Isso significa que todo discurso, conformado pelas condições reais de sua realização e “pela situação social mais próxima”, inclusive finalizado, implica o outro [alteridade] e sua resposta a ele [responsividade], ainda que esta não seja imediata (Volóchinov, 2018 [1929]). Por meio da comunicação verbal — na qual se incluem os recursos que a língua dispõe —, os sujeitos produzem discursos que, como pode ser inferido da epígrafe, pertencem a uma teia infinita e complexa de enunciados, ou em outras palavras, são “um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais” (Volóchinov, 2018 [1929], p. 184), no qual o enunciador do discurso alheio está *in praesentia* (Bres & Nowakowska, 2006).

Embora apoiados em vozes ecoadas, enunciativamente hierarquizadas, os enunciados têm sua própria voz, sua autoria, apresentando-se assim como singulares e irrepetíveis. Sobre isso, Castelló *et al.* (2011) afirmam que “o conceito de voz no texto [...] teria uma dimensão individual e uma dimensão social (implica uma tomada de posição — monológica — e a discussão com outras posições e discursos — dialógica)” (p. 108).⁴⁹ Assim, sob essa perspectiva, os interlocutores se influenciam, apropriam-se de discursos alheios e,

⁴⁸ Bakhtin, 1997 [1979], p. 375.

⁴⁹ Trecho original: “el concepto de voz en el texto [...] tendría una dimensión individual y una dimensión social (implica toma de postura — monológica — y discusión con otras posturas y discursos — dialógica)”.

num movimento dialético, constroem seus próprios enunciados, orientados ao outro, seja este externo ou anterior a eles. De acordo com Volóchinov (2018 [1929]):

Em sua essência, *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente *o produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. (p. 205, grifos do autor).

Sendo assim, o enunciado, apontado por Bakhtin como uma construção apoiada em discursos outros, apresenta fundamentalmente uma heterogeneidade constitutiva, numa inter-relação com vozes alheias e possíveis interlocutores. Ou seja, em todo discurso habita uma resposta, caracterizada por “esse duplo dialogismo”. Ademais, o enunciado mostra o outro (heterogeneidade mostrada) por meio de registros discursivos, como o discurso direto ou o indireto; de modos e palavras de sentido diverso, não marcados, como a ironia e a paródia; ou do próprio leitor, atribuindo uma identidade ao texto e ao sujeito enunciador a cada evocação interdiscursiva, interlocutiva ou intralocutiva feita. A respeito da heterogeneidade, Authier-Revuz (1999) afirma:

Outra coisa é o nível do dialogismo “mostrado”, ou seja, da representação que um discurso dá em si mesmo de sua relação com o outro, do lugar que ele lhe dá, explicitamente, designando na sequência, através de um conjunto de marcas linguísticas, os pontos de heterogeneidade. (p. 10).

No discurso acadêmico, considerado por Bakhtin (1997 [1979]) um gênero secundário e, por isso, complexo; e por outros como “monológico”, “neutro” e “objetivo”, a alteridade se faz presente [e essencial] para sua conformação, através da interação social entre teorias e vozes, explicitando, de certa forma, a complexidade do fenômeno linguístico. A palavra, também nesse domínio discursivo, é orientada para o outro, que, como já dito, pode ser professores, pares ou um interlocutor em posição diferente (inferior ou superior) em relação ao locutor; e também baseada em vozes alheias, persuasivas ou de autoridade, confirmando, respondendo, antecipando respostas e críticas, ou ainda as refutando, sendo amplamente influenciada pelas condições de sua realização. Sobre essa responsividade, Bakhtin (1997 [1979]) assevera: “Enquanto elaboro meu enunciado, tendo a determinar essa resposta de modo ativo; por outro lado, tendo a presumi-la, e essa resposta presumida, por sua vez, influi no meu enunciado (precavenho-me das objeções que estou prevendo, assinalo restrições, etc.)” (p. 321).

A interação no discurso acadêmico implica um posicionamento perante tanto o objeto de análise quanto o ponto de vista defendido por outros em relação a esse mesmo objeto, ao qual se atribui uma nova expressividade enunciativa (Bakhtin (1997 [1979]; Hyland, 2005). Assim “os escritores constroem a sua ‘identidade de autor’ ou ‘voz’, através das ligações dialógicas que estabelecem com os textos de outros autores”⁵⁰ (Castelló *et al.*, 2011, p. 109).

Tais posturas não só revelam a responsabilidade enunciativa assumida pelo locutor, como também podem ou não fazer sobressair a palavra do outro na composição do texto, de acordo com seu valor social e epistêmico e as escolhas feitas pelo locutor, que opta pela hierarquização dialógica para tecer, no caso das dissertações de mestrado, a argumentatividade desejada. Devemos ressaltar que, ainda que não se estabeleçam relações claras entre enunciados, se estes tratarem, por exemplo, de um mesmo tema, estarão inevitavelmente em diálogo.

Nesta pesquisa, analisamos dissertações que foram produzidas dentro de um contexto acadêmico, como uma etapa para a conclusão de um curso, acarretando ao enunciador a obtenção de um grau acadêmico e, conseqüentemente, a sua inserção na comunidade discursiva de pesquisadores e especialistas em determinada área do conhecimento. Este é o contexto geral e mais próximo em que se desenvolve a totalidade das produções discursivas aqui analisadas, diferenciadas, obviamente, pelas idiossincrasias inerentes a cada enunciador, fruto de suas interações sócio-históricas e culturais.

Sendo assim, retomamos Volóchinov (2018 [1929], p. 217 grifo do autor) para afirmar que “a estrutura do enunciado, bem como da própria vivência expressa, é uma *estrutura social*”, isto é, embora seja um ato individual, o enunciado é inevitavelmente resultado das inter-relações coletivas e multilaterais experienciadas pelo enunciador. Dito isso, compreendemos que a relação social e hierárquica estabelecida entre os interlocutores é “uma daquelas forças vivas organizadoras que, junto com as condições do enunciado (a situação), constituem não somente a sua força estilística, mas até mesmo a sua estrutura puramente gramatical” (Volóchinov, 2019, p. 280).

Assim, as escolhas feitas pelo locutor, inclusive a [re]organização hierárquica dos discursos relatados retomados em diálogo no ato da enunciação, não são aleatórias –

⁵⁰ Trecho original: “los escritores construyen ‘su identidad de autor’ (author’s identity) o ‘voz’, mediante las conexiones dialógicas que establecen con los textos de otros autores”.

mesmo que pareçam neutras ou não intencionais. Elas são, na verdade, resultantes das condições contextuais do discurso e das pretensões do enunciador, as quais podem ser reveladas textualmente por sinais ou marcadores linguísticos, como verbos *dicendi*, introdutores de discurso e até sinais de pontuação (Bres & Mellet, 2009; Miranda, 2007).

Sob esse olhar, compreendemos que “o dialogismo é um princípio que estrutura a produção do discurso em todos os níveis de sua materialidade” (Bres & Nowakowska, 2006, s.p.), seja microtextual, sob a forma dos recursos linguísticos; ou macrotextual, considerando as relações enunciativas intertextuais (Bres & Mellet, 2009). Ou seja, diz respeito à língua em funcionamento real, com toda a sua singularidade, já que é fruto das relações sócio-históricas e culturais dos sujeitos em dados contextos de uso.

Portanto, os discursos “formam constelações dinâmicas que propõem pontos de vista divergentes, complementares ou semelhantes acerca de questões sobre as quais os membros de uma dada sociedade debatem” (Amossy, 2016, p. 175). Situado sócio-historicamente, o discurso se forma pela composição de vozes presentes na sociedade em que ocorre, sendo um evento único, relacionado a discursos outros e correlacionado às condições específicas de sua realização e ao seu interlocutor; e os sujeitos que os produzem são essencialmente dialógicos, heterogêneos, ideológicos e responsivos.

2.3.1 *Dialogismo interdiscursivo, interlocutivo e intralocutivo*

Amparando-nos no pensamento bakhtiniano, compreendemos o dialogismo não só como uma instância constitutiva da enunciação, que é essencialmente heterogênea na sua composição por vozes outras, mas também como um fazer ou fazer com quê, através da intencionalidade do locutor e da responsividade do interlocutor. Sobre a primeira concepção, Bakhtin (1997 [1979]) afirma que:

O enunciado nunca é simples reflexo ou expressão de algo que lhe preexistisse, fora dele, dado e pronto. O enunciado sempre cria algo que, antes dele, nunca existira, algo novo e irreproduzível, algo que está sempre relacionado com um valor (a verdade, o bem, a beleza, etc.). Entretanto, qualquer coisa criada se cria sempre a partir de uma coisa que é dada (a língua, o fenômeno observado na realidade, o sentimento vivido, o próprio sujeito falante, o que é já concluído em sua visão do mundo, etc.). O dado se transfigura no criado. (p. 348).

Já sobre a segunda, Volóchinov (2018 [1929]) assevera: “Como já sabemos, toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e

entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais” (p. 140).

Sendo assim, recorrentemente estabelecemos relações diretamente com discursos já proferidos ou com o leitor, o que denominamos de dialogismo interdiscursivo e interlocutivo, respectivamente. E ainda sob esse viés, podemos apontar o dialogismo intralocutivo [ou autodiálogo, como denominado por Authier-Revuz], no qual o autor dialoga com seu próprio enunciado, analisando e organizando o seu dizer (Bres & Mellet, 2009; Bres & Nowakowska, 2006). Sobre tais ideias, Bakhtin (1997 [1979]) reitera:

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores — emanantes dele mesmo ou do outro — aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. (p. 291).

Dada a ponderação de Bakhtin, afirmamos que o dialogismo interdiscursivo pressupõe a estrutura basilar de qualquer enunciado verbal, tendo em vista a peculiaridade dada pela língua de relacionarmos dialeticamente um discurso a outro[s]; já o interlocutivo indica uma orientação discursiva para antecipar questionamentos e dúvidas do interlocutor ou moldar a sua compreensão, conforme o objetivo comunicativo do enunciador. A esses fenômenos, Bres e Nowakowska (2006) denominam dialogismo citativo e dialogismo responsivo, respectivamente, os quais diferem na medida em que o primeiro “dialoga” com os argumentos do discurso citado, enquanto o segundo antecipa possíveis dúvidas do interlocutor suscitadas pelo seu discurso. Bres e Mellet (2009, p. 4) apresentam as seguintes concepções:

A) Dialogismo interdiscursivo - “o locutor, em sua apreensão do objeto, encontra os discursos anteriormente sustentados por outros sobre esse mesmo objeto, discursos com os quais não pode deixar de entrar em interação”;

B) Dialogismo interlocutivo - “o locutor se dirige a um interlocutor sobre a compreensão-resposta que ele antecipa”;

C) Dialogismo intralocutivo - “o locutor é seu primeiro interlocutor no processo de autorrecepção: a produção de seu discurso se dá constantemente em interação com o que ele disse anteriormente, com o que ele está dizendo e com o que ele tem a dizer”.

Charaudeau e Maingueneau (2020 [2002]) ainda completam:

Todo discurso [...] é dialógico, e esse duplo dialogismo se inscreve em dois tipos de relações [...]: aquelas que todo enunciado mantém com os enunciados anteriormente produzidos sobre o mesmo objeto (**relações interdiscursivas**); e aquelas que todo enunciado mantém com os enunciados-resposta de destinatários reais ou virtuais, que os antecipam (**relações interlocutivas**). (p. 161-162, grifos dos autores).

Sendo assim constituinte essencial do discurso, o dialogismo se apresenta em nível tanto macro quanto microtextual, por meio de manifestações tanto enunciativas — retomada da voz alheia — como linguísticas — uso de verbos *dicendi*, por exemplo. Dessa maneira, como anteriormente referimos, o enunciador escolhe, organiza enunciativa e hierarquicamente e subscreve [ou não] o discurso outro para compor o seu próprio, tornando-se o único locutor dos enunciados ali presentes: ele mesmo, a que chamamos *E1*; e o evocado, aqui denominado *e2*, o qual é citado ou pressuposto discursivamente. Assim, constitui-se uma instância locutiva singular e própria daquele enunciado específico.

No discurso acadêmico, o dialogismo se revela na convocação de diversas vozes de autoridade, as quais funcionam para dar credibilidade aos argumentos postos em seu próprio discurso, isto é, são “marcadores de evidencialidade ou mediação, mostrando que a informação vem de outro lugar” (Duarte & Pinto, 2015, p. 100). As citações, diretas ou indiretas, e o referenciamento, como já expostos anteriormente, são exemplos daquilo que compõe esse movimento dialógico do discurso produzido pela comunidade discursiva acadêmica.

Estruturado por recursos enunciativos diversos, os gêneros incluídos escolhidos para este trabalho serão inicialmente analisados pelas relações dialógicas interdiscursivas, interlocutivas e intralocutivas, de acordo com a perspectiva explicitada (Bakhtin (1997 [1979]; Bres & Mellet, 2009; Bres & Nowakowska, 2006), estabelecidas pelos atos de linguagem que os compõem; e estes, por sua vez, serão analisados conforme os recursos discursivos neles presentes para a construção da tessitura argumentativa do enunciado, com base em sua heterogeneidade constitutiva ou mostrada (Authier-Revuz, 1990).

No enquadramento teórico que subscrevemos, a prática discursiva dialógica pavimenta o caminho da argumentação científica, a qual se baseia em hipóteses, dados, asserções e eventuais conclusões que apontam em direção ao modo de ver, pensar e agir do enunciador, cujo discurso também é orientado para o interlocutor e determinado pelas possibilidades dadas pela língua e pelo contexto social e institucional em que os intervenientes estão inseridos. Assim, fundamentando-se na tese de que os atos de

linguagem, sendo intencionais, são produzidos de acordo com a pretensão do enunciador em provocar determinado efeito persuasivo no interlocutor, ambos pertencentes à comunidade discursiva acadêmica, é praticamente impossível não evocar o discurso outro para tal ato enunciativo.

Dessa forma, a composição temática e estilística de um gênero discursivo, como a ‘dissertação de mestrado’, nunca é neutra, já que reflete o ponto de vista do seu autor sobre o objeto de estudo. A partir desse PDV, com base em toda a vivência histórica, social, cultural e acadêmica de quem o produz, compõe-se a orientação argumentativa do discurso, que será o tema da próxima subseção desta investigação, sob uma perspectiva dialógica e interacionista.

2.4 Argumentação

Com orientação ou simplesmente dimensão argumentativa, a argumentação será sempre parte integrante do discurso em situação.⁵¹

Argumentar implica enunciar e interagir, demandando ao locutor a apresentação de um PDV perante um interlocutor, em que ambos assumem papéis argumentativos, dada a postura responsiva e dialógica própria de intervenientes em qualquer situação comunicativa. Sob esse olhar, compreendemos a argumentação, entre tantos teóricos e suas concepções⁵² de base retórica ou não retórica, como os meios utilizados pelo locutor no discurso em situação para persuadir o interlocutor a aderir a uma tese, confirmar ou alterar concepções e representações ou ainda para lhe fazer refletir sobre a temática abordada. Como afirma Amossy (2007):

O je (eu) marcado no discurso frente a um vous (o senhor/a senhora), e que constrói uma imagem de si mesmo em função da representação que faz do outro, está ligado a um papel [...] que ele assume de forma diferente em função da posição que ele pode ocupar num campo [...] variável. (p. 131).

Ou seja, o locutor elabora seu enunciado conforme o público a quem se dirige e assim seu discurso terá maior ou menor poder persuasivo, mediante as escolhas interdiscursivas e linguísticas adequadas a seu propósito comunicativo.

⁵¹ Amossy, 2007, p. 121.

⁵² Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, Stephen Toulmin, Jean-Claude Anscombe e Oswald Ducrot, Frans Hendrik van Eemeren e Rob Grootendorst, e Christian Plantin são alguns nomes de destaque.

Dessa forma, em uma perspectiva pragmática e interacionista do dizer, o discurso exerce intrinsecamente, com seu caráter dialógico, o papel de agir sobre o outro e, conforme a situação comunicativa, “continua a obra dos antecessores, polemiza com eles, espera por uma compreensão ativa e responsiva, antecipando-a, etc.” (Volóchinov, 2018 [1929], p. 184).

Dadas as teorias até aqui discutidas, os gêneros discursivos produzidos no ambiente acadêmico, como comunicação oral, artigo científico, relatório e dissertação, os quais apresentam fundamentalmente uma orientação argumentativa, trazem em seu bojo o contexto social, cultural, histórico e ideológico do enunciador; as idiosincrasias do discurso elaborado em sua comunidade discursiva; e as suas próprias singularidades enunciativas, desenvolvidas em práticas de leituras e escrita dentro e fora da comunidade discursiva acadêmica. Desse modo, em um gênero acadêmico, os argumentos se fazem predominantemente presentes e são, conforme Amossy (2018 [2000]):

Os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários,⁵³ tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar questionamento sobre um dado problema. (p. 47).

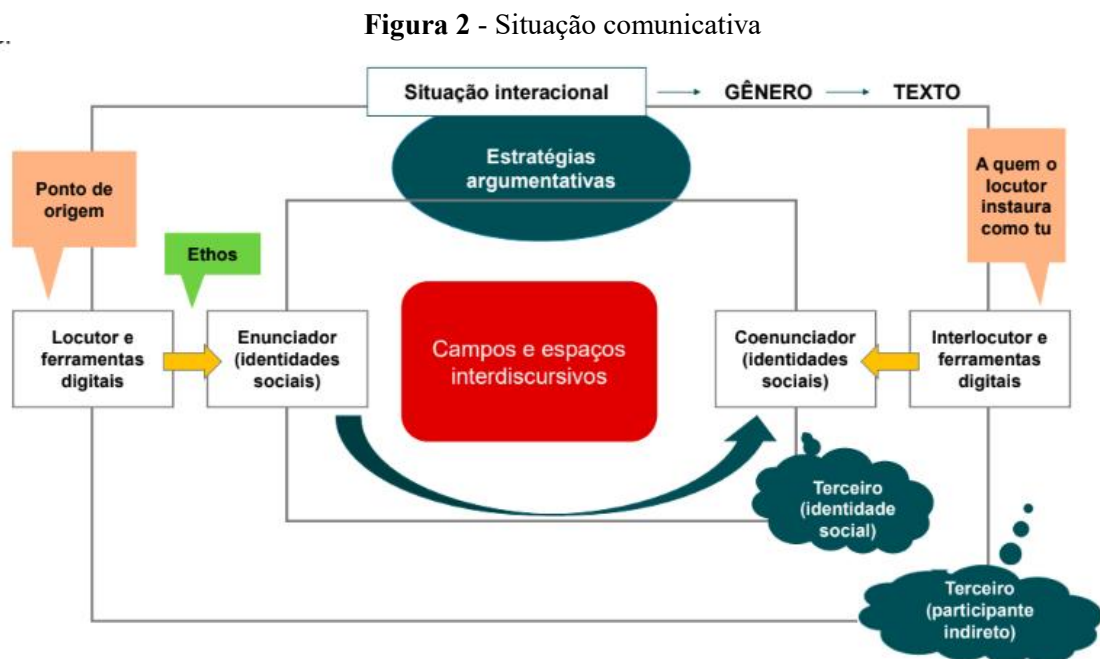
No discurso científico, a argumentação se apresenta sob três dimensões (Padilla, 2018, p. 278):

- A) Dimensão lógica - “exige articulação entre quadro teórico, interrogantes/hipóteses, dados e conclusões”;
- B) Dimensão retórica - “diz respeito ao modo de comunicar os resultados de maneira eficaz [...] por meio dos passos retóricos”;
- C) Dimensão dialética - “se abre para a consideração de outros pontos de vista ou aos resultados de pesquisa, sustentada em uma concepção do conhecimento científico como saber provisional”.

A partir desse quadro teórico, aliado à Análise do Discurso, a argumentação se faz presente no discurso, desde o embate direto de teses contraditórias até a construção dialética de respostas a uma dada questão, ou mesmo a expressão natural de um simples ponto de vista, ainda que não se justaponham nem se relacionem entre si. Assim toda construção discursiva é motivada pelos sujeitos intervenientes na ação linguageira,

⁵³ Alocutário é “aquele para quem as palavras do locutor são dirigidas” ou ainda “aquele que é linguisticamente representado no enunciado como alvo da enunciação” (Flores *et al.*, 2009, p. 47-48).

conforme os papéis sociais que desempenham a fim de, alguma forma, persuadir o outro (Cavalcante, 2022b). A respeito desse posicionamento, apresentamos a Fig. 2, elaborada por Cavalcante (2022a), na qual estão descritas as condições de uma situação comunicativa:



Fonte: Cavalcante (2022a, s.p.).

Dessa forma, compreendemos que todo texto, em uma situação concreta, considerando o coenunciador, sobre quem quer exercer influência de algum modo, tem caráter argumentativo, ainda que não evidencie claramente uma ideia pautada em argumentos explícitos. Para isso, o enunciador mobiliza os recursos linguísticos e as estratégias discursivas disponíveis nos espaços interdiscursivos para construir seu texto, o qual se diferencia apenas quando possui intenção ou dimensão argumentativa. Segundo Amossy (2018), os enunciados podem ter uma visada (ou orientação) argumentativa, em que há uma intenção de convencer o outro por meio de argumentos; ou uma dimensão argumentativa, aplicável a todo e qualquer enunciado, no qual a argumentatividade não se explicita na tessitura textual (Cavalcante, 2022a, 2022b). Dessa maneira:

[...] em todo texto, o locutor constrói representações dos diálogos que explicita ou implicitamente se estabelecem e que, desafiando os valores doxais de uma dada sociedade, constroem esquematizações de quem são os interactantes, de como é mais apropriado alinhar-se à situação e de que estratégias textuais são retoricamente mais eficazes na busca de influência sobre o outro. (Cavalcante, 2022a, s.p.).

A partir desse olhar, entre outras teorias, a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) leva em consideração a postura enunciativa e dialógica do eu com o outro, observando a inscrição discursiva de si e a imagem desse outro; as condições contextuais em que as interações verbais ocorrem; e como a língua atua em dada situação comunicativa. De acordo com Amossy (2016), essa teoria “[...] toma emprestado claramente de Aristóteles o seu quadro de reflexão. Trata-se bem de examinar o modo como os humanos interagem e influenciam-se mutuamente, mobilizando todos os meios verbais relativos ao *logos*, ao *ethos* e ao *pathos*” (p. 173).

Portanto, essa teoria pretende analisar os argumentos usados em situação concreta, por meio da materialidade da língua, em que se relacionam *ethos* (construção de si), *logos* (apresentação fundamentada e articulada de ideias) e *pathos* (conexão com o outro através de valores e princípios) na constituição da subjetividade polifônica e contextual dada pelo enunciador. Nesse sentido, a construção argumentativa do discurso alinha-se aos conceitos austinianos: o *ethos* a ato ilocucionário (em que se expressa a intenção do locutor); o *logos* a ato locucionário (que se refere às estruturas linguísticas atinentes ao discurso); e o *pathos* a ato perlocucionário (que demonstra o efeito produzido no interlocutor), já apresentados na subseção 2.2 deste estudo.

A relação estabelecida entre esses vértices constitui aspecto importante na análise da tessitura argumentativa impetrada pelos autores das dissertações, notadamente nos gêneros incluídos “Introdução” e “Conclusão”, que fazem parte dos *corpora* desta pesquisa. Assim a materialidade languageira é utilizada em determinado contexto, no caso acadêmico, para estabelecer uma relação com o público a fim de convencê-lo a aderir à tese defendida por cada mestrando e assim obter a aprovação e o consequente pertencimento àquela comunidade discursiva.

Considerando fundamental analisar tais construtos no contexto sócio-histórico e cultural no qual estão inseridos para uma análise argumentativa dessa amostra discursiva, recorreremos a Amossy (2016) quando esta afirma que:

É preciso compreender como eles [os argumentos] se tecem no texto, como se integram em uma dinâmica em que as tentativas de agir sobre o outro mobilizam os meios verbais mais diversos, segundo quais modalidades o discurso se situa numa troca global considerada por argumentos preestabelecidos, e quais funções sociais ele cumpre em um espaço sociocultural particular. (p. 171).

Relativamente à persuasão do enunciador no discurso acadêmico, os argumentos apresentados devem ser suficientemente relevantes para que o enunciado alcance êxito em sua finalidade comunicativa e, neste ponto, a língua dispõe de alguns recursos — como conectores, operadores argumentativos e modificadores — que auxiliam na construção dialógico-argumentativa do discurso. Com essa perspectiva, o discurso é construído subjetiva e intersubjetivamente pelas marcas linguístico-discursivas escolhidas pelo enunciador, também permeado pelas representações do interlocutor e das vozes de outrem, evocadas no texto com fins persuasivos (Bres & Mellet, 2009; Portolés, 1998). Sobre isso, Hyland (2008) aduz que:

No cerne da persuasão acadêmica [...] estão as tentativas dos escritores de antecipar possíveis reações negativas às suas reivindicações. Para fazer isso, eles devem demonstrar familiaridade com as práticas persuasivas de suas disciplinas, codificando ideias, empregando garantias e estruturando argumentos de maneira que seu público potencial ache mais convincente. (p. 3).⁵⁴

Dessa forma, o discurso acadêmico de que trata Bakhtin [e que constitui nossos *corpora*] é enunciativamente heterogêneo e predominantemente do tipo argumentativo, caracterizando-se pela intencionalidade do locutor (sujeito argumentante) em relação ao seu interlocutor, real ou presumido; pela aceitabilidade e responsividade deste (sujeito-alvo), considerando-o não como um simples receptor do enunciado, mas um sujeito que participa da construção do discurso; e pela concepção sobre o mundo, com base na subjetividade de cada um, dialogando interdiscursivamente com o outro, com o discurso ou consigo mesmo (Bres & Mellet, 2009, Charaudeau, 2008; Koch & Elias, 2016). A respeito da responsividade do interlocutor, todo enunciado não só se constitui como uma resposta a algo, como também se orienta para uma resposta, se não imediatamente, em algum momento posterior, compondo assim uma rede discursiva interminável (Volóchinov, 2018 [1929]).

Os *corpora* selecionados mostram de que forma os argumentos são construídos por meio dos atos de linguagem escolhidos, expressos pelos recursos linguístico-discursivos disponíveis, conforme a intenção argumentativa de cada dissertação. Sobre esse aspecto, Lebler e Santorum (2020) sustentam que “a orientação argumentativa de um termo, pela

⁵⁴ Trecho original: “At the heart of academic persuasion, then, is writers’ attempts to anticipate possible negative reactions to their claims. To do this they must display familiarity with the persuasive practices of their disciplines, encoding ideas, employing warrants, and framing arguments in ways that their potential audience will find most convincing”.

sua característica de apontar as possíveis relações que podem existir entre um termo e outro, coloca no paradigma das escolhas uma série de elementos que podem ser encadeados como continuações em um discurso” (p. 9).

Cavalcante (2016), nesse sentido, elenca algumas estratégias textuais que podem mobilizar o *logos*, o *ethos* e o *pathos* em um discurso acadêmico, como optar por um gênero pertinente ao contexto de uso linguageiro, por marcas indicativas de heterogeneidade enunciativa, de referenciação e de intertextualidades, as quais poderão ser viabilizadas pelos atos de linguagem já elencados aqui. Além disso, a autora afirma que só isso não é suficiente em uma análise discursiva, pois “colocar as palavras em discurso implica embutir nelas as restrições institucionais, a carga dóxica e ideológica e os jogos de poder” (Cavalcante, 2016, p. 117).

Com o objetivo basilar de difundir e, ao mesmo tempo, produzir conhecimento por meio de uma escrita epistêmica, o gênero ‘dissertação de mestrado’ se ampara em estratégias argumentativo-discursivas que favorecem a organização da informação, a fim de levar o público a compreender e, possivelmente, aderir à tese apresentada (Padilla, 2018). Assim o sentido argumentativo do enunciado se faz a partir de seus aspectos subjetivo e intersubjetivo, através dos quais se demonstram a posição assumida pelo locutor ante o tema abordado e a sua relação com o interlocutor, respectivamente. Tal subjetividade se materializa pelo uso dos meios que a língua dispõe, evidenciando o caráter dialógico que pretendemos infligir aos discursos.

Sendo assim, a análise da tessitura argumentativa deve revelar quais limitações contextuais, ideológicas e de poder estão inscritas na materialidade linguística presente em dado discurso, o que não impede as marcas de subjetividade e autoria deixadas pelo locutor na complexa e infinda rede interdiscursiva da linguagem. É dessa forma que, nesta investigação, fincamos nosso olhar sobre a inter-relação teórica do estudo da língua em uso, como prática social viabilizada pelo dialogismo e pelos atos de linguagem no e sobre o mundo, com fins argumentativos. Assim:

O analista [...] reencontra, no nível argumentativo (os esquemas) e no discursivo (a colocação em palavras) os elementos constitutivos do discurso [...]; ele examina a forma como estes elementos são agenciados para produzir seus sentidos e seus efeitos; ele os coloca em relação com o interdiscurso. (Amossy, 2016, p. 185).

Então para que seja realizada uma análise discursiva, em situação de comunicação, devem ser levados em consideração aquele que fala, a quem este se dirige, qual a relação

contextual existente, que papéis desempenham os interlocutores, em quais circunstâncias, momento e lugar, observando também a materialidade linguageira e a interdiscursividade implementada, já que os argumentos só fazem sentido em situação de uso. É dessa forma que “a análise argumentativa coloca em evidência, ao mesmo tempo, os objetivos do discurso em uma situação de comunicação singular e as estratégias empregadas para realizá-los em suas dimensões formais e ideológicas” (Amossy, 2008, p. 140).

Tendo um caráter etnográfico, essa teoria busca revelar as singularidades discursivas erigidas no meio social coletivo e diverso, além de uma reconstrução dos saberes neles expressos, tentando, ao analisar os discursos sob esse prisma, “fornecer um olhar distanciado que permite melhor pensar sobre essa sociedade” (Amossy, 2016, p. 187). Sendo assim, a TAD:

Adota a atitude individual do etnógrafo, que explora fenômenos culturais reveladores do sistema de crenças e de pensamento de um grupo humano; ou, ainda, a atitude do historiador, que tenta reconstituir modos de vida e de interações, “mentalidades” e práticas culturais, em suas condições sócio-históricas. (Amossy, 2016, p. 186).

Sob tais fundamentos, a teoria da argumentação no discurso objetiva pesquisar “fenômenos discursivos” plurais, os quais são situados e, por isso, analisados sob um panorama social que, de forma dialética, influencia e é pelo discurso influenciado.

2.4.1 Os atos ilocucionários na tessitura argumentativa entre parágrafos

Na estruturação argumentativa do gênero acadêmico, o parágrafo pode ser considerado um pontuador textual, como demonstrado no estudo desenvolvido por Dufour (Bres *et al.*, 2012). Para este autor, ao organizar as ideias em parágrafos, o enunciador busca “dialogicamente [...] orientar o leitor dentro do texto e, conseqüentemente, [...] antecipar a [sua] leitura” (Bres *et al.*, 2012, p. 155), já que o sentido se constitui na tessitura textual por meio da adição ordenada, coesa e coerente de frases. Segundo Volóchinov (2018 [1929]):

Se penetrássemos mais profundamente na essência linguística dos parágrafos, nos convenceríamos de que, em alguns traços essenciais, eles são análogos às réplicas de um diálogo. É como se fosse um diálogo enfraquecido que passou a integrar um enunciado monológico. A percepção do ouvinte e do leitor, bem como das suas reações possíveis, fundamenta a divisão do discurso em partes que, na linguagem escrita, são designadas como parágrafos. (p. 244).

Outrossim, a paragrafação permite ao leitor o processamento e a compreensão do dito no parágrafo anterior para acrescentar novos dados em sua sequência. Ou seja, a indentação pode representar a abertura de um “microdiálogo interno”, organizando o dizer e o sentido pretendido com este dizer (Bres *et al.*, 2012). Sobre isso, Silver (Hyland & Guinda, 2012) aponta que “os escritores constroem textos antecipando as visões reais e imaginárias dos leitores, suas expectativas e respostas” (p. 203),⁵⁵ estabelecendo assim uma relação dialógica e, por isso, social.

Seguindo esse pensamento, com o olhar voltado para esta pesquisa, podemos depreender que os atos de linguagem podem se relacionar a outros dentro das frases, dos parágrafos, das seções, dos capítulos para, enfim, constituir a dissertação, o que foi brevemente discutido na seção destinada aos atos de linguagem. Para Charaudeau e Maingueneau (2020 [2002]), “compreender um discurso é responder à questão: por que, para alcançar que meta, por qual objetivo argumentativo esse texto foi produzido?” (p. 316), levando os interlocutores a interpretar o discurso em sua totalidade.

Assim para refazer empiricamente a argumentação em sua textualidade, podemos identificar os diferentes atos de linguagem discursivamente presentes, os quais colaboram para uma construção dialógica intradiscursiva, ou seja, em um âmbito mais alargado não só dentro dos textos prototipicamente teórico-argumentativos,⁵⁶ como o gênero aqui abordado, mas também em outros tipos textuais ou gêneros do discurso.

Em suma, procuramos articular as correntes linguísticas aqui discutidas — a Pragmática Linguística, a Análise do Discurso, a Linguística Textual e a Teoria da Argumentação no Discurso — para situar os atos de linguagem mais proeminentes e denotadores de dialogismo na argumentatividade do discurso acadêmico, a fim de oferecer um arcabouço teórico que possa fundamentar a análise argumentativa a ser apresentada no capítulo 4 deste estudo.

⁵⁵ Trecho original: “writers construct texts by anticipating readers’ real and imagined views, their expectations and responses.”

⁵⁶ Cf.: *Atos de fala e estrutura textual*. FFLCH-USP. <https://www.youtube.com/watch?v=QvaUWZyBDNA>. [09 jul. 2022].

3 METODOLOGIA

[...] o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.⁵⁷

Temos nos ocupado, até então, do estudo das vertentes teóricas que orientam a perspectiva epistemológica adotada para a realização desta pesquisa, cuja concepção se deu a partir da problemática inicialmente tratada em um artigo escrito para a disciplina Conhecimento Explícito da Língua e Ensino II, do Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa. De acordo com Gil (2008 [1991]), em uma pesquisa, “é necessário que [o] assunto seja colocado em termos de um problema a ser solucionado. Essa problematização, por sua vez, não constitui tarefa simples. Requer experiência, leitura, reflexão e debate. É algo que decorre da vivência intelectual do pesquisador” (p. 72).

Dessa maneira, os conceitos abordados na seção anterior servem como fundamentos para a realização de passos metodológicos que poderão nos conduzir a conclusões acerca do tema escolhido, configurando-se assim como uma pesquisa propriamente dita dentro dos paradigmas da ciência da linguagem. Segundo Gil (2008 [1991]), “para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação. Ou, em outras palavras, determinar o método que possibilitou chegar a esse conhecimento” (p. 8).

Dito isso, partimos para os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, os quais se cingem à pesquisa de abordagem qualitativa, sob um olhar etnográfico, de caráter bibliográfico e documental, focado em enunciações concretas, situadas em contextos mais amplos de produção, circulação e recepção.

A respeito da pesquisa qualitativa, Gomes afirma (Minayo, 2015) que “[...] a análise e a interpretação dentro de uma perspectiva de pesquisa qualitativa não [têm] como finalidade contar opiniões ou pessoas” (p. 79), mas sim explorar as representações sociais concernentes ao tema da investigação. Ademais, embora haja similaridades entre os interlocutores de determinado grupo social, devemos buscar também aquilo que os diferencia, o que os torna singulares na situação de análise.

⁵⁷ Minayo, 2015, p. 21.

Tendo em vista que buscamos, neste trabalho, analisar as práticas de escrita científica realizadas nos contextos socioculturais e acadêmicos de Brasil e Portugal, a etnografia é a escolha como vertente teórico-metodológica, por considerar o letramento [neste caso, o acadêmico] como uma prática social situada, ou seja, influenciada pelo contexto em que se insere (Fiad, 2017). Segundo Amossy (2016), a Teoria da Argumentação no Discurso, discutida na fundamentação teórica desta pesquisa:

Tenta construir um objeto (discursivo) que ela ilumina a partir de seu interior, de forma a apreender os modos de dizer, que são também modos de fazer. Admite a diversidade, a pluralidade, a existência de racionalidades alternativas. Ela tem uma vocação para exposição e para compreensão, que a leva a pesquisar fenômenos discursivos diversos. Seus *corpora* são sempre *situados e examinados no quadro social que os gera e onde eles ocupam funções que importa determinar*. (p. 186, grifos nossos).

Neste caso, inscrevemo-nos em uma postura axiológica, porque dialógica, buscando compreender, no decorrer da investigação, as regularidades e singularidades dos discursos que constituem os *corpora* de análise.

Além disso, baseamo-nos no método bibliográfico, o qual abrange o levantamento de dados sobre o tema em diversos materiais já publicados, de diferentes autores e perspectivas teóricas em diálogo, por meio de livros, teses, dissertações e artigos científicos. Essa etapa da pesquisa foi apresentada no capítulo da Fundamentação teórica desta dissertação, tendo em vista a necessidade de embasar epistemologicamente a análise e a interpretação pretendidas. Também nos baseamos no método documental, que tem como foco aqueles materiais que ainda não foram objeto de análise, sendo, neste caso, as dissertações de mestrado produzidas no Brasil e em Portugal, sem com isso objetivar o esgotamento de outras possibilidades de investigação linguística (Gil, 2008 [1991]).

Sob essa perspectiva metodológica, constituímos desta forma os *corpora* desta pesquisa: i) com as seções “Introdução” e “Conclusão/Considerações Finais” de dissertações, as quais iniciam e findam este gênero; ii) da área da Linguística, buscando regularidades na escrita acadêmica dos membros dessa comunidade discursiva; iii) produzidas no Brasil e em Portugal, a fim de realizar uma análise comparativa baseada em dissertações provenientes de instituições de ensino superior localizadas em diferentes regiões desses países; iv) selecionadas em repositórios acadêmicos dos países em análise, a

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁵⁸ e os Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP),⁵⁹ os quais são reconhecidos por sua abrangência de dados; v) dentro do período de 2017 a 2022, abarcando os cinco últimos anos de escrita científica nessa área do conhecimento, a fim de contemplar as produções mais recentes.

Optamos por dissertações de mesma área disciplinar por haver maior possibilidade de semelhanças entre elas, não somente estilísticas e composicionais, mas também pragmáticas, tendo em vista que seu objetivo comunicativo é promover e divulgar as pesquisas científicas e obter a outorga de um grau, neste caso, de mestre em ciências da linguagem (Silva; Santos; Siteo, 2019).

Em Gil (2008 [1991]), encontramos dez princípios que orientam a análise de dados em uma pesquisa qualitativa e que pretendemos seguir, a saber:

- A) A análise não é a última fase do processo de pesquisa; ela é cíclica ou concomitante à coleta de dados. [...]
- B) O processo de análise é sistemático e compreensivo, mas não rígido. [...]
- C) O acompanhamento dos dados inclui uma atividade reflexiva que resulta num conjunto de notas de análise que guiam o processo. [...]
- D) Os dados são segmentados, isto é, subdivididos em unidades relevantes e significativas, mas que mantêm conexão com o todo. [...]
- E) Os segmentos de dados são categorizados de acordo com um sistema organizado que é predominantemente derivado dos próprios dados. [...]
- F) A principal ferramenta intelectual é a comparação. [...]
- G) As categorias para escolha dos segmentos são tentativas e preliminares desde o início e permanecem flexíveis. [...]
- H) A manipulação qualitativa dos dados durante a análise é uma atividade eclética; não há uma única maneira de fazê-la. [...]
- I) Os procedimentos não são científicos nem mecanicistas. [...]
- J) O resultado da análise é um tipo de síntese em mais alto nível. [...]. (p. 176-177).

Assim, congregamos dados resultantes de uma análise descritivo-analítica, descendente, cujo foco recai no contexto social em que o gênero se realiza e nas suas finalidades pragmático-discursivas, passando para as características estruturais e escolhas linguísticas inerentes a ele, as quais colaboram para a tessitura argumentativa do discurso. Com isso, esta investigação almeja contribuir de forma relevante para uma literacia acadêmica baseada no desenvolvimento de competências linguístico-discursivas inerentes à construção e difusão do conhecimento produzido por esta comunidade, aliando o saber

⁵⁸ <https://bdtd.ibict.br/vufind/> [06 out. 2022].

⁵⁹ <https://www.rcaap.pt/> [06 out. 2022].

alheio ao saber próprio em uma escrita potencialmente epistêmica e argumentativa (Coutinho, 2012; Padilla, 2018; Silva; Santos; Siteo, 2019). Ao relacionar esses saberes, o enunciador subjetivamente responde ao que já foi dito e produz conhecimento, convocando, ao mesmo tempo, os coenunciadores para semelhante postura (Volóchinov, 2018 [1929]).

Nesse sentido, já procedemos ao estudo dos principais textos teóricos que fundamentam a nossa pesquisa e, mais adiante, aplicamos os conceitos na análise dos *corpora*. Para compor o objeto de análise, escolhemos preferencialmente, entre os arquivos disponibilizados nos repositórios das instituições científicas selecionadas, aqueles que apresentavam um plano de texto baseado em tópicos (*topic-based*), por ser mais frequentemente adotado nas pesquisas das Humanidades, e assim demonstrar a relevância da dialogicidade dos atos de linguagem na argumentação das dissertações.

Sobre os *corpora* brasileiro e português, é importante salientar que não houve necessidade de consentimento dos respectivos autores, tendo em vista que, após a prova pública de defesa, estes autorizaram a publicação em repositório aberto. Assim esses arquivos se encontram disponíveis para acesso público e irrestrito nas páginas eletrônicas destinadas a este fim pelas instituições de ensino superior, compilados nos repositórios consultados (BDTD e RCAAP), o que não nos isenta de lhes fazer o devido referenciamento, apresentado ao final deste trabalho.

Seguindo parâmetros de análise do discurso, baseada na teoria bakhtiniana, procedemos ao estudo da esfera da atividade humana em que ocorrem os gêneros dos *corpora*, atentando para conceitos fundamentais como discurso acadêmico, comunidade discursiva, gêneros acadêmicos e incluídos; em seguida, abordamos os papéis sociais desempenhados pelos interlocutores da interação discursiva em tela, notadamente os autores e seus interlocutores reais ou presumidos; e, por fim, investigamos as relações dialógicas estabelecidas nos discursos empreendidos por tais sujeitos, averiguando [se há] regularidades no dialogismo revelado pelos atos ilocucionários presentes, com base fundamentalmente na taxonomia de Searle (2000, 2005 [1979]), e a argumentatividade construída na produção dos gêneros incluídos analisados.

Por fim, sob essa perspectiva epistemológica, partindo de uma complexa relação dialógica e, por isso, axiológica entre pesquisadora e *corpora* (enunciados já ditos por outros sujeitos social e historicamente situados), pretendemos comparar as produções discursivas de ambos os países para que sejam analisadas e avaliadas possíveis

similaridades e/ou diferenças na tessitura argumentativa construída pelos respectivos autores (Hyland, 2008).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS *CORPORA*: UM OLHAR ETNOGRÁFICO

*A compreensão do todo do enunciado é sempre dialógica.*⁶⁰

A investigação alcança, neste capítulo, a análise das dissertações de mestrado selecionadas com o propósito de averiguar a tessitura argumentativa expressa pela dialogicidade dos atos ilocucionários presentes nos gêneros incluídos “Introdução” e “Conclusão”. Pretendemos assim simbioticamente relacionar o arcabouço teórico antes discutido aos discursos monogeridos pelos enunciadores em questão, apontando aspectos considerados relevantes para a análise das práticas de escrita realizadas nas comunidades discursivas acadêmicas no Brasil e em Portugal.

Tendo a epígrafe bakhtiniana como base, afirmamos que a análise empreendida e, neste momento, apresentada é resultado de uma compreensão de natureza fundamentalmente interacional, pautada nos conhecimentos e valores epistemológicos e axiológicos da pesquisadora, a fim de demonstrar, por meio dos dados extraídos dos *corpora*, elementos comprobatórios da hipótese levantada. Isso significa dizer que não há qualquer tentativa de concretizar um projeto enunciativo único e não passível de ajustes, pois compreendemos que a análise discursiva demanda investigação e, sob olhares diversos, permite amplos e controversos (e por isso essenciais) caminhos de construção do saber sobre a língua. Sobre a análise argumentativa do discurso, Amossy (2016) afirma que:

Esta abordagem desconstrói o discurso para reencontrar os componentes e reconstruir, sob a concretização material da superfície, o modelo que a subentende e a lógica que a coloca em funcionamento numa situação socioinstitucional dada. Fazendo isso, ela mostra o funcionamento discursivo em sua regulação própria e evidencia um sistema que não aparece a olho nu. Ela se propõe identificar, sem julgar a partir de normas de validade universal, a lógica particular que preside à elaboração de discursos concretos. (p. 177).

Considerando que “o ato discursivo, ou mais precisamente o seu produto — o enunciado — de modo algum pode ser reconhecido como um fenômeno individual [...] o enunciado é de natureza social” (Volóchinov, 2018 [1929], p. 200), buscamos analisar os *corpora* sob seus aspectos textuais, especificamente levando em conta aqueles de ordem discursiva, aliados às condições sociais, históricas e culturais de cada grupo de enunciadores, bem como o objetivo ilocucionário comum a todos, isto é, a obtenção do

⁶⁰ Bakhtin, 1997 [1979], p. 354.

grau de mestre em determinada área das ciências da linguagem. Assim voltamos nosso olhar para as relações de sentido do enunciado argumentativamente orientado, instauradas pela convergência dos elementos interacionais, discursivos, intertextuais e contextuais concernentes aos interlocutores.

Dessa forma, por meio de uma inter-relação teórica, em que nos apoiamos em concepções pertinentes à Linguística Textual, à Pragmática Linguística, à Análise do Discurso, às teorias dos Atos de Linguagem e da Argumentação no Discurso, amparados nos conceitos bakhtinianos de dialogismo, alteridade e responsividade, objetivamos averiguar como se constroem a “Introdução” e a “Conclusão” das dissertações por meio da dialogicidade argumentativa dos atos de linguagem usados. Tal base epistemológica encontra respaldo em Cavalcante (2022a) quando a autora afirma que “não é possível [...] empreender uma análise argumentativo-retórica sem considerar os usos textuais na interação efetiva [...]”, já que privilegiamos “a alteridade, a condição de que se fala sempre para um outro, sobre quem se fazem suposições e a quem se busca influenciar por meio de expedientes languageiros” (s.p.).

Embora compreendamos que as dimensões pragmático-enunciativas não se manifestam separadamente, para fins da análise proposta neste trabalho, verificamos como os diferentes tipos de atos de linguagem colaboram, dialogicamente, para a construção argumentativa dos discursos na comunidade científica, funcionando como mecanismos de realização textual. Em seguida, analisamos se [e como] os aspectos contextuais influenciaram tais produções acadêmicas.

Sendo assim, devemos inicialmente considerar que as dissertações selecionadas para esta investigação foram produzidas por comunidades discursivas acadêmicas de diferentes regiões dos países a que pertencem, retratando singulares aspectos sociais, históricos, culturais e científicos. Apesar disso, os *corpora* podem revelar especificidades do domínio discursivo acadêmico, notadamente do gênero discursivo ‘dissertação de mestrado’, atendendo total ou parcialmente a suas peculiaridades. Neste ponto, precisamos destacar o papel social exercido pelos interlocutores, principalmente pelos autores das dissertações, os quais realizam seus discursos através dos textos, segundo sua intencionalidade e a aceitabilidade do outro, seja este real ou presumido, como pares e professores.

Sob essa perspectiva, foram selecionadas dez dissertações dos seguintes repositórios científicos: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), publicadas no período de 2017 a 2022, cujos temas e áreas disciplinares diferiam entre si, a fim de conferir a maior amplitude possível à análise em tela. Enfatizamos que os códigos atribuídos a cada uma das dissertações se constituem de um prefixo (PB - português brasileiro e PE - português europeu⁶¹) e das iniciais dos nomes de seus autores. Assim foram extraídos os trabalhos dispostos nos Quadros 3 e 4 a seguir:

Quadro 3 - Dissertações produzidas no Brasil

| CÓDIGO | ÁREA | TÍTULO | AUTOR | ANO | INSTITUIÇÃO |
|----------|---|---|--|------|---|
| PB-AMAAO | Linguística | <i>Oralidade em práticas na educação infantil</i> | Arineyde Maria d'Almeida Alves de Oliveira | 2019 | Universidade Federal da Paraíba |
| PB-BCLL | Linguística | <i>Previsão de contraste em sentenças com advérbio focalizador e clivagem em português brasileiro</i> | Bianca Chaves Leite Lignani | 2022 | Universidade Federal de Juiz de Fora |
| PB-EGX | Letras | <i>Discursos acadêmicos sobre os terena e religião: um estado da arte</i> | Evelyne Gregório Xavier | 2019 | Universidade Federal da Grande Dourados |
| PB-GPB | Letras | <i>Perguntas retóricas no plenário do Supremo Tribunal Federal</i> | Glauco Pedrosa Barutti | 2020 | Universidade Presbiteriana Mackenzie |
| PB-KSC | Letras | <i>Análise linguística de textos jornalísticos sobre o processo de impeachment da Presidente Dilma Rousseff</i> | Kalebe Soares Copello | 2018 | Universidade Federal de Pelotas |
| PB-LGSK | Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem | <i>O ensino-aprendizado afeto-cognitivo de sujeitos bilíngues em uma atividade de Circle Time</i> | Lígia Gomes Salgueiro Kemmer | 2018 | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo |
| PB-MCLL | Estudos da Linguagem | <i>Plano discursivo em perspectiva funcional: mecanismos textual-discursivos e pragmáticos em artigos</i> | Maria Clara Lucena de Lemos | 2020 | Universidade Federal do Rio Grande do Norte |

⁶¹ Adotamos PE apesar de nem todos os autores se utilizarem dessa variante da língua portuguesa na escrita de seus textos, por possuírem outra nacionalidade lusófona.

| | | | | | |
|---------|-------------------------------|---|---------------------------------|------|--|
| | | <i>de opinião</i> | | | |
| PB-RQA | Linguística | <i>Manifestação do objeto direto anafórico em esfera escolar EJA: a gramática do letrado</i> | Raiane Quimente Armando | 2018 | Universidade do Estado do Rio de Janeiro |
| PB-RCSJ | Ciências da Linguagem | <i>Linguagem e errância em Madame Bovary</i> | Roberto Carlos de Santana Jesús | 2016 | Universidade Católica de Pernambuco |
| PB-TTCL | Letras e Estudos Linguísticos | <i>Onomástica em Parkatejê: um estudo morfossintático e semântico sobre os nomes próprios</i> | Tereza Tayná Coutinho Lopes | 2017 | Universidade Federal do Pará |

Fonte: Elaborado pela autora com base na BDTD CAPES.

Quadro 4 - Dissertações produzidas em Portugal

| CÓDIGO | ÁREA | TÍTULO | AUTOR | ANO | INSTITUIÇÃO |
|---------|--|---|------------------------------|------|----------------------------------|
| PE-CIW | Português Língua Estrangeira/ Língua Segunda | <i>O ensino de português língua estrangeira/língua segunda baseado em tarefas na perspectiva da linguística cognitiva</i> | Chan Iok Wang | 2019 | Universidade Católica Portuguesa |
| PE-CG | Linguística Geral e Românica | <i>Aquisição de elipse de VP no português europeu como língua não materna por falantes nativos de chinês mandarim</i> | Chang Gao | 2021 | Universidade de Lisboa |
| PE-FMGS | Linguística: Sociedades e Culturas | <i>O primeiro contacto com a língua portuguesa: do português língua não materna ao português língua estrangeira (Nível A1)</i> | Fátima Marília Góis de Sousa | 2021 | Universidade da Madeira |
| PE-JRPM | Linguística | <i>A recomplementação no português europeu</i> | Joana Rita Pinto Mesquita | 2020 | Universidade de Lisboa |
| PE-LX | Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda (PLELS) | <i>Contributos para análise do ato ilocutório de crítica numa perspectiva contrastiva: o caso dos aprendentes chineses de PLE</i> | Li Xin | 2019 | Universidade de Coimbra |
| PE-TM | Estudos de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino | <i>Bo, Tu e você: vértices do Triângulo das Bermudas do sistema de tratamento do emergente português de</i> | Tiago Mouta | 2019 | Universidade Aberta |

| | | | | | |
|-----------|---|--|---|------|-----------------------------|
| | | <i>Cabo Verde</i> | | | |
| PE-TNRPGL | Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda | <i>Valores aspetuais do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito na aquisição/aprendizagem do português como língua não materna</i> | Tiago Nuno Raposo Pais Gonçalves Loureiro | 2021 | Universidade de Coimbra |
| PE-VDCQ | Ciências da Linguagem Consultoria e Revisão Linguística | <i>Combatendo as fake news sobre o SARS-COV-2: o revisor como um fact-checker</i> | Vanessa Daiane Contente Quintanilha | 2021 | Universidade Nova de Lisboa |
| PE-VFCB | Estudos de Língua Portuguesa | <i>Autocensura e persuasão: marcas linguísticas e retóricas em Alto da Cananéia (1534), episódio do Velho do Restelo do canto IV d’Os Lusíadas (1572) e a natureza dos implícitos na história do futuro (1665)</i> | Vasco Figueiredo Cruz Bento | 2022 | Universidade Aberta |
| PE-ZS | Português como Língua Segunda e Estrangeira | <i>Fenómenos comuns de interferência linguística na aprendizagem de português escrito por alunos chineses</i> | Zhu Simiao | 2021 | Universidade Nova de Lisboa |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos RCAAP.

Com base na categorização dos atos ilocucionários (Searle, 2000), analisamos como estes se apresentam e sua funcionalidade dialógica nas “Introduções” e “Conclusões” em foco, exemplificados, entre tantos, pelos trechos apresentados nas subseções seguintes.⁶²

- 1) Assertivos - têm um compromisso com a verdade da proposição e podem ser exemplificados por afirmações, explicações, descrições e classificações (Searle, 2000). Dada sua força ilocucionária, esses atos representam uma crença do locutor, a qual pode ser verdadeira ou falsa.
- 2) Compromissivos - caracterizam-se pelo compromisso do locutor com a realização da proposição enunciada, podendo ser promessas, garantias e votos. Esses atos estabelecem o diálogo com o enunciado ao apresentarem uma condição para que o ato de fala se realize; e com o leitor, convocando-o a ser coenunciador

⁶² Os excertos foram transcritos tal como se apresentam nos arquivos acessados, com apenas algumas supressões.

da dissertação e comprometendo-se a realizar tais atos de linguagem no decorrer desta.

3) Diretivos - pretendem fazer com que o interlocutor aja conforme a proposição do enunciado, como em ordens, pedidos e comandos, ou seja, o locutor sempre deseja que o outro realize o ato enunciado.

4) Expressivos - expressam o estado psicológico do locutor, por meio da sinceridade da proposição enunciada, em relação ao interlocutor.

5) Declarativos - realizam uma mudança no mundo e na palavra ao serem proferidos.

Além disso, na sequência, verificamos quais recursos linguístico-discursivos foram usados em tais gêneros incluídos para a sua construção argumentativa, considerando a responsabilidade enunciativa do locutor, na qual sua presença ou ausência constitui-se uma escolha para assumir uma ou outra postura enunciativa, e assim construir seu *ethos* científico (Hyland, 2005). Isso pode ser denotado, por exemplo, através de uma postura mais subjetiva [mais peculiar às ciências humanas e sociais] por meio do uso de primeira pessoa, para indicar maior envolvimento individual com a tese defendida.

4.1 Dissertações do Brasil

Como já apontado anteriormente, a escrita acadêmica tem sido objeto de estudo de várias pesquisas em todo o mundo, o que não seria diferente no Brasil. Isso se deve, em parte, à expansão do ensino superior ocorrida notadamente nos últimos 15 anos, dada a implementação de políticas públicas voltadas a este nível de ensino, como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI);⁶³ e a oferta de bolsas de estudo em instituições de ensino superior privadas, custeadas pelo Governo Federal em troca de isenção dos tributos concernentes às instituições que aderissem ao Programa Universidade para Todos (PROUNI).⁶⁴

A profusão de estudos concernentes à escrita de textos acadêmicos é proveniente, principalmente, das dificuldades encontradas pelos discentes em construir um pensamento epistêmico-científico que, na escrita, atendessem aos parâmetros exigidos pelos experientes

⁶³ Instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Cf.: <https://reuni.mec.gov.br/>. [07 fev. 2023].

⁶⁴ Criado pela Lei nº 11.096/2005. Cf.: <https://accessunico.mec.gov.br/prouni>. [07 fev. 2023].

membros dessa comunidade discursiva. Dito isso, concordamos com Brambila (2022) ao afirmar que:

A realidade heterogênea da formação escolar básica brasileira, a desigualdade social que se reflete nos acessos (e a falta deles) a práticas diversificadas com a linguagem e a própria realidade do caos sanitário pandêmico vivenciado pelo mundo desde 2020 podem ser considerados fatores concretos que afetarão concepções básicas de língua, texto e autoria, e, conseqüentemente, o ensino-aprendizado de textos acadêmicos que dependem de tais construções para seu contínuo desenvolvimento. (p. 17).

Assim pesquisadores de diferentes áreas da Linguística têm se dedicado a investigar como ocorrem as práticas de escrita nesse domínio discursivo, os fatores contextuais que as influenciam, inclusive antes do ingresso desses estudantes no meio acadêmico; bem como buscam apontar possíveis caminhos para uma literacia acadêmica que colabore para um maior desenvolvimento da escrita dos gêneros acadêmicos.

Neste sentido, pretendemos contribuir, com a análise das dissertações a seguir, para uma maior compreensão das práticas de escrita acadêmica por meio da dialogicidade dos atos ilocucionários na construção argumentativa das dissertações selecionadas, especificamente dos gêneros incluídos “Introdução” e “Conclusão”, exemplificados nas subseções abaixo.

4.1.1 A dimensão dialógica dos atos ilocucionários na “Introdução”

Nas dissertações analisadas dos *corpora*, observamos o dialogismo interdiscursivo expresso em atos de linguagem assertivos nas situações discursivas explanadas na sequência. Fazendo uso da epígrafe, mantendo-se a estrutura léxico-sintática, o autor introduz a sua tese com base em um enunciador reconhecido na comunidade discursiva acadêmica. Assim, aponta para a subenunciação do *E1* ao enunciado de *e2*.

“Uma palavra que não representa uma ideia é uma coisa morta, da mesma forma que uma ideia não incorporada em palavras não passa de uma sombra.” (Vygotsky em Pensamento e Linguagem, 2001)

(PB-AMAAO, 2019, p. 11)

Nos próximos trechos, os autores constroem o discurso com base em enunciadores evocados como vozes de autoridade, indicados em multirreferência, assumindo uma postura sobrenunciativa em relação a eles. Assim, os autores congregam estudos convergentes e, por isso, selecionados para a argumentação do seu discurso. Além disso,

fazem uso do discurso relatado, seja de forma direta, com referenciamento simples e indicação, inclusive, da página; seja indiretamente, com multirreferenciamento, o que pode ser visto no último exemplo.

*Devido à ênfase do currículo sobre a necessidade de se trabalhar a leitura e a escrita de forma proficiente, **esquece-se**, às vezes, de se investir na oralidade das crianças, necessária para o desenvolvimento infantil em diversas áreas como na interação social, organização de pensamentos e sentimentos, imaginação, aquisição e desenvolvimento da leitura e escrita, entre outros (RCNEI, 1998; FARIA, 2003; CAVALCANTE; MARCUSCHI, 2007; FARIA; CAVALCANTE, 2009; SOUZA; BERNARDINO, 2011; CHAER; GUIMARÃES, 2012).*

(PB-AMAAO, 2019, p. 11)

*Nos anos da década de 1990, **constatou-se uma sensível mudança na natureza e no perfil da migração das sociedades hospedeiras ocidentais**, primordialmente, modificando a demografia das metrópoles e criando um cenário de superdiversidades (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT; BACKUS, 2011; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011) social e linguística.*

(PB-LGSK, 2018, p. 13)

De acordo com a literatura em Psicolinguística, tanto sentenças clivadas quanto sentenças com o advérbio focalizador “só” são capazes de alterar a estrutura de foco das sentenças (ROOTH, 1992) durante o processamento online (CARLSON, 2015; DRENHAU et al., 2011; FILK et al., 2009; LIVERSEDGE et al., 2002; PATERSON et al., 1999; PATERSON et al., 2007).

(PB-BCLL, 2022, p. 12)

*Para tanto, **privilegiou-se, pelo viés da Linguística, o aporte teórico de Saussure e Jakobson**, notadamente no que concerne à concepção de língua e seu funcionamento; pela Psicanálise o embasamento está sustentado nos trabalhos de Freud, Lacan e alguns dos seus seguidores.*

(PB-RCSJ, 2017, p. 11)

Cavalcante e B. Marcuschi (2007) discordam dessa concepção e defendem que “a escrita não se aprende apenas na escola, e a fala não envolve apenas o aprendizado espontâneo do dia-a-dia” (CAVALCANTE; MARCUSCHI, 2007, p. 127), corroborando com [sic] estudos que afirmam que o letramento se inicia desde cedo e fora da escola (KLEIMAN, 1995; ROJO, 2001; SOARES, 2003).

(PB-AMAAO, 2019, p. 13)

Percebemos, nos exemplos da sequência, que os atos assertivos estabelecem uma coenunciação, construída entre o discurso alheio evocado e o próprio discurso autoral, com a incorporação sintática do primeiro à constituição discursiva do segundo.

O próprio romancista Gustave Flaubert refere-se a questões de ordem intrínsecas ao ser humano, que “[...] chegam ao nosso conhecimento senão pela tradução dos escritores” (FLAUBERT, 1979, p. 32).

(PB-RCSJ, 2017, p. 12-13)

Blommaert (2010, p. 13) define a globalização como um considerável aumento “dos fluxos de capital, bens, indivíduos, imagens e discursos mundo afora, impulsionados pelas inovações tecnológicas principalmente no campo da mídia, da informação e da tecnologia de comunicação”.

(PB-LGSK, 2018, p. 13)

No excerto a seguir, encontramos a explicação de um dado anterior, indiciado pelo uso do pronome demonstrativo “*Tal*”, além da citação direta de uma voz de autoridade, assim considerada na comunidade acadêmica.

Tal omissão pode ser explicada pelo fato de a escola acreditar que “os usos orais da língua estão tão ligados a todos nós que nem precisam ser matéria em sala de aula” (MARCUSCHI, 2001).

(PB-AMAAO, 2019, p. 11)

Na sequência, o interdiscurso é um conhecimento reconhecido e compartilhado pelos interlocutores reais das respectivas dissertações, evidenciando uma postura coenunciativa dos autores, revelada pelo ato ilocucionário assertivo. Percebemos, em alguns dos exemplos, a presença de marcadores interdiscursivos, como “*De acordo*” e “*Segundo*”, relativos à componente semântica do gênero ‘dissertação de mestrado’ (Silva, 2012), conduzindo o leitor a uma expectativa de que se deparará com um discurso de autoridade, que reflete veracidade e confiabilidade do que *El* afirma.

Segundo Antunes (2003, p. 24), persiste ainda uma prática pedagógica atrelada ao sistema tradicional de ensino.

(PB-AMAAO, 2019, p. 11)

Na concepção de Fromm (1975), é nos delírios ou nas divagações que o artista - poetas e escritores - consegue disfarçar situações que, muitas vezes, têm fonte proibida - que na vida real evitamos - e, ao mesmo tempo, abre caminho para que outros retornem as suas próprias fontes inconscientes de prazer.

(PB-RCSJ, 2017, p. 13)

De acordo com Milner (1996, p. 74): “passar das línguas ao sujeito é o que permite a doutrina do inconsciente, enquanto estruturado como uma linguagem. Compreender isso é compreender a relação com o estruturalismo”.

(PB-RCSJ, 2017, p. 16)

Segundo Braga (2009), o PB permite diferentes tipos de sentenças clivadas, sendo a clivada canônica, objeto de estudo desta proposta de pesquisa, a mais natural e frequente no PB.

(PB-BCLL, 2022, p. 12)

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (1998), no que se refere à linguagem oral, as instituições de ensino têm se restringido a algumas atividades entre elas as rodas de conversa [...].

(PB-AMAAO, 2019, p. 11)

Segundo essa teoria, aquilo que é mais central, colocado em primeiro plano, constitui figura ao passo que as informações secundarizadas e/ou periféricas constituem fundo, quando considerados aspectos cognitivos relacionados à compreensão do ambiente.

(PB-MCLL, 2020, p. 16)

Como base teórica, esta pesquisa se pauta nos estudos da teoria gerativa e na visão de Kato (2005) sobre a gramática do letrado, englobando conceitos sobre a gramática nuclear e a periferia marcada, esta como um repertório de estruturas marcadas incorporadas via letramento escolar.

(PB-RQA, 2018, p. 16)

Como arcabouço teórico, esta pesquisa se baseia na teoria gerativa (Chomsky, 1957 e posteriores), contrapondo o conceito de Gramática Universal (GU) ao de gramática internalizada ou Língua-I, distinta também de Língua-E (Chomsky, 1981).

(PB-RQA, 2018, p. 16)

Sob a noção de língua pautada em Halliday e Matthiessen (2004), deve-se apresentar em que nível ocorrerão as análises, tendo em vista que para os autores a língua se divide em três metafunções.

(PB-CSC, 2018, p. 9)

A partir da observação empírica dos constituintes ideacionais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), tais como, os Participantes e os Processos do corpus de estudo, será possível verificar como as notícias puderam ser construídas.

(PB-CSC, 2018, p. 11)

Por fim, em um último exemplo, temos a voz do *e2* presente como uma citação direta, apresentada sob forma espacialmente diferente na página, para corroborar aquilo que *E1* já havia enunciado. Esse tipo de citação — recuada em relação ao restante do corpo do texto — ressalta o valor dado ao discurso outro e coloca o *E1* numa postura subenunciativa em relação a ele.

Atualmente, é falado por diferentes sujeitos, de diversas origens e com díspares línguas maternas, nesse sentido, Assis-Peterson e Cox (2013, p. 154) argumentam que:

[...] ao se desenraizar, reterritorializa-se no espaço da modernidade do mundo, instituindo-se como bem simbólico a ser apropriado, manipulado, deformado pelos falantes dos quatro cantos do planeta. O inglês da modernidade-mundo é um espectro “glocal”, no sentido de que é, a um só tempo, global e local.

(PB-LGSK, 2018, p. 14)

Em continuidade à análise das relações interdiscursivas no corpus de “Introdução” das dissertações de mestrado escritas no Brasil, elencamos um exemplo de ato ilocucionário expressivo que, interdiscursivamente, indicia seu posicionamento enunciativo diante do

tema, argumentando ante o interlocutor na tentativa de justificar a relevância da sua pesquisa.

*Além disso, no decorrer das pesquisas para a realização deste estudo foi possível verificar que ainda é **bastante reduzido** o número de trabalhos na área da Onomástica, principalmente relacionados às línguas indígenas no Brasil.*

(PB-TTCL, 2017, p. 16)

O dialogismo interlocutivo, em que *EI* interage diretamente com o interlocutor, é percebido pela presença dos seguintes atos ilocucionários: diretivo, expressivo e compromissivo. Os exemplos abaixo representam bem os atos diretivos, os quais, por meio de uma pergunta, buscam interagir com o interlocutor a fim de lhes induzir a determinada resposta. Esta possivelmente será dada no decorrer da dissertação, fundamentada nos argumentos usados pelo *EI* para defender a sua tese.

***Qual** a melhor maneira de começar a Introdução de uma dissertação?*

(PB-GPB, 2020, p. 11)

***Por que** o falante pergunta algo sem pretender receber uma resposta e, mais que isso, sem fazê-la a um enunciatário?*

(PB-GPB, 2020, p. 11)

*Diante dessa problemática e buscando contribuir com o processo de ensino e aprendizagem, **questiona-se** qual o posicionamento do professor de educação infantil a respeito do que é oralidade? **De que** forma pode contribuir para o desenvolvimento da capacidade de expressão oral dos seus alunos? **Que** encaminhamento metodológico pode ser exercido pelo professor de forma que possibilite às crianças inserirem-se em situações de protagonismo de fala, em conformidade com as orientações dispostas no RCNEI (1998)?*

(PB-AMAAO, 2019, p. 12)

E, nestes últimos exemplos, o *EI* recorre a expressões verbais (*Vale ressaltar, pode-se perceber, faz-se necessário*) que destacam para o interlocutor a relevância do que será dito.

***Vale ressaltar** que, no tocante à Linguística Aplicada, compreendo a linguagem, como o meio pelo qual o sujeito se constitui e é constituído no contexto no qual está inserido (BAKHTIN, 1953) [...]*

(PB-LGSK, 2018, p. 16)

***Vale mencionar** alguns dos muitos temas que foram abordados no Circle Time relacionados à aprendizagem afeto-cognitiva dos estudantes, tais como ser gentil com outras pessoas; manter a calma em provas; o bullying; a adolescência. Como lidar com a frustração [sic]; o respeito mútuo; a honestidade, a resolução de conflitos. Lidar com decepções; organizar-se para fazer a tarefa; entre outros aspectos.*

(PB-LGSK, 2018, p. 16)

*A esse respeito, **pode-se perceber** na contemporaneidade que as atividades escolares desenvolvidas na educação infantil, apresentam-se submetidas a uma prática educativa que inviabiliza o processo sistemático da linguagem oral [...].*

(PB-AMAAO, 2019, p. 12)

*Portanto, **faz-se necessário** que o docente da primeira etapa do ensino básico se aproprie do conhecimento sobre as diretrizes elaboradas para esta fase, em todos os seus campos e, diante disto, possa ser capaz de se questionar, refletir e agir sobre suas próprias práticas em sala de aula.*

(PB-AMAAO, 2019, p. 13)

Como ato expressivo constante na argumentação das dissertações, elencamos os fragmentos dispostos na sequência, os quais indiciam um compartilhamento do conhecimento apresentado, fazendo uso de verbos na 1ª pessoa do plural (*sabermos*), adjetivos valorativos (*incomensurável, relevante, preponderante*) e modalizações (*parece*) para interagir diretamente com o interlocutor.

*Apesar de **sabermos da incomensurável contribuição** dos poetas escritores criativos, que no dizer de Freud, são isentos de qualquer tipo de teorização mais profunda, as limitações com que lidamos neste trabalho estão em consonância com a conclusão freudiana.*

(PB-RCSJ, 2017, p. 16)

***O que parece relevante** é que a emissão de perguntas para as quais o enunciador não espera resposta, ou que serão autorrespondidas, é notada em situações específicas, particularmente no interior de discursos persuasivos, e a particularidade delas pode ser captada pela maioria dos falantes da língua: elas não causam estranheza alguma.*

(PB-GPB, 2020, p. 11)

***É preponderante que a escola perceba** a necessidade de estimular a linguagem oral de crianças pequenas, privilegiando sua expressão e compreensão, uma vez que esta embasa processos posteriores de vivência ativa na sociedade, como também o desempenho ulterior em leitura e escrita.*

(PB-AMAAO, 2019, p. 12)

Os atos compromissivos surgem, nessa interlocução direta, como o estabelecimento de objetivos a serem alcançados por *EI* no decorrer da dissertação, a qual é apontada por marcadores metadiscursivos (*esta pesquisa, com este estudo, a discussão, a presente Dissertação de Mestrado*). Há muitas ocorrências desse tipo, contudo destacamos as mais significativas e textualmente mais expressivas quanto à argumentatividade do discurso.

*Dessa forma, **esta pesquisa pretende** contribuir para a discussão acerca da aprendizagem de novos elementos/regras para a escrita da língua, a partir de um fenômeno específico que é a manifestação do objeto direto anafórico de 3ª pessoa no PB.*

(PB-RQA, 2018, p. 17)

O que se pretende, com este estudo, a partir do referencial teórico eleito, é analisar como se estrutura a categoria analítica aqui em realce e como essa estrutura captura um continuum de figuricidade/fundidade, considerando os domínios textual-discursivo e pragmático, [...].

(PB-MCLL, 2020, p. 16)

*A partir da apresentação da teoria sob a qual o estudo se desdobrará, **deve-se definir qual a amostra de língua que será submetida à análise.** [...] após a delimitação do corpus, serão extraídas dez palavras-chave.*

(PB-CSC, 2018, p. 11)

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o ensino-aprendizado afeto-cognitivo e o fomento da agência dos participantes na atividade de Circle Time inseridos em um contexto de Educação Bilíngue.

(PB-LGSK, 2018, p. 24)

*A partir do referencial teórico e da observação das perguntas retóricas contidas no corpus, **pretendemos desenvolver** a discussão, colocando como objetivo central do trabalho mostrar que algumas perguntas retóricas voltam-se mais explicitamente à intersubjetividade que se estabelece entre enunciador e enunciatário, daí seu caráter mais persuasivo, que é construído a partir de elementos semântico-pragmáticos (conhecimento mútuo, escalas pragmáticas, dentre outros).*

(PB-GPB, 2020, p. 11-12)

*Dessa forma, a presente **Dissertação de Mestrado nasceu com o objetivo** descrever e documentar o sistema onomástico da língua Parkatêjê e o comportamento morfossintático e semântico que os nomes próprios apresentam [...].*

(PB-TTCL, 2017, p. 15)

Além disso, percebemos a ocorrência do dialogismo intralocutivo nos seguintes fragmentos, entre outros. Embora pareçam similares aos atos compromissivos no âmbito interlocutivo da enunciação, inclusive pela presença de marcadores metadiscursivos, percebemos que os assertivos intralocutivos, bem comuns nesse tipo de discurso, afirmam algo estabelecendo um compromisso não com o interlocutor, mas com a própria asserção feita.

*Nesta **dissertação, trabalhamos** com distintos campos do saber, Psicanálise, Linguagem e Literatura, sem que necessariamente formem corpus teóricos herméticos, metidos numa camisa-de-força e provoquem distorções teóricas.*

(PB-RCSJ, 2017, p. 11)

*No contexto desta pesquisa, o **Circle Time possui** características específicas e um formato baseado na idealizadora Janny Mosley e aconteceu uma vez por semana e em inglês.*

(PB-LGSK, 2018, p. 16)

*No presente trabalho, **estuda-se, portanto, o que comumente se denomina** “pergunta retórica”, adotando-se uma base funcionalista do estudo das línguas naturais [...].*

(PB-GPB, 2020, p. 12)

Sendo assim, neste estudo, a língua não é considerada como neutra ou transparente. Ela é organizada para se chegar a um objetivo interpretativo.

(PB-CSC, 2018, p. 9)

Nesta investigação, consideramos as seguintes hipóteses:

i) as porções em fundo não se distribuem uniformemente no texto, mas há mais ocorrências em fundo que em figura;

ii) os graus de figuricidade nos textos analisados podem ser determinados pela integração da figura ao ponto de vista defendido; [...]

(PB-MCLL, 2020, p. 19-20)

O uso da expressão “*Em outras palavras*”, presente na próxima sequência, indica que, metadiscursivamente, o autor faz uma asserção baseada em algo já dito em seu próprio discurso. A partir de uma citação direta, neste caso, o *E1* se posiciona coenunciativamente, concordando com o *e2* evocado anteriormente.

[...] A terceira e última, “meta-função textual” (textual metafunction), está ligada ao modo através do qual os usuários da língua organizam suas mensagens com vistas a se relacionarem com as outras mensagens com as quais lidam em seus cotidianos sociais.

Em outras palavras, pode-se entender a primeira metafunção, a ideacional, como a que trata do modo como o usuário da língua representa suas experiências internas e externas através da linguagem.

(PB-CSC, 2018, p. 10)

Nos exemplos de atos compromissivos, os autores apontam para o que ainda será apresentado, dialogando com seu próprio discurso em um movimento catafórico. Embora compreendamos o caráter dialógico interlocutivo presente na maioria dos atos compromissivos, entendemos que os exemplos abaixo destacados expressam mais claramente uma relação dialógico-argumentativa estabelecida com o próprio discurso.

A seguir, apresentarei o estado da arte sobre o tema deste trabalho.

(PB-LGSK, 2018, p. 17)

Assim será feita uma análise dos dados linguísticos coletados, obtidos através da utilização tanto da Linguística Sistêmico-Funcional quanto da Linguística de Corpus.

(PB-CSC, 2018, p. 12)

A seguir, portanto, iremos nos dedicar ao capítulo 1. Nele, apresentamos a natureza do tema desta pesquisa, sua delimitação no tempo e no espaço. Para tanto, situamos a religião entre os povos indígenas brasileiros; em seguida, trazemos uma perspectiva de religião entre os Terena.

(PB-EGX, 2019, p. 18)

A seguir, descrevem-se os elementos particulares que servem ao desenvolvimento da pesquisa.

(PB-MCLL, 2020, p. 16)

É importante evidenciar que os atos compromissivos com viés intralocutivo ocorrem com relevante frequência no final das introduções dos *corpora* analisados, constituindo assim um parâmetro do gênero em questão. Tal abordagem será trabalhada, nesta investigação, na seção sobre o papel dos atos ilocucionários na tessitura argumentativa das dissertações de mestrado analisadas.

Dando seguimento a nossa análise, também averiguamos a ocorrência de atos expressivos, conforme exemplos a seguir, nos quais os autores das dissertações dialogam com seu discurso, expressando seu PDV por meio de um desejo, uma postura diante da temática abordada para defender a relevância de seu objetivo comunicativo.

Diante de temas delicados envolvendo os povos indígenas, especificamente os da etnia Terena, é desejo pessoal dessa pesquisadora produzir um entendimento a respeito do espaço ocupado pelo tema “Religião Terena” no universo acadêmico [...]. É o resultado dessa inquietação que apresentamos nesta dissertação.

(PB-EGX, 2019, p. 14)

Diante das questões sobre os Terena e religião, e das práticas religiosas que se sucederam ao longo da história, nesta pesquisa, entendemos que o assunto “Religião” é importante, não apenas do ponto de vista histórico, político e social, como também acadêmico e pessoal.

(PB-EGX, 2019, p. 16)

Sob essa perspectiva, concluímos que as relações dialógicas estão determinadas por atos ilocucionários revelados, em sua maioria, por marcadores metadiscursivos (ou de gênero) e expressões adjetivais e adverbiais, os quais apontam para um dialogismo citativo, com caráter persuasivo e uma postura variavelmente coenunciativa, subenunciativa e sobrenunciativa.

4.1.2 A dimensão dialógica dos atos ilocucionários na “Conclusão”

Assim como na “Introdução”, pesquisamos os atos de linguagem mais proeminentes na “Conclusão” das dissertações de pesquisadores brasileiros. Em tal corpus, encontramos as relações dialógicas interdiscursivas e, mais frequentemente, interlocutivas e intralocutivas, expressas por meio dos trechos a seguir.

O dialogismo interdiscursivo estabeleceu-se por atos assertivos, os quais reafirmam a tese defendida no corpo da dissertação, retomando o arcabouço teórico apresentado com adoção de uma postura coenunciativa, demonstrativa do PDV de *EI*. Percebemos uma significativa frequência no uso de formas verbais no tempo pretérito, apontando para algo que já fora dito; ou presente (como nos dois últimos excertos), indicando uma asserção considerada verdadeira.

Os fundamentamos [sic] teóricos utilizados foram os de Saussure e Jakobson, pela Linguística, e pela Psicanálise, os de Freud e Lacan.

(PB-RCSJ, 2017, p. 110)

Conforme as palavras de Liberalli (2016), cabe às escolas promoverem intencionalmente o envolvimento dos estudantes em eventos dramáticos, que se tornarão Perezhivanie propulsora de repertório para então promover a mobilidade de estudantes transformadores.

(PB-LGSK, 2018, p. 130)

Para o prosseguimento de análise, foram usados os conceitos advindos da Linguística Sistêmico-Funcional, trazidos por Halliday e Matthiessen (2004, 2014), Thompson (2004) e Eggins (2004).

(PB-CSC, 2018, p. 110)

As línguas têm mecanismos distintos para codificar uma gradação fina entre a mais assertiva das declarações e a mais solícita das perguntas (GIVÓN, 2001b).

(PB-GPB, 2020, p. 71)

Além disso, de acordo com Kato (2005), a gramática da L1 contém uma periferia marcada, onde empréstimos, invenções, aspectos formais e mesmo possíveis valores paramétricos conflitantes com a gramática nuclear podem estar presentes.

(PB-RQA, 2018, p. 111)

Também notamos o uso de atos expressivos, os quais intencionam persuadir o interlocutor acerca da afirmativa feita por meio de uma postura sobrenunciativa, revelada pelo uso da modalização do discurso (*É difícil, Infelizmente*).

É difícil dizer se a percepção do foco contrastivo marcado por ‘só’ e por estruturas clivadas, desencadeou, no leitor, uma previsão de exaustividade devido à predição-por-associação ou à integração (PICKERING e GAMBI, 2018).

(PB-BCLL, 2022, p. 85)

Infelizmente, para alguns professores, o Circle Time não promove o que prega e consideram uma perda de tempo realizar a atividade com a sua turma. Preferem dar as aulas que estavam planejadas ao invés de fomentarem o ensino-aprendizado afeto-cognitivo na sala de aula.

(PB-LGSK, 2018, p. 133)

Assim a interdiscursividade é apresentada por meio de atos ilocucionários que objetivam apoiar-se em discursos outros (direta ou indiretamente) ou ainda na subjetivação do discurso autoral (pela modalização) para atingir seu propósito comunicativo.

Sob a ótica do dialogismo interlocutivo, destacamos os atos ilocucionários que mais parecem colaborar para a construção argumentativa dos enunciados analisados. Primeiramente, temos os atos expressivos, que dialogam com o outro buscando responder-lhe possíveis questionamentos, por meio de recursos linguísticos como formas verbais nos tempos futuro do pretérito (*Seria*) e presente (*Creio, Acreditamos, Espera-se*), ambos com valor semântico de possibilidade; adjetivos (*significativas e dialógicas*); e estruturas oracionais (*é importante*). Para isso, o *EI* adota uma postura sobrenunciativa e, subjetivamente, propõe caminhos de compreensão daquilo que foi discorrido em sua dissertação.

***Creio que** essa visão de resolver os conflitos de forma autônoma **precisa ser expandida**, visto que, na minha visão, o Circle Time pode trazer muitos outros benefícios.*

(PB-LGSK, 2018, p. 133)

*Perante a complexidade dos dias que vivemos e as constantes demandas que a vida e a sociedade nos trazem, **é essencial exercitar e aflorar** nos estudantes a capacidade de falar sobre si, de escutar o próximo e desenvolver a empatia.*

(PB-LGSK, 2018, p. 133)

***Seria também bastante salutar estabelecer** uma análise sobre a fala em paralelo com a escrita.*

(PB-RQA, 2018, p. 113)

*[...] **é importante promover** práticas significativas e dialógicas que venham a instigar a formação do pensamento, ampliando assim o conhecimento das crianças sobre a linguagem, uma vez que a Educação Infantil é um período de introdução na vivência dos gêneros.*

(PB-AMMAO, 2019, p. 93)

***Acreditamos que esta pesquisa possa servir** de suporte para os professores de Língua Portuguesa, uma vez que, através dos resultados, apresenta dados relativos ao contexto formal de escrita e evidencia a importância de se refletir sobre aspectos descritivos do Português Brasileiro em esfera escolar, a fim de que professores não menosprezem o potencial do seu alunado.*

(PB-RQA, 2018, p. 113)

***Espera-se que o presente estudo contribua** para uma maior compreensão do sistema onomástico Parkatêjê e seus aspectos morfossintáticos e semânticos, tanto da perspectiva puramente linguística, quanto mais ampla de cunho sociológico-cultural.*

(PB-TTCL, 2017, p. 102)

Na interlocução com o outro, salientamos os atos diretivos, os quais interagem com o outro na perspectiva de direcioná-lo a uma certa ação futura, como pesquisas que podem resultar da dissertação escrita. Nos fragmentos destacados, o uso de formas verbais que indicam uma tomada de decisão por parte do interlocutor, bem como de construções modais de valor deôntico (*Cumprе observar*) e formas verbais na voz passiva (*Pode-se observar*) e com sujeito indeterminado (*Observa-se*), é comum nesse tipo de ato, indicando um maior apagamento enunciativo dos locutores.

Sugerimos o prosseguimento dos estudos realizados neste trabalho a fim de investigar e responder às questões suscitadas.

(PB-GPB, 2020, p. 73)

Pode-se observar a contribuição do estudo para as pesquisas de corpora monolíngues em português brasileiro e também para aqueles pesquisadores que se alinham com a Linguística Sistêmico-Funcional e a Linguística de Corpus.

(PB-CSC, 2018, p. 113)

Cumprе observar que grande parte dos participantes com as palavras-chave desempenhou o papel de Sujeitos Lógicos (HALLIDAY, 1994).

(PB-CSC, 2018, p. 113).

Cabe, ainda, estabelecer uma comparação entre as séries iniciais da Educação de Jovens e Adultos, caracterizar mais claramente o perfil dessa população, por meio, possivelmente, da aplicação de um questionário, a fim de se verificar quais fatores poderiam influenciar o aprendizado da norma culta.

(PB-RQA, 2018, p. 113)

Ainda sobre a entrevista, foi possível verificar na fala docente um comportamento de reflexão crítica sobre o próprio trabalho.

(PB-AMAAO, 2019, p. 92)

Observa-se que a prática é direcionada para atividades que estimulam a linguagem oral, porém precisam avançar para um trabalho sistemático dos gêneros orais.

(PB-AMAAO, 2019, p. 92)

Os resultados apontam que é possível verificar a existência de três níveis de figuricidade, quais sejam, figura principal/tese, figura secundária e figura terciária.

(PB-MCLL, 2020, p. 82)

Finalizando a análise das relações dialógicas estabelecidas no corpus do Brasil, elencamos os atos ilocucionários que denotam uma dimensão dialógica intralocutiva, ou seja, um diálogo de *E1* com seu próprio discurso, anteriormente enunciado. Assim temos os atos assertivos em maior quantidade, indicando que os autores ratificam, na “Conclusão”, aquilo que foi dito no corpo de suas respectivas dissertações, recorrendo, muitas vezes, a seções ou subseções delas constantes.

Ao longo desta dissertação trabalhamos com aspectos da linguagem, com ênfase na errância com relação à palavra, e à errância do desejo, na obra literária Madame Bovary, do romancista francês, Gustave Flaubert.

(PB-RCSJ, 2017, p. 110)

No Circle Time 5, excerto 2, falas 127 e 129, Antônio pediu ajuda aos amigos para ele ser avisando [sic] quando isso ocorrer. Esse exemplo refere-se à agência relacional, pois Antônio pediu ajuda aos seus amigos para que ele possa então melhorar nesse quesito.

(PB-LGSK, 2018, p. 131)

Dos elementos semântico-pragmáticos mencionados no objetivo específico 1, analisamos o futuro do pretérito como tempo verbal que contribui para a criação de mundos fictícios (ILARI, 2008), dentro dos quais o enunciador convida o enunciatário a avaliar suas asserções.

(PB-GPB, 2020, p. 72)

Como pode ser observado pela Figura 8, “disse”, um Processo Verbal, está entre as dez palavras-chave mais frequentes do corpus de estudo. Desse modo, considerando os corpora desta dissertação, o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff está pautado majoritariamente por orações materiais, relacionais e verbais.

(PB-CSC, 2018, p. 112)

Ao estudar os trabalhos que compuseram o corpus desta pesquisa, tendo-os analisado quantitativa e qualitativamente, concluímos que, das formas que as pesquisas abordam o tema, no total das 72 teses e dissertações, apenas 10 delas abordam diretamente a relação entre Terena e religião, religião tradicional Terena e religiosidade Terena, conforme demonstrado sobretudo no capítulo 2.

(PB-EVX, 2019, P. 68-69)

Conforme foi discutido na subseção 6.2.5, não se pode considerar que a clivagem dos itens experimentais deixou de produzir um efeito na percepção de contraste das opções de completção.

(PB-BCLL, 2022, p. 84)

De forma geral, os resultados mostraram ser possível realizar atividades que estimulem a oralidade das crianças, preparando-as para as diversas possibilidades de interação a que são submetidas cotidianamente.

(PB-AMAAO, 2019, p. 91-92)

Como objeto de análise final, ressaltamos os atos expressivos, que estabelecem uma relação dialógica intralocutiva baseada nas impressões subjetivas do *EI*, fundamentadas nos argumentos utilizados no desenvolvimento de cada dissertação. Percebemos que, nestes casos, o *EI* posiciona-se em relação ao já dito, deixando transparecer sua subjetividade por meio de uma postura sobrenunciativa, predominantemente revelada pelos adjetivos e pela modalização do discurso.

Acreditamos que nossos objetivos elencados no início da pesquisa foram alcançados e que os resultados encontrados podem contribuir com os estudos acerca das práticas de oralidade na Educação Infantil, possibilitando novas discussões, reflexões e ressignificação das práticas pedagógicas.

(PB-AMAAO, 2019, p. 93)

Por fim, a epígrafe deste estudo torna-se significativa na medida em que dialoga com os conceitos aqui explorados, principalmente no que diz respeito à (inter)subjetividade e à inferência pragmática.

(PB-MCLL, 2020, p. 84)

Realizamos importantes exercícios de empatia, propostos no Open Forum, no qual os estudantes puderam se colocar no lugar de seus amigos, evidenciados no Circle Time 5, excerto 2, e no Circle Time 11, excerto 4.

(PB-LGSK, 2018, p. 135)

As dissertações produzidas no contexto brasileiro, analisadas em suas dimensões dialógicas, revelam uma preponderância de atos assertivos e compromissivos na “Introdução”, com forte presença de referenciamento e citações diretas e indiretas, assumindo uma postura ora subenunciativa, ora sobrenunciativa, ora coenunciativa; e de atos assertivos, expressivos e diretivos na “Conclusão”, os quais retomam o que foi dito na dissertação, atribuindo-lhes, por vezes, algum juízo de valor, mas também apontando para possíveis caminhos de investigação. Segundo Bakhtin (2002):

Orientado para seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (p. 86).

Os autores do corpus brasileiro, portanto, apresentam seu PDV, no gênero discursivo ‘dissertação de mestrado’, por meio de recursos linguístico-discursivos que direcionam o interlocutor para uma compreensão e aceitação do valor de verdade exposto no texto. Dessa forma, ainda que assumam o discurso outro, os autores elaboram seu discurso autoral a partir de diferentes estratégias discursivo-argumentativas e assim constroem o *ethos* científico esperado para, primeiramente, influenciar o agir/pensar/sentir de seu interlocutor e depois atingir seu objetivo comunicativo, assumindo conseqüentemente seu espaço na comunidade discursiva acadêmica à qual desejam pertencer.

4.2 Dissertações de Portugal

Após décadas de ditadura fascista, Portugal viveu a revolução de 25 de abril de 1974, conhecida como a Revolução dos Cravos, a qual permitiu a instauração do estado democrático, de caráter social, favorecendo o surgimento de novos anseios do povo português, nomeadamente o acesso ao ensino superior. Sobre tais transformações sociais e, também, acadêmicas, recorremos a Torgal (2015) quando este afirma que:

A Universidade desempenhou em Portugal um papel importante na luta contra o Estado Novo, desde o início do salazarismo (Torgal, 1999), e quanto ao período aqui especialmente visado, na sua versão marcelista, neste caso, a partir de 1968, até 25 de abril de 1974, com a instauração de uma democracia que pretendeu socialista ou, pelo menos, social. (p. 167).

Nessa perspectiva, a implementação de centros de ensino politécnico e universidades, tanto públicas como privadas, pelas diferentes regiões do país possibilitou a expansão desse nível de ensino, ainda que mais lentamente que a educação primária e secundária, e levou a sociedade portuguesa a ascender social e economicamente nos mais diversos âmbitos. Segundo Cerdeira, Cabrito e Mucharreira (2021):

[...] o investimento em educação pode ter um duplo papel, no lado da oferta, criando as condições no que respeita ao fator trabalho, mas também, no lado da procura, ao atrair e captar um novo tipo de consumidores. Indubitavelmente, a educação, particularmente a educação de nível superior pode acelerar o crescimento económico de uma região e, concomitantemente, o seu desenvolvimento económico e social. (p. 3).

Da década de 70 para os dias atuais, a expansão do ensino superior se deu tanto no âmbito público quanto no privado. Por um lado, a educação superior pública em Portugal atende, desde então, a quase 80% da demanda local, revelando um significativo crescimento a despeito das crises econômicas que, periodicamente, atingem o país; por outro lado, o surgimento significativo de universidades particulares, ainda que atendam a uma parcela menor de alunos, revela que “a Universidade hoje tem uma tendência empresarial, negando o sentido, sucessivamente, corporativo, iluminista, revolucionário liberal e democrático-social” de tais instituições (Torgal, 2015, p. 169).

Nesse movimento expansionista, ainda destacamos a adesão de Portugal à Declaração de Bolonha (1999),⁶⁵ o que resultou numa reestruturação da educação superior e na criação de cursos de pós-graduação e investigação, com vistas à internacionalização do conhecimento, a fim de suprir uma exigência de boa parte do mercado de trabalho português na atualidade (Cerdeira; Cabrito; Mucharreira, 2019, 2021; Torgal, 2015).

Embora tenha havido esse incremento desde o período pós-ditadura, observamos alguns índices que apontam para um leve decréscimo da presença discente em tal nível da educação, o que poderá ser revertido com ações de políticas públicas governamentais, como o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR)⁶⁶ e a criação de novas instituições de ensino superior.

Essa ampliação da quantidade de alunos no nível superior incitou pesquisadores da linguagem a se voltarem para a escrita essencialmente retórica realizada nas salas das universidades, o que acarreta amplo espectro de investigações nas mais diversas áreas do campo da argumentação e do discurso. Tais pesquisas buscam, analítica e comparativamente, compreender as práticas sociodiscursivas da comunidade acadêmica e assim produzir conhecimento para desenvolver a literacia acadêmica dos discentes, especialmente dos portugueses (Santos & Silva, 2016).

4.2.1 A dimensão dialógica dos atos ilocucionários na “Introdução”

No corpus selecionado do repositório português, observamos as seguintes situações dialógico-argumentativas constituídas pelos atos de linguagem apontados nos exemplos a seguir.

As relações dialógicas interdiscursivas são expressas por atos ilocucionários assertivos, os quais recorrem majoritariamente a citações diretas e indiretas, evocando assim vozes outras, consideradas de autoridade, e denotando assim uma postura, por vezes, subenunciativa.

⁶⁵ “O Processo de Bolonha tem por objetivo criar um sistema de graus académicos facilmente reconhecíveis e comparáveis, promover a mobilidade dos estudantes, dos professores e dos investigadores, bem como assegurar a elevada qualidade da aprendizagem e da docência.” <https://eur-lex.europa.eu/PT/legal-content/summary/the-bologna-process-setting-up-the-european-higher-education-area.html>. [23 mar. 2023].

⁶⁶ “[...] é um programa de aplicação nacional, com um período de execução até 2026, que visa implementar um conjunto de reformas e investimentos destinados a repor o crescimento económico sustentado, após a pandemia, reforçando o objetivo de convergência com a Europa, ao longo da próxima década.” <https://recuperarportugal.gov.pt/>. [23 mar. 2023].

Partimos do pressuposto de que toda a literatura é retórica e de que toda a retórica contém uma intenção.

(PE-VFCB, 2022, p. 1)

Percebemos, entretanto, que, desde há muito, investigadores como Lindley Cintra, Maria Emilia Ricardo Marques, Gunther Hammermüller e Maria Helena Araújo Carreira [...] visavam [...]

(PE-TM, 2019, p. 2)

O QECR (O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação) considera que o aprendente de uma língua estrangeira é um ator social porque “a abordagem orientada para a ação leva também em linha de conta os recursos cognitivos, afetivos, volitivos e o conjunto das capacidades que o indivíduo possui e põe em prática como ator social”. (QECR, 2011: 29).

(PE-CIW, 2019, p. 3)

Esta questão não é nova. Foi abordada pela retórica e pela teoria dos atos de fala. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1969) sugerem que a retórica é uma estratégia de cooptação intelectual e moral para uma ideia ou causa.

(PE-VFCB, 2022, p. 2)

[...] em PE, VPE é legitimada quer por verbos auxiliares, quer por verbos principais, tal como foi sugerido por Raposo (1986) e demonstrado por Matos (1992).

(PE-CG, 2021, p. 10)

A teoria dos atos ilocutórios, proposta por John Austin (1962) e desenvolvida por John Searle (1969; 1976), está intimamente relacionada com o conhecimento linguístico e pragmático durante a aprendizagem de uma LE.

(PE-LX, 2019, p. 1)

A temática da presente dissertação impôs-se, ainda em 2014, aquando da elaboração da reflexão “bôCCV = tuPE + vocêPB?!: abordagem da problemática ‘triangular’ em torno das formas de tratamento no português em Cabo Verde”.

(PE-TM, 2019, p. 2)

Também percebemos o uso da paráfrase para, através da asserção baseada em um discurso outro, persuadir o interlocutor sobre a tese em defesa. Os autores adotam, dessa forma, uma postura sobrenunciativa ao construírem seu discurso autoral corroborado pela palavra de outrem, sob referência simples ou multirreferenciamento, com a qual ele geralmente concorda.

A língua é a base da comunicação, a retórica o seu objetivo, a autocensura é algo do qual não conseguimos escapar (Viollet & Bustarret, 2005; Bar-Tal, 2017) [...].

(PE-VFCB, 2022, p. 5)

A Recomplementação é uma construção que tem vindo a ser identificada para cada vez mais línguas ou variedades de uma língua [...].

(PE-JRPM, 2020, p. 9)

O modelo baseado no uso (Langacker, 2000) implica uma referência sociolinguística para o ensino da linguagem.

(PE-CIW, 2019, p. 3)

Segundo a abordagem cognitiva, a linguagem está relacionada com a cognição e o contexto sociocultural dos indivíduos, uma vez que a construção dos sentidos depende de operações mentais e da influência dos diversos contextos (Silva, 2005; Teixeira, 2010).

(PE-CIW, 2019, p. 3-4)

Tais textos têm criado pânico entre os cidadãos e enfraquecem os esforços e estratégias de diversas lideranças governamentais em conter o aumento do número de contágios (Apuke e Omar: 2020).

(PE-VDCQ, 2021, p. 9)

Não é requerida uma formação acadêmica voltada especificamente para a área. (Diniz: 2018; Affonso: 2020).

(PE-VDCQ, 2021, p. 9)

Estudos recentes demonstraram que a aquisição da segunda língua é um processo criativo (Gass & Behney, 2013) [...].

(PE-ZS, 2021, p. 1)

Tais relações também são verificadas pela presença de atos compromissivos e, em maior frequência, os expressivos, como podemos ver, respectivamente, nos exemplos a seguir. Na primeira passagem, o autor apresenta uma condição cuja consequência é firmada como aquilo que ele não defende em sua dissertação. Em casos assim, a negação (*nunca poderemos pressupor ou defender*) pressupõe uma escolha do locutor mediante teorias sobre as quais ele poderia discorrer. Com um posicionamento sobrenunciativo, o *EI* se coloca ante o interlocutor e assume a obrigação de não aderir a tal teoria.

*Se todo o discurso é simultaneamente um ato de fala, e por questão de lógica não existe ato de fala sem um falante, por esse motivo, **nunca poderemos pressupor ou defender** a falácia de que o discurso pode ser analisado sem ter em conta o produtor.*

(PE-VFCB, 2022, p. 4)

Já nestes trechos, depreendemos que o locutor se posiciona sobrenunciativamente, perante seu interlocutor, a respeito daquilo que defende, fazendo uso de modalizações, seja pelos adjetivos (*pouco, importantes, essencial*), seja pelos advérbios (*ainda, frequentemente, também*), os quais poderão levar à compreensão da relevância pretendida.

*No que respeita ao português europeu (doravante PE), o fenômeno está ainda pouco estudado, sendo mais **frequentemente** usado como argumento na análise de outros fenômenos [...].*

(PE-JRPM, 2020, p. 9)

Embora já seja possível detetar algumas palavras-chave (presentes nas fake news) por meio da automação (Torabi: 2019), a atuação do consultor linguístico ainda é essencial.

(PE-VDCQ, 2021, p. 10)

Sob a ótica do dialogismo interlocutivo, averiguamos a incidência de todos os atos ilocucionários de uma maneira geral na construção argumentativa do corpus de “Introdução” analisado. Por meio de um ato diretivo, o autor busca interagir com o interlocutor, numa tentativa de antecipar sua leitura. Em uma referência contextualizadora metadiscursiva, o autor convoca o leitor a uma reflexão sobre o tema tratado.

É possível que, no contexto deste trabalho, o leitor seja assolado por esta dúvida: se a intenção autoral se situar num campo que não seja o cultural, religioso ou ideológico, como poderemos relacioná-la com a retórica?

(PE-VFCB, 2022, p. 2)

Nesta perspectiva, importa também sublinhar que a Ciência Cognitiva e a Linguística Cognitiva trazem importantes implicações para o ensino da língua estrangeira.

(PE-CIW, 2019, p. 3)

Face a estes objetivos, convém identificar também as limitações do presente relatório.

(PE-CIW, 2019, p. 4)

Nota-se que é grande a especulação a respeito daquilo que poderia ser a possível cura para a infecção provocada pelo SARX-CoV-2.

(PE-VSCQ, 2021, p. 9)

Nestes trechos abaixo, os enunciados apresentam, pelos atos diretivos, as hipóteses levantadas ao interlocutor a fim de persuadi-lo, em diferentes graus de ordem, sobre o que deve ou não ser feito ou levá-lo a concordar (ou não) com uma delas, usando, neste caso, a modalização discursiva. Este recurso é típico de um discurso orientado ao interlocutor, antecipando possíveis refutações ou discordâncias deste, realizado sob condições de validade devido à posição tomada pelo enunciador.

Somos da opinião de que, mais do que procurar elementos-padrão na forma, o que realmente importa é identificar e contextualizar os detalhes da exegese.

(PE-VFCB, 2022, p. 2)

Podemos ser da opinião de que a “ação” pode ser metafísica, como por exemplo a alteração da consciência do interlocutor, ou uma modificação das suas normas e valores.

(PE-VFCB, 2022, p. 2)

Com a intenção de interagir com o interlocutor, qualquer que seja ele, os autores fazem uso de adjetivos valorativos (*surpreendente, excepcionais, evidente, importante, grave, inevitável*) e formas verbais que, em 1ª pessoa do plural (*considerarmos, desejamos*), o colocam em posição coenunciativamente favorável ao que é enunciado, por meio de um juízo de valor. Assim há a intenção, mesmo que velada, de influenciar a percepção do interlocutor sobre o dito, por meio dos atos expressivos.

Não deixou, todavia, de se revelar surpreendente a constatação da repetição da ideia de que o sistema de tratamento se mostra muito complexo para aprendentes de português língua estrangeira (PLE)

(PE-TM, 2019, p. 2)

Para nós é um dado adquirido de que são espécimes excepcionais da literatura nacional e lusófona.

(PE-VFCB, 2022, p. 3)

A importância do tema é, pois, evidente se considerarmos que o objetivo de uma crítica é mostrar satisfação e desagrado pessoal numa troca conversacional, o que pode nos levar a equívocos comunicativos e a falhas de natureza sociopragmática na interação.

(PE-LX, 2019, p. 1-2)

É importante ter consciência de que os aprendentes de PLE com diferentes níveis de proficiência linguística podem expressar críticas de maneiras diferentes.

(PE-LX, 2019, p. 5)

Se pensarmos que as redes sociais se tornaram o principal meio utilizado para manter-se informado, percebemos quão grave é a situação na qual todos estamos inseridos.

(PE-VDCQ, 2021, p. 10)

A interferência linguística é inevitável no processo de aquisição da segunda língua, sendo um dos fatores mais importantes que afetam a aquisição (Lado, 1975).

(PE-ZS, 2021, p. 1)

Todos desejamos saber de alguma informação em primeira mão que possa ajudar amigos e familiares a não serem as próximas vítimas.

(PE-VDCQ, 2021, p. 9)

[...] desejamos igualmente que a presente dissertação se possa constituir como uma reflexão que contribua para a elaboração de materiais didáticos e de manuais de PL2 [...].

(PE-TM, 2019, p. 5)

Dando sequência à análise, o *EI* faz uso dos atos compromissivos objetivando estabelecer um engajamento com o interlocutor. Usando desse tipo de ato de linguagem, o

locutor delimita seu posicionamento na construção do seu processo referencial diante do interlocutor, real ou virtual, com o uso predominante de verbos no futuro (*iremos*), ou equivalente, e pronomes possessivos em 1ª pessoa (*nossa*), apenas poucos autores se expressam pela impessoalidade, indiciando maior envolvimento do locutor com o que defende em seu discurso.

Pretende-se, assim, trazer o sistema de tratamento para o centro da investigação [...].
(PE-TM, 2019, p. 3)

Já explicámos os objetivos pessoais, ou a nossa intenção subjetiva: despertar a consciência do leitor [...]
(PE-VFCB, 2022, p. 4)

Ao longo da leitura, tanto da dissertação como do corpus que interpretámos, iremos guiar o leitor na descoberta das (possíveis) intenções dos autores.
(PE-VFCB, 2022, p. 1)

Nesse sentido, tentamos responder a estas questões de investigação [...].
(PE-FMGS, 2021, p. 2)

Assim, com base na diferença entre o chinês e o português, esta tese [...] visa oferecer algumas referências aos educadores para reduzir erros causados pela interferência linguística dos alunos.
(PE-ZS, 2021, p. 1)

Como passo prévio para a compreensão do Ensino Baseado em Tarefas, vamos tentar encontrar uma definição da palavra tarefa.
(PE-CIW, 2019, p. 1-2)

Na perspectiva dialógica intralocutiva, em que o *EI* interage com seu próprio texto, coletamos os seguintes excertos. Os atos assertivos apontam para uma construção argumentativa anafórica ou catafórica, pretendendo persuadir o interlocutor a continuar a leitura, ao autodialógicamente fazerem referência a enunciados proferidos por *EI*, corroborando aquilo que pretende dizer. A maioria dos exemplos aponta para uma postura sobrenunciativa de *EI*, que assume a veracidade de suas asserções a respeito do que ele mesmo desenvolverá no decorrer da dissertação. Cada autor, neste caso, se utiliza de diferentes recursos linguísticos, como formas verbais no presente do indicativo (*organiza-se, constitui, relacionam-se*), locuções adverbiais que denotam trechos do gênero em análise (*Nas considerações finais*), marcadores metadiscursivos (*Este trabalho de projeto*) e afirmações relativas aos objetivos (*tem como objetivo*) a serem alcançados com a produção acadêmica em decurso.

Este trabalho de projeto parte da formulação das seguintes hipóteses: [...].
(PE-FMGS, 2021, p. 2)

Quanto à estrutura, este trabalho de projeto está dividido em quatro capítulos.
(PE-FMGS, 2021, p. 3)

Nas considerações finais, damos conta das conclusões a que chegámos, de acordo com os objetivos inicialmente propostos e em conformidade com as nossas questões de investigação.
(PE-FMGS, 2021, p. 3)

A presente dissertação organiza-se em dois capítulos centrais, para além de uma introdução e de uma conclusão.
(PE-JRPM, 2020, p. 9)

Nos exemplos apresentados acima, a frase (4) é um caso de VPE em PE [...].
(PE-CG, 2021, p. 11)

Esta pergunta constitui a pré-condição da presente investigação, pois verificou-se que, em diferentes cenários, varia a vontade dos informantes de formular um ato ilocutório de crítica.
(PE-LX, 2019, p. 2)

Os capítulos 4 e 5 relacionam-se com o estudo empírico que sustenta a presente dissertação.
(PE-LX, 2019, p. 3)

É essa razão pela qual sustentámos a hipótese da intenção autoral, de uma forma coerente com os dados biográficos conhecidos dos três autores.
(PE-VFCB, 2022, p. 5)

A resposta à pergunta do Quadro 1 tem a ver com o produto final.
(PE-CIW, 2019, p. 2)

O presente estudo tem como objetivo projetar a perspetiva cognitiva no ensino baseado em Tarefas, procurando as formulações (materiais pedagógicos) descritivamente adequadas, intuitivamente aceitáveis e facilmente acessíveis.
(PE-CIW, 2019, p. 4)

[...] essa investigação tem por objetivo: (I) detetar um comportamento padrão dos modalizadores nas fake news; (II) Identificar um texto com informação falsa a partir da pista dada pelos modalizadores observados; (III) Criar um guia de auxílio na detecção de notícias falsas para consultores linguísticos.
(PE-VDCQ, 2021, p. 9)

Os resultados sugerem que os aprendentes são significativamente afetados pela interferência da língua materna no processo de escrita em português nos vários aspetos.
(PE-ZS, 2021, p. 1)

Os autores, nos próximos exemplos, usam atos expressivos por meio de adjetivos (*limitado, simples, muito pouco, importante*) que expressam juízo de valor a respeito do que

está escrito em seu próprio discurso. Ou seja, intralocutivamente, *EI* assume sobrenunciativamente um PDV sobre seu respectivo dizer.

Devido às restrições temporais e de capacidade humana, este estudo apresenta um universo de amostra limitado e um método estatístico simples.

(PE-ZS, 2021, p. 2)

Deste modo, realizámos uma investigação que tomou como tópico o ato ilocutório de crítica, um ato ilocutório muito pouco explorado, mas cuja análise nos pareceu importante [...].

(PE-LX, 2019, p. 1)

Já pelos atos compromissivos, verificamos ocorrências em que estes contribuem para uma interação intralocutiva baseada na escolha de formas verbais predominantemente no futuro do presente. De forma similar ao corpus de “Introdução” analisado do Brasil, esses atos são abundantes, juntamente aos assertivos, nas construções que parecem constituir um parâmetro do gênero ‘dissertação de mestrado’. Nesse tipo de estrutura fraseológica, os compromissivos apontam para aquilo que será desenvolvido no decorrer da dissertação, buscando a adesão do interlocutor à sua leitura e, possivelmente, a sua compreensão. Elencamos agora alguns exemplos, mas tal abordagem será mais detalhada na seção que se refere à construção da argumentatividade da dissertação de mestrado.

No Capítulo I, farei uma síntese daquilo que tem sido descrito sobre o sistema CP numa perspectiva cartográfica [...]

No Capítulo II, dedicar-me-ei à extração e análise quantitativa e qualitativa de dados de corpora [...]

Por fim, na Conclusão, farei uma síntese do trabalho realizado [...].

(PE-JRPM, 2020, p. 10)

No capítulo 6, o último, apresentaremos as conclusões retiradas ao longo do texto e proporemos algumas considerações finais e as limitações do presente estudo.

(PE-LX, 2019, p. 3)

Finda esta etapa da análise, podemos concluir parcialmente que o corpus analisado apresentou, em sua maioria, atos assertivos, compromissivos e expressivos na construção da argumentatividade do discurso acadêmico. A predominância de uma postura sobrenunciativa revela um maior engajamento dos autores na produção de seu texto, apresentando citações diretas em menor quantidade. O discurso autoral se faz observar pela modalização discursiva, usando *hedges* e *boosters*, que sinalizam como o PDV de cada *EI* se revela.

4.2.2 A dimensão dialógica dos atos ilocucionários na “Conclusão”

Na “Conclusão” do corpus português, no âmbito do dialogismo interdiscursivo, deparamo-nos com uma escrita baseada nos atos ilocucionários assertivos e expressivos. Primeiramente, temos os assertivos, os quais assumem uma postura, em sua maioria, subenunciativa sob a forma de argumentos de autoridade. Nesse sentido, os autores retomam a voz alheia por meio de citação direta e indireta para se referir aos resultados obtidos com a pesquisa.

Foi possível observar nas aulas, e verificar através do que os aprendentes de PLNMI disseram no questionário, que o conhecimento prévio de uma língua românica [...] teve um papel facilitador na aprendizagem de LP [...].

(PE-FMGS, 2021, p. 115)

A única asserção que poderemos fazer, sobre uma possível transposição dos dados recolhidos para outras realidades literárias, é a de que a doutrina católica e a teologia tinham o mesmo valor [...].

(PE-VFCB, 2022, p. 161)

Li (2002) e Cheung (2008) propõem que, em CM, NOC é elipse de VP enquanto VPE é elipse de vP.

(PE-CG, 2021, p. 68)

Lopes (2016) chama a este cenário linguístico “diglossia modal”, que se constitui, em nosso entender, como uma etapa subsequente à diglossia social de outrora.

(PE-TM, 2019, p. 239)

Por último, observou-se também uma expansão da língua portuguesa para os domínios da informalidade (Gonçalves, 2005a: 187).

(PE-TM, 2019, p. 241)

Certamente a análise realizada confirmou que o género textual é uma pista influente na apreensão da modalização, conforme afirma Gonçalves (2017, 111).

(PE-VDCQ, 2021, p. 55)

Nas 53 produções escritas coletadas, ocorreram 266 erros linguísticos, dos quais mais de metade (51.1%) foram causados pela interferência da língua materna.

(PE-ZS, 2021, p. 39)

Também não rejeito uma análise que possa dar conta dos dados - e das diferenças entre línguas - em termos do movimento de constituintes e efeitos de intervenção, à luz de Haegeman (2012) ou Villa-García (2012, 2015) [...].

(PE-JRPM, 2020, p. 123)

Na sequência desta análise, apontamos os exemplos de atos expressivos, que apontam as lacunas ainda deixadas pela investigação ou a relevância de sua pesquisa para o campo do saber específico. Nos trechos selecionados, percebemos a modalização do

discurso tanto pela escolha do léxico valorativo (*útil, fundamental, difícil*) como pelo uso de formas verbais no futuro do pretérito, o qual denota uma possibilidade (*poderia*).

Finalmente, a articulação da sintaxe com outras áreas poderia vir a ser útil no estudo da Recomplementação.

(PE-JRPM, 2020, p. 123)

*Sabendo, pela Linguística Cognitiva, que as unidades linguísticas emergem e se convencionalizam no uso efetivo da língua, **ficou também evidenciado que a interação verbal, potenciada pelo ensino baseado em tarefas, é fundamental na aquisição e desenvolvimento de uma língua estrangeira ou língua segunda.***

(PE-CIW, 2019, p. 54)

***É difícil para os aprendentes encontrarem** vocabulário português que corresponda exatamente ao significado chinês [...]*

(PE-ZS, 2021, p. 40)

*[...] segundo a grande quantidade dos erros identificados no corpus coletado, **percebeu-se que** embora os alunos tentem conscientemente a eliminar a interferência linguística, **é difícil evitar o impacto da língua materna.***

(PE-ZS, 2021, p. 41)

Dando continuidade à análise da dimensão dialógica dos atos ilocucionários, focamos no dialogismo interlocutivo, exemplificando tal interação com os atos a seguir elencados. Inicialmente temos, com moderada frequência, os atos diretivos e os expressivos.

Os atos diretivos, cuja finalidade ilocutória é dirigir-se ao interlocutor para que este realize algo, estão presentes nos trechos abaixo. Pela modalidade deôntica, o autor pretende que o interlocutor concorde com o que o *EI* afirma, seja com o uso de formas verbais no modo imperativo (*retomemos*), seja com a escolha de locuções verbais (*importa reforçar*) que expressam o sentido de ordem.

*Não basta saber como o fazer, **é necessário ter** sentido de oportunidade. E isto não se aprende facilmente, porque já não é ciência mas Arte.”*

(PE-VFCB, 2022, p. 160)

*Ainda que defendamos e adotemos, para a própria prática docente do português em Cabo Verde, o estatuto sociopolítico do português como L2, **importa reforçar** que o português começa por ser, de facto, uma língua estrangeira, que apenas se impõe como L2, por volta dos 6 anos de idade, com a entrada para a escola.*

(PE-TM, 2019, p. 239)

*Com o intuito de reforçar a distinção entre Moçambique e Cabo Verde, **retomemos** aqui as palavras de Gonçalves (2015) [...].*

(PE-TM, 2019, p. 240)

É de observar que a diferença intergrupar na possibilidade de fazer uma crítica não mostra, dentro de cada situação alvo de estímulo, uma tendência convergente.
(PE-LX, 2019, p. 87)

Além desses, os autores optam pelos atos expressivos para, interlocutivamente, persuadir o outro sobre seu estado psicológico. Mais uma vez, a escolha lexical de adjetivos (*interessante, bom*) e modalizadores discursivos, como advérbios de modo (*Futuramente*) e formas verbais no tempo futuro do pretérito (*seria, gostaríamos, Teria*) se faz presente, pois os autores os utilizam para argumentativamente atingir seu propósito comunicativo.

Futuramente, seria interessante fazer uma comparação entre os dados de recomplementação obtidos para a presente dissertação e dados de aparente recomplementação em frases com valor exortativo ou desiderativo[...].
(PE-JRPM, 2020, p. 123)

Por fim, gostaríamos ainda de realçar outro aspecto que nos parece importante.
(PE-LX, 2019, p. 94)

Esperamos ter conseguido mostrar que os modelos descritivos da Linguística Cognitiva e os programas do ELBT são relevantes para o ensino de línguas em geral e da língua estrangeira ou língua segunda em particular.
(PE-CIW, 2019, p. 54)

Teria sido interessante verificar em que medida a subjetividade e personalidade do indivíduo-censor, as suas emoções, crenças, valores e pressão laboral influenciam o modo como aplicam no concreto os critérios objetivos e subjetivos da instituição [...].
(PE-VFCB, 2022, p. 162)

Nestes excertos, o autor fez uso da modalização, por meio de advérbios de modo (*Seguramente, Naturalmente*), de adjetivos valorativos (*relevante, significativas, plena, útil e positivo, cabal*) e verbos modais (*parece-nos, esperamos*).

Seguramente, não se espera que o docente forneça ao aprendente uma taxonomia exaustiva. Porém, a distinção entre eventos [+dinâmico] e estados [-dinâmico] parece-nos relevante, dadas as diferenças significativas na sua construção interna, e particularmente proveitosa em termos pedagógicos, uma vez que os primeiros revelam uma certa afinidade com o PP e os segundos com o PI.
(PE-TNRPGL, 2021, p. 101)

Naturalmente, temos plena consciência de que as nossas propostas não oferecem uma solução cabal para todos os desafios que se colocam aos docentes nesta matéria, mas esperamos que sejam um contributo útil e positivo para uma transmissão mais eficaz e, sobretudo, mais precisa dos valores aspetuais do PP e do PI.
(PE-TNRPGL, 2021, p. 102)

Neste exemplo, observamos a intencionalidade do ato expressivo, pelo uso de uma expressão que indicia um posicionamento subjetivo de *EI* (*Em nosso entender*) e de um adjetivo (*bom*); e do ato diretivo, pela presença de formas verbais no modo subjuntivo, na 1ª pessoa do plural, com sentido de desejo de realização de ação futura (*possamos, esqueçamos, saibamos*), e de uma pergunta, ambos direcionados para o interlocutor.

Em nosso entender, para que possamos, de facto, considerar o chamado PCV uma realidade, é bom que não nos esqueçamos das “quatro paredes” e que saibamos responder à simples pergunta: O que é que é viver em português em Cabo Verde?

(PE-TM, 2019, p. 242)

Em menor quantidade, aportamos os atos assertivos em interlocução com o outro. No primeiro fragmento, a forma verbal na 1ª pessoa do plural atribui o papel de coenunciador ao outro, colocando-o em concordância com a asserção feita em seguida; já no segundo, a interlocução com o outro se dá como uma resposta a um possível questionamento relativo ao que se afirmou anteriormente. Em ambos, os autores escolheram formas verbais no presente do modo indicativo: um mais engajado (*Estamos*) e o outro mais distanciado (*prende-se*) quanto à responsabilidade enunciativa do discurso.

Estamos expostos a diversos acontecimentos discursivos em tempo real a diversidade social das linguagens e toda a significação de um texto implicam uma interpretação que busque sentidos para além do superficial.

(PE-VDCQ, 2021, p. 55)

Outra lacuna dos materiais para o ensino de português como LNM prende-se com a subalternização do aspeto situacional.

(PE-TNRPGL, 2021, p. 101)

Como última etapa da análise do corpus de “Conclusão” das dissertações de mestrado produzidas em Portugal, alcançamos a relação dialógica intralocutiva, expressa por meio dos atos a seguir apontados.

Sob essa perspectiva, verificamos a existência abundante de atos assertivos na construção argumentativa das considerações finais feitas pelos respectivos autores das dissertações, contudo elencamos apenas alguns que pudessem exemplificar a funcionalidade desse ato ilocucionário na argumentatividade textual. Tais atos se referem ao que foi desenvolvido no decorrer da dissertação e, para isso, constituem-se de afirmações escritas com marcadores metadiscursivos (*neste corpus, neste trabalho, Nesta dissertação, O presente trabalho, No Capítulo Um - Introdução*) e verbos de valor epistêmico

(*verificamos, procurei, apresentou-se, analisou, permitiu-nos, evidenciámos*) e deontico (*deve ter, poderão usufruir*).

O que verificamos, neste corpus, e isso já foi abordado em capítulos anteriores, é a posição integrada do autor nos assuntos que trata.

(PE-VFCB, 2022, p. 160)

Sintetizando os mecanismos linguísticos e retóricos que identificámos, verificamos que a sintaxe, a semântica, a pragmática e a paralinguística concorrem entre si para a expressão de uma posição do autor relativamente ao tema [...].

(PE-VFCB, 2022, p. 160)

Devido a limitações no acesso a material bibliográfico, periódicos e entrevistas em suporte audiovisual, não nos foi possível incluir neste trabalho a perspetiva dos censores, que poderia validar na primeira pessoa o grau de eficácia de alguns dos recursos que identificámos e descrevemos.

(PE-VFCB, 2022, p. 162)

Nesta dissertação, procurei explorar o fenómeno da Recomplementação no PE a partir de alguma bibliografia existente - tanto para o PE como para outras línguas - e da análise de dados de corpora.

(PE-JRPM, 2020, p. 122)

O presente trabalho visou estudar a aquisição de VPE por parte de falantes nativos de CM que aprendem o PE como L2.

(PE-CG, 2020, p. 68)

No Capítulo Um - Introdução, após a explanação dos objectivos e estrutura da dissertação (Secção 1.1), apresentou-se uma curta contextualização geográfica, social e histórica de Cabo Verde (Secção 1.2) e da ilha de São Vicente e do Mindelo (Secção 1.3).

(PE-TM, 2019, p. 238)

No presente trabalho, não se analisou aprofundadamente a questão das falhas pragmalinguísticas, uma vez que, por não existir uma estrutura convencional [...] as diferenças na forma de realizar o ato ilocutório de crítica são substanciais, o que impede uma análise rigorosa daquilo que é considerado convergente com a LA e daquilo que é considerado desvio relativamente à LA.

(PE-LX, 2019, p. 92)

A revisão da literatura sobre o modo como decorre, habitualmente, a elaboração de ELBT, feita no capítulo 2, permitiu-nos verificar que, nos últimos anos, se regista grande desenvolvimento em ELBT, quer a nível da investigação, quer no domínio da aplicação.

(PE-CIW, 2019, p. 52)

Como evidenciámos em tarefas de identificação e extensão de protótipos, o Ensino da Língua Baseado em Tarefa deve ter como objetivo aumentar a consciência da linguagem, levando os alunos a reconhecer o papel duplo dos protótipos, que tanto permitem a abertura das categorias a novas realidades como garantem a relativa estabilidade dessas categorias.

(PE-CIW, 2019, p. 54)

Como podemos constatar no capítulo A, a seleção do PP ou do PI é uma operação que ocorre não ao nível do verbo, mas da proposição no qual ele se insere, intervindo, nesse processo, um grande número de fatores.

(PE-TNRPGL, 2021, p. 100)

No que se refere à transversalidade desse estudo, profissionais da área das ciências da comunicação e da computação poderão usufruir de futuras contribuições dos consultores linguísticos que trilharem pelo caminho proposto nessa investigação.

(PE-VDCQ, 2021, p. 54)

Nesse sentido, a partir das conclusões finais desse trabalho, compreende-se que o mundo atual vivencia novas configurações de transmissão de notícias.

(PE-VDCQ, 2021, p. 56)

Concluindo, a tese tem como objetivo discutir alguns dos efeitos negativos de chinês na aprendizagem da língua portuguesa e os fenômenos comuns causados por eles [...].

(PE-ZS, 2021, p. 41)

Partindo dos contributos do ELBT e da Linguística Cognitiva aplicada ao ensino de línguas e implementando a prática docente baseada em tarefas, começamos por definir os objetivos do curso [...]. Elaboramos, de seguida, tarefas pedagógicas visando o desenvolvimento do desempenho cognitivo e linguístico [...].

(PE-CIW, 2019, p. 53)

Os atos expressivos também se apresentam com certa frequência, tendo em vista a necessidade de atribuir valor ou juízo acerca do que foi dito para convencimento do leitor. Para isso, os autores dos trechos destacados abaixo usam de locuções verbais modais (*parece superestimar*) e de uma escolha lexical adjetival (*produtivo, árduo e pertinente, exaustivo, inquietantes, improvável*) e de marcadores metadiscursivos (*essa investigação*) para posicionar-se sobrenunciativamente sobre seu próprio texto.

Em estágio inicial, essa investigação parece superestimar os resultados expostos, contudo, não parece produtivo que as ideias expostas aqui fiquem apenas no papel.

(PE-VDCQ, 2021, p. 54)

A escassez de estudos linguísticos pormenorizados a respeito do assunto tornou o trabalho dessa investigação ainda mais árduo e pertinente.

(PE-VDCQ, 2021, p. 55)

Devido à minha capacidade limitada, apenas realizei uma análise simples dos dados. Devido à complexidade do tópico e ao tempo limitado, o estudo está longe de ser exaustivo e tem como fim discutir alguns pontos inquietantes [...]

(PE-ZS, 2021, p. 41)

Para além das conclusões apresentadas, é ainda pertinente fazer salientar alguns outros pontos. Estes pontos são ideias-chave que atravessam todo este trabalho e que,

de alguma forma, o justificam e são reflexões suscitadas à medida que o trabalho se foi desenvolvendo.

(PE-LX, 2019, p. 91)

***O presente foi mais longo** na teoria e relativamente **curto** em recomendações práticas de natureza pedagógica e didática.*

(PE-CIW, 2019, p. 54)

*Uma vez lida a exposição sobre as três obras e mais especificamente sobre a utilização dos implícitos que executam, **é muito improvável que consigamos redigir uma lista arquetípica de estratégias de autocensura.***

(PE-VFCB, 2022, p. 159-160)

*Remetendo agora para o corpus, **é notória uma certa proximidade** retórica entre o Auto da Cananeia e a História do Futuro, se bem que com objetivos diferentes.*

(PE-VFCB, 2022, p. 160)

Como um bom exemplo do dialogismo intralocutivo com um ato compromissivo, destacamos o trecho abaixo. Nele, o autor direciona, em um movimento catafórico, o olhar do interlocutor para o que será explanado, buscando garantir a relevância do já dito. Nesse sentido, evidencia-se uma postura sobrenunciativa em relação aos discursos dos *e2* evocados no decorrer da dissertação.

***Exporemos** agora, de forma sintética, alguns aspetos deste relatório que nos parecem merecedores de destaque, tendo em conta a sua vocação eminentemente didática. [...] **Teceremos** agora algumas considerações sobre as abordagens pedagógicas sugeridas por alguns documentos orientadores, manuais e gramáticas analisados no presente relatório (cf. capítulo C) e as estratégias didáticas por nós propostas (cf. capítulo D).*

(PE-TNRPGL, 2021, p. 100)

Realizadas as análises, percebemos que os atos de linguagem assertivos contribuem, conforme sua força ilocucionária, sobremaneira para o diálogo com outros discursos, principalmente quando recorrem a ideias neles contidas para defenderem um conhecimento tido como verdadeiro. Presentes em todas as instâncias dialógicas analisadas, podem expressar-se pela voz alheia, através do referenciamento e das citações diretas e indiretas, que se constituem assim como argumentos de autoridade e indiciam o compromisso do *E1* com a verdade da proposição; bem como por seu próprio discurso, no qual insere marcadores metadiscursivos, num processo essencialmente autodialógico. Nesse sentido, os atos assertivos expressam uma postura coenunciativa, subenunciativa ou ainda sobrenunciativa, conforme a relevância a ser dada à voz do discurso.

Já os atos ilocucionários compromissivos estabelecem um diálogo com o próprio enunciado, apresentando uma garantia para que o ato ilocucionário se realize; e com o leitor, convocando-o a ser coenunciador da dissertação e comprometendo-se a realizar tais atos de linguagem em seu decorrer. Como vemos adiante, estes atos ilocucionários se destacam na construção dialógico-argumentativa da “Introdução”, contribuindo sobremaneira para a argumentatividade do discurso autoral e conseqüente persuasão do público leitor.

Por outro lado, os atos diretivos apresentam-se no domínio discursivo acadêmico em apenas alguns exemplos selecionados, sob a forma de perguntas e formas verbais modais deônticas nos *corpora* analisado. Em um diálogo com o interlocutor, objetivam colocá-lo como coenunciador da dissertação, revelando uma escolha enunciativa de maior apagamento do *EI*.

Ainda temos, por fim, os expressivos, os quais podem ser revelados por adjetivos valorativos, transparecendo a postura sobrenunciativa, ou seja, a atitude do locutor diante da proposição enunciativa em boa parte dos excertos selecionados. Sob as dimensões interdiscursiva e intralocutiva, tais atos se apresentam com maior força argumentativa, pretendendo aludir à importância do discurso citante ou citado ante o interlocutor, seja na “Introdução”, seja na “Conclusão”.

Sendo assim, nos termos da concepção teórica da Pragmática Linguística, podemos dizer que os atos ilocucionários assertivos, compromissivos e expressivos se apresentam de forma mais prototípica em um discurso acadêmico. Contudo, os atos de linguagem indiretos podem nos dar suporte para encontrar a força ilocucionária dos atos diretivos e declarativos em enunciados presentes em gêneros acadêmicos de um modo geral, necessitando de reflexões mais profundas para seu estudo mais efetivo.

Ainda verificamos, agora sob a ótica da Análise do Discurso, que as dimensões dialógicas se apresentam, na “Introdução”, predominantemente interdiscursivas (recorrendo a referenciamento e citações) e interlocutivas (estabelecendo um compromisso com o leitor); e na “Conclusão”, são as intralocutivas (apontando para o que foi dito) e as interlocutivas (convidando o leitor para novas e eventuais pesquisas) que se destacam.

Em uma análise conjunta da Pragmática Linguística e da Análise do Discurso sobre o dialogismo intralocutivo, podemos afirmar que, na “Introdução” das dissertações, este revela-se por meio de atos compromissivos; mas na “Conclusão”, esse diálogo com o

próprio discurso se dá predominantemente pelos atos assertivos, estando ambos em interação discursiva também com o leitor. E em uma perspectiva inversa, os atos diretivos estabelecem, na maior parte das ocorrências, um diálogo interlocutivo, visto que buscam fazer com que o leitor aja responsivamente de determinada maneira ao que é dito.

Dessa forma, compreendemos que a força ilocutória de um ato de linguagem pode ser apreendida por marcadores linguísticos, como o adjetivo, o advérbio e a forma e a performatividade dos verbos, os quais podem indicar de qual ato ilocucionário estamos tratando, ainda que este não se apresente prototipicamente, visto que é a força ilocutória o que determina quais e como os recursos linguístico-discursivos serão usados em dado enunciado. Dito isso, a dialogicidade desses atos será apreendida de acordo com a intencionalidade do locutor perante seu interlocutor (interlocutiva), as vozes por ele evocadas (interdiscursiva) e seu próprio discurso (intra locutiva).

4.3 A argumentatividade dos atos ilocucionários nos gêneros incluídos dos *corpora*

Tendo concluído a análise da dimensão dialógica dos atos ilocucionários dos *corpora*, pretendemos analisar e interpretar os dados coletados, considerando que, em “uma pesquisa qualitativa, devemos caminhar tanto na direção do que é homogêneo quanto no que se diferencia dentro de um mesmo meio social” (Minayo, 2015, p. 80).

Dessa forma, percebemos que, de um lado, os atos ilocucionários assertivos estabelecem relações dialógicas predominantemente interdiscursivas no corpus de “Introdução” produzido no Brasil, em comparação com o de Portugal. Como exemplo, destacamos a dissertação de PB-AMAAO, em que a autora recorre, de forma subenunciativa, a outras vozes, extraídas de hipogêneros, consideradas autoridades no meio da comunidade discursiva da Linguística; enquanto a de PE-VDCQ produz seu discurso com base em afirmativas feitas por outras vozes, parafraseando-as e fazendo predominar seu próprio discurso, com uma postura sobrenunciativa.

Inferimos, portanto, que a citação, direta e indireta, e o referenciamento constante — características prototípicas do gênero do discurso acadêmico —, constituídos por atos ilocucionários predominantemente assertivos, são utilizados como estratégias argumentativas para apresentar o PDV de *EI* e ainda atribuir maior credibilidade aos discursos produzidos pelos autores, a quem se deve a seleção e a hierarquização das fontes.

Em paralelo à escolha de tais estratégias, a construção argumentativa se dá, nas sequências analisadas, pela adoção de posturas enunciativas variáveis, conforme o escopo argumentativo desejado, em que os PDV dos enunciadores *E1* e *e2* se sobrepõem ou se articulam discursivamente. Quanto à responsabilidade enunciativa, percebemos poucas ocorrências de apagamento enunciativo, com uso de uma linguagem impessoal, estruturada na 3ª pessoa e voltada à argumentação demonstrativa, a fim de atribuir maior impessoalidade e objetividade ao PDV de *E1*, e assim pretensamente construir um discurso mais persuasivo perante os possíveis interlocutores.

Em termos linguísticos, nos exemplos, verificamos que a argumentatividade se constrói pelo uso predominante de verbos na voz ativa, na 3ª pessoa do presente do indicativo, com relativo peso argumentativo (*defendem, discordam, persiste*); bem como de operadores argumentativos⁶⁷ (*De acordo com, Diante do exposto, Além desta, Até o momento, Após essa, Por fim*), os quais organizam o texto, encadeando os parágrafos constituídos de atos ilocucionários; ou ainda modalizadores discursivos (*já, consideravelmente, atualmente, às vezes*), os quais determinam sua orientação argumentativa e deixam transparecer a intenção do locutor/enunciador.

Ainda sob essa perspectiva, no corpus de “Introdução” analisados, percebemos que os autores preferiram utilizar-se de verbos no modo indicativo (tempos presente e futuro), expressando uma realidade que se supõe verdadeira, até que seja confirmada ou anulada; de adjetivos valorativos, locuções adverbiais, conectores discursivos e marcadores metadiscursivos; e de pressupostos, hipóteses, interrogações, entre outros recursos linguísticos para produzir o efeito de sentido desejado no interlocutor. Também notamos tais recursos no corpus de “Conclusão”, diferenciando-se este apenas pela maior presença de formas verbais no tempo pretérito (passado).

Também verificamos, em ambos os *corpora*, a modalização deôntica do discurso, por meio de um ato diretivo, como estratégia argumentativa que marca a subjetividade do locutor na construção de seu PDV e conseqüente *ethos* científico, como percebido neste exemplo:

⁶⁷ “Elementos linguísticos que permitem orientar nossos enunciados para determinadas conclusões. São, por isso mesmo, responsáveis pela orientação argumentativa dos enunciados que introduzem, o que vem a comprovar que a argumentatividade está inscrita na própria língua.” (Koch & Elias, 2016, p. 64).

Sob a noção de língua pautada em Halliday e Matthiessen (2004), deve-se apresentar em que nível ocorrerão as análises, tendo em vista que para os autores a língua se divide em três metafunções.

(PB-CSC, 2018, p. 9)

Importa destacar que a modalização discursiva “pode ser explicitada por marcas particulares, ou manter-se no implícito do discurso, mas ela está sempre presente, indicando a atitude do sujeito falante frente a seu interlocutor, a si mesmo e a seu próprio discurso” (Charaudeau & Maingueneau, 2020 [2002], p. 337). Sendo assim, pode ocorrer por meio de uma diversidade de recursos linguísticos, dentre os quais destacamos os modos verbais, as orações intercaladas (também chamadas de parentéticas), os verbos auxiliares, como *dever* e *querer*, os adjetivos, os advérbios e os sintagmas preposicionados com função adverbial, abundantemente observáveis nos excertos analisados, notadamente nos atos assertivos e expressivos. Além disso, é necessário considerar a relação existente entre tais recursos e a estruturação do discurso, bem como o gênero em que se inserem e a interdiscursividade e a subjetividade a ele inerentes. “Essa maneira de dizer autoriza uma verdadeira imagem de si e, na medida em que o locutário se vê obrigado a apreendê-la a partir de diversos índices discursivos, ela contribui para o estabelecimento de uma inter-relação entre o locutor e seu parceiro” (Amossy, 2011, p. 16-17), o que provavelmente resultará na legitimação do *ethos* discursivo (neste caso, científico) no ato da enunciação.

Depreendemos, portanto, que o discurso acadêmico na “Introdução” de uma dissertação é essencialmente dialógico e, por meio dos atos ilocucionários podem estabelecer uma tripla responsividade: com as palavras de outras/os vozes/discursos, com o interlocutor/leitor, real ou presumido; e com o seu próprio discurso, levando seu público a uma provável concordância (ou discordância, no caso de insucesso do ato ilocucionário) com a tese ali defendida. De modo prevalentemente interdiscursivo, o referenciamento se faz presente na “Introdução”, revelando uma responsabilidade enunciativa embasada no discurso de autoridade.

Já nos *corpora* de “Conclusão”, detectamos o uso constante do dialogismo intralocutivo, em que há remissão ao que foi dito anteriormente pelo *EI*, bem como provocações no que diz respeito a possíveis investigações provenientes de lacunas deixadas pelo que os autores acabaram de concluir. Tal intralocução é predominantemente expressa por atos ilocucionários assertivos e expressivos, adotando uma postura sobrenunciativa em relação ao discurso enunciado. Em paralelo, observamos ocorrências

de dialogismo interlocutivo, nas quais o *EI* coloca o interlocutor como coenunciador da dissertação. Os atos assertivos, expressivos e diretivos são, desta vez, protagonistas em tais construções argumentativas.

A partir de uma perspectiva discursiva, verificamos ainda ocorrências de sequências de atos ilocucionários que denotam certa regularidade para a construção da argumentatividade desejada pelo *EI*. Assim selecionamos os seguintes trechos, nos quais se verificam atos de linguagem em uma sequência constitutiva de sua textualidade, podendo nos fornecer uma base para compreender como tais estruturas sintáticas funcionam.

Os atos de linguagem presentes nos diferentes parágrafos desta sequência, o assertivo (*procedemos à análise*) e o compromissivo (*Pretende-se, assim,*), apontam para uma interlocução argumentativa no sentido de persuadir o coenunciador da ideia apresentada, agindo como pontuador textual, de acordo com Dufour (Bres *et al.*, 2012), ao organizar o dizer e o sentido pretendido com este dizer. Dessa forma, o *EI* primeiramente estabelece relações com discursos outros e, em seguida, declara seu objetivo com a investigação a ser desenvolvida.

*Simultaneamente, **procedemos** à análise contrastiva dessas estruturas do emergente português de Cabo Verde com estruturas análogas do crioulo cabo-verdiano e do português brasileiro.*

***Pretende-se, assim, trazer** o sistema de tratamento para o centro da investigação em torno do emergente PCV.*

(PE-TM, 2019, p. 3).

No fragmento abaixo destacado, o autor faz duas asserções: primeiro por meio de uma paráfrase; e depois por uma citação direta, admitindo uma postura subenunciativa e coenunciativa, respectivamente. Seu PDV se baseia, portanto, em um dizer alheio, o qual é tido como autoridade reconhecida no campo de pesquisa em questão.

Manole (2013)**, no âmbito de uma reflexão sociolinguística relativamente à localização em português brasileiro e em português europeu, **faz uso** de uma expressão imensamente adequada para se pensar a língua portuguesa em Cabo Verde quando fala de “viver em português”. Contrastando as principais diferenças entre os sistemas de tratamento do PB e do PE, **a autora reforça que “[...] são o resultado da evolução que as duas variantes do português tiveram nos últimos séculos” [...].

(PE-TM, 2019, p. 242)

Já nesta sequência, temos um assertivo e, ao fim, de um expressivo, os quais dialogam com o interlocutor, compartilhando do conhecimento declarado e demonstrando seu posicionamento sobrenunciativo diante dele.

*É sabido que **as línguas indígenas brasileiras são minoritárias em relação à língua portuguesa. Espaços antes destinados à língua materna estão sendo substituídos gradualmente pela língua portuguesa em contextos diversos, o que gera uma situação bastante preocupante.***

(PB-TTCL, 2017, p. 15)

Como último exemplo, de entre tantos, da sequência de atos ilocucionários para a construção dialógico-argumentativa de uma dissertação, atentemos no parágrafo a seguir. Nele percebemos as relações dialógicas interlocutiva, intralocutiva e interdiscursiva, nesta ordem, sob a forma de uma pergunta (ato diretivo), uma afirmação (ato assertivo) e uma citação indireta (ato assertivo). Assim a autora faz uma pergunta retórica ao interlocutor e, em seguida, a responde afirmando que tal tema será tratado em outro ponto da dissertação e, seguidamente, reforça seu dizer com uma paráfrase de uma voz outra, considerada autoridade, tendo sido feito o devido referenciamento. Percebemos, com este exemplo, uma postura sobrenunciativa assumida pelo *EI* em todo o parágrafo, ainda que tenha se pautado em um interdiscurso referenciado.

*E o que entendemos por religião? Grosso modo, sem entrar em pormenores pois voltaremos ao assunto no capítulo 3, **a religião está ligada ao fenômeno da transcendência. Ou seja, são manifestações humanas em que se procura ligar as coisas terrenas às coisas divinas, ou o mundo dos humanos ao mundo dos deuses. Para Marilena Chauí (2000), por exemplo, a religião tem como objeto a compreensão do Universo por meio da fé numa revelação divina. Para a autora, a religião, as tradições e os mitos explicam todas essas coisas como causas da mudança, da permanência, da repetição, da desaparecimento e do ressurgimento de todos os seres.***

(PB-EGX, 2019, p. 15)

Para além da constituição dialógico-argumentativa dos enunciados, constatamos que os *corpora* de “Introdução” de ambos os países são finalizados com uma explanação acerca dos capítulos que constituem a dissertação, com uma sequência de atos de linguagem compromissivos e assertivos, encadeados por articuladores textuais (*Além desta, Por fim*) e marcadores metadiscursivos (*No primeiro capítulo, No capítulo II, nas considerações finais*). Tais construções fraseológicas parecem atender aos passos defendidos por Swales (1990) na produção de um texto do gênero acadêmico, os quais apontam para a necessidade de o autor descrever objetivamente a pesquisa que será apresentada, inclusive

delineando a sua estrutura. Desse modo, a sequência dos atos objetiva levar o interlocutor ao prosseguimento da leitura ao apontar para o discurso que ainda será dito, estabelecendo uma relação dialógica tanto interlocutiva quanto intralocutiva.

No que diz respeito a esse ponto, afirmamos que tal construção discursivo-argumentativa é encontrada em 80% das dissertações dos *corpora* de Portugal e 100% das produzidas no Brasil, constando apenas as diferenças linguístico-discursivas verificadas nas figuras 3 a 6 a seguir. Assim podemos concluir que se trata de um componente composicional do gênero ‘dissertação de mestrado’, caracterizando-se como seu parâmetro de gênero (Coutinho & Miranda, 2009; Silva, 2012).

Figura 3 - Parâmetro de gênero acadêmico 1

Além desta introdução, este trabalho está organizado em três capítulos e as considerações finais. No primeiro, apresentamos o estado da arte, o embasamento teórico sobre a oralidade e as orientações dos Documentos Oficiais.

O segundo capítulo apresenta o percurso metodológico pelo qual se guiou esta investigação, abrangendo assim, o contexto da pesquisa, o procedimento para coleta de dados e as categorias de análise que basearam o estudo.

No terceiro capítulo são apresentadas e discutidas as análises da fala docente sobre oralidade na Educação Infantil e das práticas orais em sala de aula.

Por fim, nas considerações finais, são apresentadas reflexões sobre o ensino da oralidade e sua importância para o desenvolvimento social e cognitivo da criança, com base nos dados desta pesquisa. Esperamos que tais reflexões possam trazer luz à prática docente na Educação Infantil.

Fonte: PB-AMAAO (2019, p. 14).

Figura 4 - Parâmetro de gênero acadêmico 2

O capítulo chamado Revisão Teórica tratará de apresentar as bases epistemológicas utilizadas para o desenvolvimento do trabalho. Esse capítulo conta com três subcapítulos. O primeiro apresentará alguns conceitos relativos à Linguística Sistemico-Funcional com um foco no componente experiencial da Metafunção Ideacional. O segundo subcapítulo mostrará a Linguística de Corpus, enfocando seu potencial metodológico. Finalmente, haverá um subcapítulo para apresentação de alguns trabalhos que utilizam a Linguística Sistemico-Funcional e a Linguística de Corpus.

O terceiro capítulo desta dissertação apresentará a metodologia adotada para a coleta e formatação dos *corpora* utilizados no estudo e para o levantamento de dados quantitativos através do programa computacional dos programas computacionais *WordSmith Tools* e *LibreOffice Writer*. Ademais, será explicado o

Fonte: PB-CSC (2018, p. 12).

Figura 5 - Parâmetro de gênero acadêmico 3

Quanto à estrutura, este trabalho de projeto está dividido em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, enquadramento teórico e conceptual, definimos os principais conceitos envolvidos na temática em estudo e explicamos o caminho teórico que seguiremos. [...]

No segundo capítulo, metodologia, fazemos a contextualização do ambiente sociolinguístico do ensino-aprendizagem e definimos a amostra a ser estudada. [...]

No terceiro capítulo, análise dos dados, estudamos os elementos recolhidos nas aulas de PLNM A1, através da aplicação dos dois questionários sociolinguísticos e da observação direta não participante, durante o primeiro semestre letivo de 2019/2020, na UMa. [...]

No quarto capítulo, o processo de ensino-aprendizagem e os recursos didáticos, refletimos sobre o ensino-aprendizagem de PLNM e de PLE, níveis A1, e analisamos o conjunto das propostas didáticas preparadas [...]

Nas considerações finais, damos conta das conclusões a que chegámos, de acordo com os objetivos inicialmente propostos e em conformidade com as nossas questões de investigação. De seguida, apresentamos a bibliografia utilizada, os apêndices e os anexos.

Fonte: PE-FMGS (2021, p. 3).

Figura 6 - Parâmetro de gênero acadêmico 4

No Capítulo I, farei uma síntese daquilo que tem sido descrito sobre o sistema CP numa perspectiva cartográfica e de como a Recomplementação como fenômeno periférico tem sido integrada nesse quadro teórico em línguas como o espanhol, o inglês, o francês e o italiano – com particular foco no espanhol. Farei ainda uma síntese do que tem sido mencionado sobre a Recomplementação no PE em articulação com outros fenômenos.

No Capítulo II, dedicar-me-ei à extração e análise quantitativa e qualitativa de dados de *corpora* que possam ajudar a descrever as estruturas de Recomplementação existentes no PE, através da confirmação ou infirmação de um conjunto de hipóteses estabelecidas a partir da síntese feita no Capítulo I. Farei também uma breve discussão sobre a forma como os dados extraídos se enquadram nas hipóteses que têm sido colocadas para explicar o fenômeno.

Por fim, na Conclusão, farei uma síntese do trabalho realizado, esperando ter correspondido aos objetivos gerais e propondo sugestões para trabalhos futuros relacionados com o tema em estudo.

Fonte: PE-JRPM (2020, p. 10).

Linguisticamente, esse parâmetro de gênero se apresenta, nas dissertações produzidas no Brasil e em Portugal analisadas, com formas verbais no presente do indicativo (*apresenta, definimos*) ou futuro do presente do indicativo (*tratará, farei*), denotando ações tidas como verdadeiras que ocorrerão num futuro próximo ou em um momento posterior à enunciação.

A respeito da postura enunciativa assumida pelos enunciadores das dissertações, a qual também colabora para a construção do *ethos* científico de seus autores, concluímos que variavelmente estes aderem ao apagamento enunciativo, usando formas verbais na 3ª pessoa (*esquece-se*); ou adotam maior responsabilidade sobre seus enunciados, fazendo uso da 1ª pessoa do singular ou do plural (*Partimos*). Percebemos essa responsabilidade enunciativa nos exemplos abaixo, retirados dos *corpora* desta investigação:

Devido à ênfase do currículo sobre a necessidade de se trabalhar a leitura e a escrita de forma proficiente, esquece-se, às vezes, de se investir na oralidade das crianças, necessária para o desenvolvimento infantil em diversas áreas como na interação social, organização de pensamentos e sentimentos, imaginação, aquisição e desenvolvimento da leitura e escrita, entre outros (RCNEI, 1998; FARIA, 2003; CAVALCANTE; MARCUSCHI, 2007; FARIA; CAVALCANTE, 2009; SOUZA; BERNARDINO, 2011; CHAER; GUIMARÃES, 2012.

(PB-AMAAO, 2019, p. 11)

Partimos do pressuposto de que toda a literatura é retórica e de que toda a retórica contém uma intenção.

(PE-VFCB, 2022, p. 1)

Enfim, é por meio dos atos de linguagem, principalmente os assertivos, os compromissivos e os expressivos, fundamentados em argumentos de autoridade, referenciamento, citações e paráfrases, modalizações discursivas e marcadores e parâmetros de gênero, como nos exemplos apresentados, que o enunciador revela seu PDV e constrói uma imagem de si, ou seja, seu *ethos* científico, adotando uma postura ora subenunciativa, quando quer se distanciar subjetivamente do texto; ora sobrenunciativa, ao apresentar-se discursivamente em detrimento do discurso outro; ora coenunciativa, construindo seu discurso com a incorporação da voz alheia. Nos exemplos a seguir, podemos perceber como o posicionamento discursivo, ante uma citação, colabora para construir o *ethos* do sujeito enunciador e assim persuadir o interlocutor: no primeiro, o autor apenas cita o discurso alheio, demonstrando maior apagamento enunciativo; já no segundo, o autor coenuncia o já dito no discurso citado, utilizando-se de suas próprias palavras

De acordo com Milner (1996, p. 74): “passar das línguas ao sujeito é o que permite a doutrina do inconsciente, enquanto estruturado como uma linguagem. Compreender isso é compreender a relação com o estruturalismo”.

(PB-RCSJ, 2017, p. 16)

Certamente a análise realizada confirmou que o gênero textual é uma pista influente na apreensão da modalização, conforme afirma Gonçalves (2017, 111).

(PE-VDCQ, 2021, p. 55)

O *ethos* científico também pode se constituir, com menor apagamento enunciativo, pelo uso de pronomes e formas verbais na 1ª pessoa, como observado nos trechos na sequência:

*Creio que essa visão de resolver os conflitos de forma autônoma precisa ser expandida, visto que, na **minha** visão, o Circle Time pode trazer muitos outros benefícios.*

(PB-LGSK, 2018, p. 133)

*No Capítulo I, **farei** uma síntese daquilo que tem sido descrito sobre o sistema CP numa perspectiva cartográfica [...]*

*No Capítulo II, **dedicar-me-ei** à extração e análise quantitativa e qualitativa de dados de corpora [...]*

*Por fim, na Conclusão, **farei** uma síntese do trabalho realizado [...].*

(PE-JRPM, 2020, p. 10)

No discurso acadêmico, temos observado, com certa recorrência, o uso da 1ª pessoa do plural, notadamente por meio de formas verbais que indiciam um valor modal

epistêmico denotador de relativa modéstia por parte do autor. Tal escolha linguística aponta uma maior responsabilidade enunciativa do sujeito locutor, como nestes exemplos:

A seguir, portanto, iremos nos dedicar ao capítulo 1. Nele, apresentamos a natureza do tema desta pesquisa, sua delimitação no tempo e no espaço. Para tanto, situamos a religião entre os povos indígenas brasileiros; em seguida, trazemos uma perspectiva de religião entre os Terena.

(PB-EGX, 2019, p. 18)

Somos da opinião de que, mais do que procurar elementos-padrão na forma, o que realmente importa é identificar e contextualizar os detalhes da exegese.

(PE-VFCB, 2022, p. 2)

Sendo assim, compreendemos que a construção do *ethos* científico pode variar de uma menor responsabilidade enunciativa, sob a qual o enunciador apenas cita o discurso alheio visando dar maior credibilidade a seu discurso; a uma maior inscrição do *eu*, buscando realçar argumentos considerados essenciais para a persuasão do seu público.

Ao concluirmos esta etapa de análise dos *corpora*, comprovamos que essas relações dialógico-argumentativas contribuem para a construção de um texto inscrito numa categoria de gênero, em busca de um discurso autoral, ainda que se baseie em vozes outras, pois “ser autor vai muito além de assumir PDV alheios, uma vez que requer a contribuição pessoal, a formulação de uma voz própria, mesmo diante de um conjunto de trabalhos anteriores” (Bernardino, 2018, p. 196).

É dessa forma, portanto, que o enunciador produz seu discurso acadêmico, nomeadamente nos gêneros incluídos “Introdução” e “Conclusão”, sob uma responsabilidade enunciativa revelada pelo seu engajamento ou pelo seu apagamento, indiciados pela seleção, organização e hierarquização do dizer alheio, bem como por recursos linguístico-discursivos apropriados, como um macroato de linguagem essencialmente dialógico e argumentativo, revelando assim seu *ethos* científico, com vistas à responsividade do outro.

4.4 Aspectos interculturais do discurso acadêmico em dissertações no Brasil e em Portugal

Realizada a análise dos dados extraídos dos *corpora*, procedemos a uma verificação de possíveis regularidades na construção dos gêneros incluídos em tela, resultantes de aspectos sócio-históricos e culturais das comunidades discursivas envolvidas, a fim de

perceber se há uma forma singular de escrita acadêmica das dissertações de mestrado selecionadas. Nesse sentido, justificamos essa abordagem pela compreensão de que:

A discussão do processo da escrita na pós-graduação é, por si só, uma seara complexa e que requer uma perspectiva ampla, que não só considere a produção textual em seu sentido estrito, mas que se envolva nos desdobramentos sociais, históricos e ideológicos que se refratam na linguagem acadêmica, sendo continuamente recepcionados como impactantes na vida do pós-graduando. (Bazerman; Bonini; Figueiredo, 2017, p. 354).

A ideia aqui proposta busca compreender, para além das regularidades, como se constroem as identidades sociais e acadêmicas dos autores das dissertações, os quais têm como objetivo ilocutório, com a produção desses textos, alcançar um grau acadêmico e ser aceitos em sua respectiva comunidade discursiva. Com a escrita da dissertação, desenvolvida em eventos de letramento ocorridos em diferentes contextos socioculturais e históricos, os discentes não somente apreendem o conhecimento, mas produzem-no, colaborando assim para a expansão das ciências (Brambila, 2022; Silva, 2012). A esse respeito, Bakhtin (1993) afirma:

O mundo como o conteúdo do pensamento científico é um mundo particular: é um mundo autônomo, mas não um mundo separado; é antes um mundo que se incorpora no evento unitário e único do Ser através da mediação de uma consciência responsável, em uma ação real. Mas o evento único do Ser não é mais algo que é pensado, mas algo que é, alguma coisa que está sendo real e inescapavelmente completada através de mim e dos outros (completado, *inter alia*, também na minha ação de conhecer); ele é realmente experimentado, afirmado de uma maneira emocional-volitiva, e a cognição constitui apenas um momento desse experimentar-afirmar. (p. 30, grifo do autor).

Assim o locutor se constitui, em parte, dos papéis sociais que lhe são atribuídos em determinadas situações comunicativas, cabendo a ele definir-se também como sujeito na interlocução discursiva. Dessa forma, o locutor é parcialmente influenciado pelos papéis sociais a ele imputados. “Assim, ao mesmo tempo em que ele se institui como sujeito na interação, [...] ele se define pelas identidades sociais que a situação lhe impõe” (Cavalcante, 2022a). Ou seja, ao orientar seu discurso para o outro, em uma orientação argumentativa, o locutor constrói proporcionalmente a sua própria identidade social e, por conseguinte, linguística. Esse *ethos* do sujeito enunciador é indissociável da relação com o outro, dos papéis sociais por estes assumidos e dos aspectos contextuais em que se inserem na interação discursiva.

É na percepção dessa alteridade que o locutor perfaz seu conhecimento linguageiro e dele usa para atingir seus propósitos comunicativos. Além disso, “é a partir das contradições, adições e complementaridades constituintes das vivências pessoais de cada um que se (re)constroem as identidades do sujeito”. Ou seja, “[...] a identidade se (re)faz na relação com o outro, na alteridade em que os interlocutores se influenciam e se enxergam (ou não) no outro, constituindo assim sua própria identidade” (Silva & Marques, 2022, p. 359). Corroborando essa ideia, recorreremos a Cavalcante (2022a, s.p.) ao citar Charaudeau (2009, p. 1):

A identidade é o que permite ao sujeito tomar consciência de seu corpo (um estar aí no espaço e no tempo), de seu saber (seus conhecimentos sobre o mundo), de seus julgamentos (suas crenças), de suas ações (seu poder fazer). A identidade implica, então, a tomada de consciência de si mesmo. Mas para que ocorra a tomada de consciência, é necessário que haja diferença, a diferença em relação a um outro. É somente ao perceber o outro como diferente que pode nascer, no sujeito, sua consciência identitária. A percepção da diferença do outro constitui de início a prova de sua própria identidade.

Sob esse ponto de vista, embora haja uma percepção generalizada de que as práticas de escrita acadêmica desenvolvem-se simplesmente pela aquisição de técnicas do “bem escrever”, defendemos a compreensão de que o discurso é um evento linguístico, propositadamente interacional e dialógico, que envolve sujeitos conscientes de seus papéis actanciais e de seus saberes epistemológicos, sócio-históricos e culturais, mobilizados por conhecimentos diversos e orientados para, argumentativamente, influenciar, em algum nível, o outro em determinada situação comunicativa (Brambila, 2022; Koch & Elias, 2016). Assim entendemos que todos os locutores, de alguma forma, ao interagir com o outro, ou seja, dialeticamente, sobre este exerce alguma influência a partir de um discurso retórico (Aristóteles, 2005). Esse projeto retórico-dialético é bastante evidente nos gêneros discursivos acadêmicos, nos quais são usadas as possibilidades de construção linguageira e estratégias persuasivas, amparados nas relações dialógicas que mantêm com outros discursos.

Considerando tais aspectos, percebemos que as dissertações selecionadas do *corpus* do Brasil, sob o aspecto composicional, refletem uma escrita baseada em atos ilocucionários predominantemente assertivos e compromissivos, que expressam, na “Introdução”, o discurso outro por meio de citações diretas, em relações interdiscursivas constantes; e na “Conclusão”, o dialogismo intralocutivo. Essa é uma das marcas da escrita

acadêmica brasileira, que busca, no discurso alheio, a confiabilidade daquilo que é defendido em seu próprio texto. No âmbito temático, os respectivos autores das dissertações selecionadas diversificaram suas escolhas, o que pode ser explicado pela grande quantidade de áreas da Linguística sob investigação nos grupos de pesquisas das instituições de ensino superior. A fim de exemplificar, dentre as dissertações escolhidas na BDTD, encontramos as seguintes linhas de pesquisa, além daquelas estritamente ligadas à Linguística Aplicada: Análise de línguas naturais; Linguística e transculturalidade; e Discurso, cognição e interação.

Em Portugal, as dissertações revelam uma composição estrutural semelhante às produzidas no Brasil, diferenciando-se apenas pela maior presença das relações dialógicas interlocutivas e intralocutivas tanto na “Introdução” quanto na “Conclusão”. Sob o prisma da temática, percebemos um olhar voltado para os estudos da língua portuguesa como língua não materna, o que pode ser explicado pela preocupação dos pesquisadores portugueses em promover a internacionalização da língua portuguesa, principalmente, no âmbito das ciências.⁶⁸ Esta pode ser a razão para a profusão de publicações científicas, entre artigos científicos, teses e dissertações, voltadas para essa temática: entre as dez dissertações de mestrado selecionadas nos RCAAP para esta investigação, 50% abordam especificamente a língua portuguesa como língua não materna.

Para os pesquisadores Silva, Santos e Siteo (2019), as práticas de escrita acadêmica em Portugal devem assim transpor os limites da simples aquisição do código escrito e suas estruturas composicionais, proporcionando ao estudante uma leitura e escrita crítica, a partir do conhecimento prévio e daquele que permeia o percurso acadêmico discente, atribuindo ao discurso deste uma voz autoral e revelando um conhecimento da diversidade de gêneros com os quais este se depara na comunidade discursiva. Acrescido das vivências sociais, culturais e históricas peculiares a cada sujeito enunciador, que constituem o projeto dialógico-argumentativo do dizer [e fazer], sob os aspectos da responsividade e da alteridade, “[...] qualquer texto é o resultado de um confronto entre as restrições de gênero

⁶⁸ Segundo a Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), com base no Índice de Citação Científica Expandida (SCI), “cerca de 97% dos seus mais de sete milhões de artigos publicados entre 2009 e 2015 são escritos em inglês, enquanto, para o mesmo período, o percentual de publicações em espanhol foi de 0,42% e em português de 0,30%”. Sendo assim, a OEI criou o projeto Ciência Plurilíngue, que tem como objetivo “contribuir para a promoção da produção, intercâmbio e divulgação científica em espanhol e português, promovendo o seu reconhecimento, valorização e impacto, assim como a sua convergência no campo científico a nível internacional”. Cf.: <https://oei.int/pt/escritorios/secretaria-geral/ciencia-plurilingue/proyecto>. [07 fev. 2023].

e as estratégias realizadas pelo falante”⁶⁹ (Charaudeau, 1992 *apud* Coutinho & Miranda, 2009, p. 41). Dito isso, devemos concordar com Amossy (2007) quando afirma que:

Além dos marcadores, tais como os diferentes indícios de alocação [...], podemos encontrar a figura do interlocutor através do conhecimento, das competências, dos valores e das crenças que lhe são atribuídas. Do mesmo modo, o locutor inscreve sua subjetividade em seu discurso através de diferentes marcas, dentre as quais são particularmente significativas as axiológicas e as afetivas. (p. 130).

Sendo assim, para concluir esse ponto de vista, destacamos que, sob os aspectos enunciativo e pragmático, os autores das dissertações são alunos de cursos de mestrado em diferentes instituições de ensino superior no Brasil e em Portugal, que assumem o papel social de produzir um texto que apresente e desenvolva uma temática de interesse da comunidade científica, com o objetivo ilocutório de obter o grau de mestre em determinada área da Linguística (Silva, 2012). Quanto ao componente composicional, esta investigação se deteve nas seções “Introdução” e “Conclusão”, entre tantas outras que podem compor uma dissertação, não sendo estas exclusivas desse gênero do discurso, ainda que estejam presentes na totalidade dos *corpora* selecionados. Do ponto de vista semântico, observamos a adoção da estratégia discursiva do referenciamento e das citações diretas e indiretas, sendo esta um componente peculiar aos textos do discurso acadêmico. Já sob a perspectiva estilístico-fraseológica, percebemos um léxico mais voltado ao campo da Linguística, como “discurso”, “linguagem” e “locutor”, sendo este aspecto bastante relacionado ao da semântica. Nesse sentido, acrescentamos o componente metatextual, em que se observam muitas autorreferências ao gênero ‘dissertação de mestrado’, como “*Nesta dissertação*” e “*No primeiro capítulo desta pesquisa*”, observáveis em diversas dissertações produzidas no Brasil e em Portugal, as quais remetem, intralocutivamente, ao que está dentro do campo discursivo apresentado. Para esta investigação, especificamente, não cabem a análise peritextual, a qual englobaria elementos como capa, referências e anexos; nem a material, que diz respeito a pontos como suporte e extensão do gênero ‘dissertação de mestrado’ (Silva, 2012). Todavia, para além dessa categorização, concordamos com Coutinho e Miranda (2009) quando estas afirmam que:

Um repertório de componentes de gênero não garante a descrição efetiva de qualquer texto que dependa desse mesmo gênero; e inversamente, um modelo de arquitetura

⁶⁹ Trecho original: “[...] any text is the result of a confrontation between the genre constraints and the strategies carried out by the speaker.”

dos textos nos deixa sem qualquer capacidade de relação com os formatos dos quais esses dependem (uma forma mais ou menos estrita ou mais ou menos criativa). (p. 39).⁷⁰

Sob essa perspectiva, a constituição de um texto, pertencente a um determinado gênero, dependerá tanto dos fatores contextuais a ele inerentes — sob o princípio da diferença, no que se refere à variação e à inovação; quanto das instâncias discursivas que o sobredeterminam — atendendo ao princípio da identidade, relativo à repetição e à reprodução dos gêneros do discurso. Assim, “cada novo texto atualiza [...] propriedades convencionalmente associadas ao(s) gênero(s) a que pertence, replicando-as (todas ou apenas algumas) segundo uma atitude variável, mais próxima do polo reprodutor ou do polo inovador” (Silva, 2012, p. 245).

Dito isso, apenas consideramos como marcadores de gênero das dissertações analisadas as componentes pragmática e metatextual, as quais se referem ao objetivo ilocutório comum aos autores e às diversas ocorrências metatextuais exclusivas do gênero discursivo ‘dissertação de mestrado’, recorrentes em atos assertivos e compromissivos. Contudo, dada a heterogeneidade da natureza dos gêneros, não buscamos caracterizar exaustiva e definitivamente o gênero discursivo ‘dissertação de mestrado’ e sua constituição dialógico-argumentativa.

Sendo assim, defendemos a ideia de que, sob uma concepção dialógico-argumentativa, todo enunciado é responsável e responsivo, bem como revela os sujeitos que nele interagem, os quais constroem possibilidades de sentido conforme suas intenções comunicativas, vivências e conhecimentos, dentro de uma situação de interação e comunidade discursiva específicas. De acordo com Volóchinov (2018 [1929], p. 253), a língua reflete “inter-relações sociais estáveis dos falantes. Em diferentes línguas, em diferentes épocas, em diferentes grupos sociais, em contextos que variam conforme os objetivos, predomina ora uma, ora outra forma, umas ou outras modificações dessas formas”. Assim as escolhas temáticas, composicionais e estilísticas de cada interactante, resultantes de tais contextos, terão significativo peso na construção de seu discurso.

⁷⁰ Trecho original: “a repertoire of components of genre does not assure the effective description of any text depending on that same genre; and inversely, a model of architecture of the texts leaves us without any capacity of relation with the formats that those depend on (a more or less strict or more or less creative forms)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob os olhares filosófico-linguísticos apresentados nesta investigação, compreendemos que todo discurso é valorativo e carrega em si as marcas do diálogo mantido com outros discursos anteriores e que permeiam a construção da orientação argumentativa do discurso acadêmico. A partir da perspectiva discursiva defendida pelo Círculo de Bakhtin, apresentamos uma análise qualitativa da dialogicidade dos atos ilocucionários, defendidos por Austin e Searle, na construção argumentativa dos gêneros incluídos “Introdução” e “Conclusão” de dissertações de mestrado produzidas no Brasil e em Portugal.

As análises, desenvolvidas a partir de uma pesquisa primeiramente bibliográfica e depois documental, demonstraram uma maior utilização dos atos ilocucionários assertivos, compromissivos, expressivos e diretivos em ambas as seções dos *corpora* selecionados, com alguma diversidade no âmbito dialógico expresso na “Introdução” e na “Conclusão”. Nesse sentido, concordamos com Volóchinov (2018 [1929]) ao afirmar que “as condições da comunicação discursiva, as suas formas e os meios de diferenciação são determinados pelas premissas socioeconômicas da época” (p. 262), ao que acrescentamos o contexto histórico e cultural vivenciado pelos interlocutores envolvidos em cada situação comunicativa.

Desta forma, por considerarmos que todo discurso possui viés argumentativo, os atos ilocucionários surgem na composição desses discursos acadêmicos para, intencionalmente, expressar o caráter persuasivo do locutor ante o interlocutor. Este pode agir responsivamente logo após a enunciação ou ainda tardiamente, o que evidentemente ocorre nos *corpora* nos dois países estudados.

Sob essa perspectiva teórica, como membros de uma comunidade discursiva acadêmica, estamos sempre em atividade dialógica com outras teorias e vozes para a construção do fazer científico, visto que “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (Bakhtin, 1997 [1979], p. 297). Esses diálogos norteiam a tese defendida e os argumentos utilizados, como apoio ou refutação, revelando uma imbricação das ideias deste(s) ou daquele(s) discurso(s) com uma orientação tanto para os discursos antecedentes

e procedentes como para o interlocutor e o próprio discurso, (re)fazendo-se continuamente em busca de respostas às hipóteses criadas.

Nesse sentido, apoiamo-nos em Bakhtin (1997 [1979]) para refletir a respeito das dificuldades enfrentadas pelos alunos da comunidade acadêmica na produção de textos científicos, considerando estes como formas de ação social, situada cultural e historicamente. Tais obstáculos podem ser superados pela diversidade de práticas de escrita, vivenciadas em situações interacionais que promovam seu letramento, pois “a experiência é algo constitutivo da prática nas comunidades que fazem uso de determinados gêneros, tornando-se, assim, condição indispensável para uma interação verbal bem-sucedida” (Simões & Juchum, 2017, p. 2). Nesse sentido, a internacionalização virtual do ensino é um processo viável, dadas as condições cada vez mais favoráveis proporcionadas pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC), tanto para jovens como para adultos, com vistas ao desenvolvimento de práticas de leitura e escrita críticas, voltadas para uma interação verbal dialética, axiológica, ideológica e social e historicamente situada, realizada por meio dos gêneros do discurso (Silva & Marques, 2022).

Assim os objetivos das práticas de escrita devem levar em conta o aprender a língua em uso para interagir com o outro, sob uma perspectiva discursiva, compreendendo o dizer como um fazer dialógico e argumentativo, em que o texto escrito é produzido, compreendido e legitimado em e por sua comunidade discursiva. Segundo o Portal do Professor de Português Língua Estrangeira (PPPLE):⁷¹

A relação entre língua-cultura e o seu entendimento como instância fundamental para o desenvolvimento de um processo intercultural de ensino/aprendizagem de línguas significa considerar que as experiências de trabalho com a língua em uso serão sempre ações situadas, relacionadas a eventos e contextos reais de vivência dos interlocutores.

A partir dessa perspectiva, compreendemos que todo enunciado inicia a partir de um outro e, após seu fim, ainda outros serão produzidos como resposta, objetivo final de uma enunciação e, neste caso, do discurso acadêmico (Bakhtin, 1997 [1979]). Dessa maneira, temos a certeza de que este estudo não se findará aqui e poderá suscitar novas e mais amplas pesquisas sobre essa convergência teórica no campo da filosofia da linguagem. Assim, para além das escolhas epistemológicas feitas nesta dissertação, aventamos a possibilidade de enveredar posteriormente por outros caminhos de investigação sobre o

⁷¹ Cf.: <https://ppple.org/>.

papel dos atos de linguagem em gêneros acadêmicos, sob uma perspectiva pragmático-enunciativa diversa, a fim de desvendar eventuais [e diferentes] formulações a partir dos dados coletados nos *corpora*, abrindo caminhos para outras pesquisas sobre a linguagem *como e em ação*.

Além disso, considerando que a “diversidade polifônica e multifacetada da língua é fundamental para promover experiências de vida entre diferentes culturas numa perspectiva intercultural, [contribuindo] para a construção de espaços que revelem ‘um modo de ser e de viver através da linguagem’ (PPPLE)” (Silva & Marques, 2022, p. 376), apontamos ainda, como possível caminho ante as lacunas deixadas por esta pesquisa, a investigação acerca da análise dos atos de linguagem presentes em outros gêneros discursivos, fundamentada em perspectivas teóricas convergentes a uma compreensão do discurso como ação no e sobre o mundo. O diálogo profícuo entre essas concepções poderá favorecer um aprofundamento dos estudos em Linguística voltados especificamente para a língua em uso, situada concretamente e baseada em contextos sociais, históricos, culturais, ideológicos e de poder relativos aos interlocutores da situação discursiva.

Finalizamos, assim, esta dissertação com a certeza de que:

Nunca poderemos compreender a construção de um enunciado (por mais autônomo e finalizado que ele nos pareça) sem considerar que ele é só um momento, uma gota no fluxo da comunicação discursiva, tão ininterrupto quanto a própria vida social e a própria história. (Volóchinov, 2019, p. 267).

Dessa forma, a partir desta pesquisa, convocamos possibilidades de outros caminhos de análise a fim de perscrutar novos olhares sobre os atos de linguagem na construção dialógico-argumentativa dos discursos acadêmicos, proporcionando eventualmente uma perspectiva de letramento que possibilite maior desenvolvimento das capacidades linguístico-discursivas dos discentes tanto no Brasil como em Portugal.

REFERÊNCIAS

- Alencar, C., Brito, G. G. M., Sousa, A. G. de B. (2020). Nova Pragmática: uma proposta crítica e emancipatória para a Linguística Aplicada. In Lima, A. H. V.; Pita, J. R.; Soares, M. E. (Org.). *Linguística Aplicada: os conceitos que todos precisam conhecer*. v. 1, São Paulo: Pimenta Cultural. 201-224.
- Amossy, R. (2007). O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. *Filol. lingüíst. port.*, n. 9, 121-146.
- Amossy, R. (2008). Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 1, 129-144, nov. 2011.
- Amossy, R. (2011). Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In Amossy, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto. 9-28.
- Amossy, R. (2016). É possível integrar a argumentação na análise do discurso? Problemas e desafios. *ReVEL*, edição especial, v. 14, n. 12, 2016. [www.revel.inf.br].
- Amossy, R. (2018 [2000]). *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto.
- Amossy, R., Pierrot, A. H. (2022). *Estereótipos e clichês*. Tradução Alena Ciulla e Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto.
- Aristóteles. (2005). *Retórica* (2. ed.). Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Austin, J. (1990 [1962]). *Quando dizer é fazer*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Authier-Revuz, J. (1990). Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cad. Est. Ling.* Campinas, 19, 25-42, jul./dez.
- Authier-Revuz, J. (1999). Dialogismo e divulgação científica. *Rua*, Campinas, 5, 9-15.
- Authier-Revuz, J. (2004). *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. EDIPUCRS.
- Bakhtin, M. (1993 [1919-1921]). *Para uma filosofia do ato*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. University of Texas Press.
- Bakhtin, M. (1997 [1979]). *Estética da criação verbal* (2. ed.). Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2002). *Questões de literatura e estética* (5. ed.). Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. Hucitec.
- Bazerman, C.; Bonini, A.; Figueiredo, D. (2017). *Genre in a changing world*. The WAC Clearinghouse; Parlor Press.
- Bernardino, R. A. dos S. (2018). Responsabilidade enunciativa em textos acadêmico-científicos: por um tratamento textual/discursivo das operações de citação. *Linha D'Água* (Online), São Paulo, v. 31, n. 1, 193-220, jan./abr. 2018.

- Bondi, M. (2010). Metadiscursive practices in Introductions: phraseology and semantic sequences across genres. *Sociology Nordic Journal of English Studies*. 10.35360/NJES.219.
- Brambila, G. (2022). O caráter não generalizante da escrita acadêmica: reflexões a partir da experiência singular. *Revista Porto das Letras*, 8 (2), 1-19.
- Bres, J., Mellet, S. (2009). Une approche dialogique des faits grammaticaux. *Langue Française*, 3 (163), 3-20.
- Bres, J., Nowakowska, A. (2006). *Dialogismo: do princípio à materialidade discursiva*. Perrin Lawrence, Significado e suas vozes. University of Metz, 21-48, Linguistic Research.
- Bres, J., et al. (Dir.). (2012). Dialogismo: linguagem, discurso. *Gramar Estudos Linguísticos Franceses*, (14). Torta Peter Lang, Bruxelas.
- Castelló, M. et al. (2011). La voz del autor em la escritura académica: una propuesta para su análisis. *Revista Signos*, 44(76), 105-117.
- Cavalcante, M. M. (2016). Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, edição especial, 14 (12), 106-124.
- Cavalcante, M. M. (2022a). O caráter incontestavelmente retórico da Linguística Textual. In Seara, I. R., Marquesi, S. C., Ferreira, L. A. (Org.). *Desafios em língua portuguesa: do olhar da Linguística Textual à perspectiva retórica-argumentativa*. Coleção Universitária / e-UAb. s.p.
- Cavalcante, M. M. (2022b). *Argumentação, argumentatividade e escrita: perspectivas teórico-analíticas*. In XVII CELE - Colóquio Nacional e VI CIELE - Colóquio Internacional sobre Escrita, Leitura e Ensino. <https://www.youtube.com/watch?v=HM7bZtz2r3c&t=11987s>. [29 jan. 2023].
- Cerdeira, L., Cabrito, B. G., Mucharreira, P. R. (2019). O crescimento do ensino superior no Portugal democrático: evolução da pós-graduação e da produção científica. *EccoS Rev. Cient.*, São Paulo, n. 51. <https://doi.org/10.5585/EccoS.n51.14974>.
- Cerdeira, L., Cabrito, B. G., Mucharreira, P. R. (2021). Expansão e regionalização do ensino superior em Portugal nas últimas décadas: um percurso contraditório. *EccoS Rev. Cient.*, São Paulo, n. 58, 1-22, e20848, jul./set. 2021.
- CESU. Brasil. *Parecer nº 977, de 13 de dezembro de 1965*. Marco conceitual e regulatório da pós-graduação brasileira. <http://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=314#anchor>. [24 mar. 2023].
- Charaudeau, P. (2008). *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto.
- Charaudeau, P., Maingueneau, D. (2020 [2002]). *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto.
- Coutinho, M. A. (2012). Dos géneros de texto à gramática. *DELTA*, v. 28, 27-50.
- Coutinho, M. A., Miranda, F. (2009). To describe genres: problems and strategies. In Bazerman, C., Bonini, A., Figueiredo, D. *Genre in a changing world*. The WAC Clearinghouse; Parlor Press.

- Duarte, I. M., Pinto, A. G. (2015). A construção do *ethos* científico: estratégias de apagamento e inscrição de si em dissertações acadêmicas. *REDIS - Revista de Estudos do Discurso*, n. 4, 2015.
- Fiad, R. S. (2017). Pesquisa e ensino de escrita: letramento acadêmico e etnografia. *Revista do GEL*, v. 14, n. 3, 86-99. <https://revistadogel.gel.org.br/>. [18 set. 2022].
- Flores, V. *et al.* (2009). *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto.
- Gil, A. C. (2008 [1991]). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6. ed.). São Paulo: Atlas.
- Gouveia, C. A. M. (2019). Como se faz uma disciplina: mapas de conhecimento e distinções operacionais sobre o que é o discurso acadêmico enquanto objeto de estudo. In Caels, F., Barbeiro, L. F., Santos, J. V. *Discurso acadêmico: uma área disciplinar em construção*. CELGA-ILTEC Universidade de Coimbra / ESECS Politécnico de Leiria. 19-42.
- Gouveia, C. A. M.; Santos, J. V. (2022). Texto e contexto: que relações? In Silva, P. N. da *et al.* *Teorias discursivas em diálogo: perspectivas e análises*. Coimbra: Editor Grácio, p. 13-50.
- Grillo, S. (2018). ‘Marxismo e filosofia da linguagem’: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. Ensaio introdutório. In Volóchinov, V. ([1929] 2018). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34. 7-79.
- Guimarães, F. T. B. (2015). *Uma análise dialógica da arquitetura do gênero acadêmico dissertação: estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Linguística Aplicada, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil.
- Hyland, K. (2005). Stance and engagement: a model of interaction in academic discourse. *Discourse Studies*, 7, 173-192.
- Hyland, K. (2008). Persuasion, interaction and the construction of knowledge: representing self and others in research writing. *International Journal of English Studies*, v. 8 (2), 2008, 1-23.
- Hyland, K. (2009). *Academic discourse*. English in a global context. London; New York: Continuum.
- Hyland, K.; Guinda, C. S. (Eds.). (2012). *Stance and voice in Written Academic Genres*. Palgrave MacMillan.
- Koch, I. V.; Elias, V. M. (2016). *Escrever e argumentar*. Contexto.
- Lebler, C. D. C.; Santorum, K. (2020). A teoria da argumentação na língua e a explicação do sentido do discurso. *Alfa*, v. 64. <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e114591>.
- Maingueneau, D. (2008). A propósito do *ethos*. In Motta, A., Salgado, L. (Org.). *Ethos discursivo*. Contexto, 11-29.
- Maingueneau, D. (2015). *Discurso e análise do discurso*. Tradução de Sírio Possenti. Parábola Editorial.

- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Parábola Editorial.
- Marques, M. A. (2020). Vozes da ciência: discurso científico e enunciação. In Nascimento, J. & Ferreira, A. (Orgs.). *Discursos Constituintes*. Blucher, 11-33. <https://hdl.handle.net/1822/68996> [13 nov. 2022].
- Minayo, M. C. de S. (2015). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Ministério de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Portugal. *Decreto-lei n° 65, de 16 de agosto de 2018*. <https://files.dre.pt/1s/2006/03/060a00/22422257.pdf>. [10 mar. 2023].
- Miranda, F. (2007). *Textos e gêneros em diálogo: uma abordagem linguística da intertextualização*. Tese (Doutoramento em Linguística) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Mussalim, F., Bentes, A. C. (2011). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos* (v. 3, 5. ed., 1. reimp.). São Paulo: Cortez.
- Padilla, C. (2018). Desafios epistêmicos e argumentativos na escrita de pós-graduação: gêneros científico-acadêmicos e trajetórias de mestrands e doutorands. *EID&A, Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*. <http://dx.doi.org/10.17648/eidea-15-1964>.
- Portolés, J. (1998). *El concepto de suficiencia argumentativa*. Signo: Universidad Autónoma de Madrid.
- Rabatel, A. (2004a). L'effacement énonciatif dans les discours rapportés et ses effets pragmatiques. *Langages*. 10.3917/lang.156.0003.
- Rabatel, A. (2004b). Effacement énonciatif et effets argumentatifs indirects dans l'incipit du *Mort qu'il faut* de Semprun. *Semen - Revue de sémio-linguistique des textes et discours*, v. 17, 1-15. 10.4000/semen.2334.
- Rabatel, A. (2014). Retorno sobre um percurso em enunciação: uma entrevista com Alain Rabatel. *Entremeios*.
- Rajagopalan, K. (1990). Dos dizeres diversos em torno do fazer. *Delta*, v. 6, n. 2, 223-254.
- Rajagopalan, K. (1996). O Austin do qual a lingüística não tomou conhecimento e a lingüística com a qual Austin sonhou. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, (30):105-115, jan./jun. 1996.
- Rajagopalan, K. (2010). *Nova Pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Rodrigues, M. das G. S. & Cabral, A. L. T. (2020). Responsabilidade enunciativa, emoções e argumentação: a violência verbal em foco. In Piris, E. L. & Rodrigues, M. das G. S. (Orgs.). *Estudos sobre argumentação no Brasil hoje: modelos teóricos e analíticos*. Natal, RN: EDUFRN. p. 292-319.
- Rodrigues, S. M. (2022). Entrevista com Margarita Correia. *Português: Língua de Muitas Pátrias*, n. 42. e-ISSN 1806-9142.
- Santos, J. V. & Silva, P. N. da. (2016). Issues of textual hybridity in a major academic genre: PhD dissertations vs. Research articles. *Redis: Revista de Estudos do Discurso*, n. 5, 171-193.

- Santos, K. C. dos. (2009). J. L. Austin e os atos de fala em diferentes domínios de estudo da linguagem. In VI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN. João Pessoa, *Anais [...]*, Ideia, p. 2202-2211.
- Seara, I. R. (2022). Entrevista com Isabel Seara. Entrevista cedida a Dennis Castanheira e Cristiane Dall' Cortivo Lebler. *Revista Rascunhos Culturais*, Coxim, MS, v. 13, n. 25, 8-21, jan./jun. 2022.
- Searle, J. R. (2000). *Mente, linguagem e sociedade: filosofia no mundo real*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Searle, J. R. (2005 [1979]). *Expression and meaning: studies in the theory of speech acts*. Cambridge University Press.
- Searle, J. R. (2011 [1969]). *Speech acts: an essay in the philosophy of language*. Cambridge University Press.
- Silva, P. N. da. (2012). Parâmetros e marcadores do gênero dissertação de mestrado: análise de um *corpus* do português europeu. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, n. 8, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 243-261.
- Silva, P. N. da (2021). O conceito de gêneros em diversos enquadramentos teóricos. In Caetano, M. C. (Org.). *Cadernos WGT: Voltar a falar em Gramática & Texto*. Lisboa: NOVA FCSH.
- Silva, P. N. da & Santos, J. V. (2020). *In my ending is my beginning: as estruturas argumentativas das seções finais em teses de doutoramento como ponto de partida para novas argumentações*. In Aquino, Z. G. O., Gonçalves-Segundo, P. R., Pinto, M. A. G. *Argumentação e discurso: fronteiras e desafios*. São Paulo: FFLCH/USP.
- Silva, P. N. da, Santos, J. V., Siteo, M. Z. (2019). Itinerários da escrita académica no ensino superior: um projeto de investigação aplicada sobre textos e gêneros. In Caels, F., Barbeiro, L. F., Santos, J. V. *Discurso académico: uma área disciplinar em construção*. CELGA-ILTEC Universidade de Coimbra / ESECS Politécnico de Leiria. 265-286.
- Silva, S. S. C. da & Marques, I. S. (2022). Ensino de língua e pluriculturalismo para a construção de identidades na sociedade pós-moderna. *Estudos Linguísticos e Literários*, (73), 357–379. <https://doi.org/10.9771/ell.i73.48644>.
- Simões, L. J. & Juchum, M. (2017). *A escrita na universidade: uma reflexão a partir do que os alunos dizem em seus textos*. <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/201.pdf>. [14 fev. 2023].
- Swales, J. (1990). *Genre analysis: English in Academic and Research Settings*. Boston: Cambridge UP.
- Swales, J. & Feak, C. B. (2012). *Academic Writing for Graduate Students. Essential Skills and Tasks* (3. ed.). Michigan ELT. <http://www.press.umich.edu/titleDetailDesc.do?id=2173936>.
- Tavares, M. J. R. & Rodrigues, M. das G. S. (2020). Responsabilidade enunciativa e ponto de vista nas “alegações finais sob a forma de memoriais” do ex-presidente Lula. *FIDES*, Natal, RN, v. 11, n 1, jan./jun.

- Torgal, L. R. (2015). A Universidade em Portugal em período de transição para a democracia e para o neoliberalismo. *Espacio, Tiempo y Educación*, 2(2), 155-171.
- Vallejo, I. (2019). *O infinito num junco*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Volóchinov, V. (2018 [1929]). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34. 376 p.
- Volóchinov, V. (2019). *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34. 400 p.
- Wittgenstein, L. (2017). *Investigações filosóficas* (Philosophische Untersuchungen). Edição bilingue alemão/português. Apresentação, tradução e notas João José R. L. de Almeida. Wittgenstein Translations.

REFERÊNCIAS DOS *CORPORA*

CORPUS BRASIL⁷²

- Armando, R. Q. (2018). *Manifestação do objeto direto anafórico em esfera escolar EJA: a gramática do letrado*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro. <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/6967>
- Barutti, G. P. (2020). *Perguntas retóricas no plenário do Supremo Tribunal Federal*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Mackenzie. <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/26560>
- Copello, C. S. (2018). *Análise linguística de textos jornalísticos sobre o processo de impeachment da Presidente Dilma Rousseff*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pelotas. <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4066>
- Jesús, R. C. de S. (2017). *Linguagem e errância em Madame Bovary*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade Católica de Pernambuco. <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/838>
- Kemmer, L. G. S. (2018). *O ensino-aprendizado afeto-cognitivo de sujeitos bilíngues em uma atividade de Circle Time*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21337>
- Lemos, M. C. L. de. (2020). *Plano discursivo em perspectiva funcional: mecanismos textual-discursivos e pragmáticos em artigos de opinião*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29151>
- Lignani, B. C. L. (2022). *Previsão de contraste em sentenças com advérbio focalizador e clivagem em Português Brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Juiz de Fora. <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14074>
- Lopes, T. T. C. (2017). *Onomástica em Parkatejê: um estudo morfossintático e semântico sobre os nomes próprios*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Pará. <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/10185>
- Oliveira, A. M. D. A. de. (2019). *Oralidade em práticas na educação infantil*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16887>
- Xavier, E. G. (2019). *Discursos acadêmicos sobre os Terena e religião: um estado da arte*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Grande Dourados. <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1820>

⁷² Extraído do site: <https://bdt.d.ibict.br/vufind/>.

REFERÊNCIAS DOS *CORPORA*

CORPUS PORTUGAL⁷³

- Bento, V. F. C. (2022). *Autocensura e persuasão: marcas linguísticas e retóricas em Auto da Cananeia (1534), episódio do Velho do Restelo do Canto IV d'Os Lusíadas (1572) e a natureza dos implícitos na História do Futuro (1665)*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa) - Universidade Aberta. <http://hdl.handle.net/10400.2/11955>
- Gao, C. (2021). *Aquisição de elipse de VP no português europeu como língua não materna por falantes nativos de chinês mandarim*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/47754>
- Loureiro, T. N. R. P. G. (2021). *Valores aspetuais do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito na aquisição/aprendizagem do português como língua não materna*. Dissertação (Mestrado em Português como Língua Estrangeira/Língua Segunda) - Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/93782>
- Mesquita, J. R. P. (2020). *A recomplementação no PE*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/41970>
- Mouta, T. (2019). *Bo, tu e você: vértices do Triângulo das Bermudas do sistema de tratamento do emergente português de Cabo Verde*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino) - Universidade Aberta. <http://hdl.handle.net/10400.2/10048>
- Quintanilha, V. D. C. (2021). *Combatendo as fake news sobre o SARS- CoV-2: o revisor como um fact-checker*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem - Consultoria e Revisão Linguística) - Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/128081>
- Simiao, Z. (2021). *Fenómenos comuns de interferência linguística na aprendizagem de português escrito por alunos chineses*. Dissertação (Mestrado em Português como Língua Segunda e Estrangeira) - Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/117654>
- Sousa, F. M. G. de. (2021). *O primeiro contacto com a Língua Portuguesa: do Português Língua Não Materna ao Português Língua Estrangeira (níveis A1)*. Dissertação (Mestrado em Linguística: Sociedade e Culturas) - Universidade da Madeira. <http://hdl.handle.net/10400.13/4101>
- Wang, C. I. (2019). *O ensino de português LE/LS baseado em tarefas na perspetiva da Linguística Cognitiva*. Dissertação (Mestrado em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda) - Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/28033>
- Xin, L. (2019). *Contributos para a análise do ato ilocutório de crítica numa perspetiva contrastiva: o caso dos aprendentes chineses de PLE*. Dissertação (Mestrado em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda (PLELS)) - Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/93347>

⁷³ Extraído do site: <https://www.rcaap.pt/>.